



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
APLICADAS**

CAROLINA BRAZ GÓES

**Percepções dos pesquisadores da produção animal sobre o
abolicionismo animalista**

**Perceptions of animal production researchers on the abolitionist
movement**

LIMEIRA

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
APLICADAS

CAROLINA BRAZ GÓES

**Percepções dos pesquisadores da produção animal sobre o
abolicionismo animalista**

**Perceptions of animal production researchers on the abolitionist
movement**

Dissertação de Mestrado apresentada para a Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Master Dissertation presented to the Faculty of Applied Sciences of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master in Applied Human and Social Sciences

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lais Fraga

Co-orientador: Prof^o. Dr^o. Mauro Simões

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA CAROLINA
BRAZ GÓES, ORIENTADA PELA
PROF.^a DR.^a LAIS FRAGA E CO-
ORIENTADO PELO PROF.^o DR.^o
MAURO SIMÕES.

LIMEIRA

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

G553p Góes, Carolina Braz, 1988-
Percepções dos pesquisadores da produção animal sobre o abolicionismo animalista / Carolina Braz Góes. – Limeira, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Lais Silveira Fraga.

Coorientador: Mauro Cardoso Simões.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Agropecuária. 2. Indústria animal. 3. Animalismo. 4. Estudos críticos animais. 5. Animais. I. Fraga, Lais Silveira, 1980-. II. Simões, Mauro Cardoso, 1973-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Perceptions of animal production researchers on the abolitionist movement

Palavras-chave em inglês:

Livestock

Animal industry

Animalism

Critical animal studies

Animals

Área de concentração: Modernidade e Políticas Públicas

Titulação: Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Banca examinadora:

Lais Silveira Fraga [Orientador]

Julicristie Machado de Oliveira

Ana Paula Perrota Franco

Data de defesa: 14-03-2019

Programa de Pós-Graduação: Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3325-2672>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0704562652654110>

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Carolina Braz Góes

Título: Percepções dos pesquisadores da produção animal sobre o abolicionismo animalista

Natureza: Dissertação de Mestrado em Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

Aprovado em: 14/03/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Lais Silveira Fraga - Presidente
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Prof^ª. Dr^ª. Julicristie Machado de Oliveira
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Perrota Franco
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação aprovada

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP.

Dedico este trabalho aos carnistas e aos damascenos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Lais Fraga pelas ótimas orientações, que sempre somaram muito no trabalho e no meu crescimento pessoal e profissional. Conhecer seu trabalho, sua dedicação e engajamento com a preparação das aulas e das disciplinas me inspirou com a carreira na educação. Agradeço, principalmente, pela paciência que teve comigo e pelo empenho e seriedade com a orientação.

Agradeço ao Prof^º. Dr^º. Mauro Simões pela ótima co-orientação, sempre observando os detalhes importantes da escrita e contribuindo com pensamentos, com o texto e etc. Agradeço, principalmente, pelos incentivos.

Agradeço aos professores(as) que contribuíram na minha formação acadêmica durante o mestrado, compartilhando seus refinados conhecimentos. Gratidão ao Prof^ª Dr^º. Rafael Dias, Prof^ª. Dr^ª. Julicristie Machado, Prof^º. Dr^ª. Caroline Cantarino, Prof^ª. Dr^ª. Sandra Gemma, Prof^º. Dr^º. Eduardo Marandola, Prof^ª. Dr^ª. Milena Serafim, Prof^ª. Dr^º. Roberto Donato, Prof^º. Dr^º. Mauro Simões, Prof^ª. Dr^ª. Lais Fraga, Prof^º. Dr^º. Oswaldo Gonçalves Jr e Prof^º. Dr^º. João José.

As experiências nos Programas de Estágios Docentes (PED) foram muito importantes para meu aprimoramento como professora. Agradeço o aprendizado no PED e agradeço, principalmente, às professoras Dr^ª. Muriel Gavira e Dr^ª. Sandra Gemma. Agradeço também à Prof^ª. Caroline Cantarino e à Stephanie Maldonado (PED de Ética e Cidadania) por me convidarem para ministrar aula sobre Direito Animal.

As convidadas da banca de qualificação e defesa contribuíram muito com o trabalho e agradeço pela participação e colaboração à Prof^ª. Ana Paula Perrota Franco, Prof^ª. Lais Fraga, Prof^ª. Caroline Cantarino e Prof^ª Julicristie Oliveira. Agradeço também aos professores Prof^º Dr. Rafael Dias e Prof^º Dr. Thales Tréz.

Agradeço aos amigos que auxiliaram diretamente neste trabalho: Amanda Doimo, Ariely Stefan, MSc. Beatriz Ribeiro, Prof^ª. MSc Amanda Stefan, MSc.

Rafael Martarello, Waldir Simão, Emiliana Nogueira, Maria Helena, Patrícia Braz, George Takayama e Prof^o. Dr^o Gustavo Capellini.

Agradeço minha família e meu companheiro por todo apoio e esforço, principalmente, em relação ao incentivo, apoio e inspiração aos estudos.

Agradeço também as oportunidades e incentivos da UNICAMP para participar de congressos, eventos e encontros sobre ética animal, principalmente ao evento com a participação da Prof^a. Dr^a. Sônia Felipe na UNICAMP, Dr^a. Maria Castellano (USP e UNICAMP), Prof^o. Dr^o. Daniel Lourenço (UFF) e aos eventos de direito animal organizados pelo MSc. Mauro Cerri (OAB) e pela equipe do Prof^o. Dr^o. Luiz Normanha Lima (UNESP).

“Reexamine tudo o que lhe foi dito, rejeite o que insulta
sua alma.”

Walt Whitman

RESUMO

A condição dos animais-não-humanos é um assunto que demonstra pluralidade de ideias e pensamentos. Nota-se que a situação moral dos animais não é estável e há marcos históricos e jurídicos que evidenciam mudanças paradigmáticas que, por vezes, são fomentadas por ações de movimentos sociais. A mudança da produção animal que aconteceu, principalmente, depois da revolução verde, fomentou o agronegócio convencional e industrial, o que reverberou problemáticas no âmbito socioambiental, de saúde pública, social, econômico, e, sobretudo, nas discussões sobre ética, direito animal e temas interdisciplinares, já que a industrialização intensificou a coisificação dos animais e a invisibilização do sofrimento animal nas indústrias. Os animais são sencientes, capazes de sentir dor e emoções. Os pesquisadores que defendem os animais enquanto sujeitos-de-direitos são abolicionistas animalistas acadêmicos e alguns compõem a vertente dos Estudos Críticos Animais (ECA), e os integrantes do movimento social desta vertente são veganos, se auto intitulam abolicionistas animalistas e buscam abolir qualquer exploração animal (humana ou não-humana). O veganismo tem crescido, entretanto o consumo de animais também. Entrevistou-se seis pesquisadores da produção animal (de três universidades públicas do Estado de São Paulo, Brasil), selecionou-se oito categorias de análise e discutiu-se o conteúdo, sobretudo, à luz das obras de abolicionistas acadêmicos e dos Estudos Críticos Animais (ECA). Os resultados evidenciam escasso conhecimento sobre o abolicionismo e sobre as contestações e controvérsias; naturalização e autorização moral da violência contra os animais; ínfimo diálogo entre os entrevistados e ativistas; fomento e reafirmação do especismo, principalmente do especismo eletivo; escasso conhecimento da problemática socioambiental relacionada à agropecuária convencional; cultura de violência em relação a específicas espécies de animais-não-humanos; impactos causados pelo movimento abolicionista na agropecuária e radicalismo nas duas ideologias (veganismo e especismo).

Palavras-chave: agropecuária; indústria animal; animalismo; estudos críticos animais, animais.

ABSTRACT

The condition of non-human animals is a subject that demonstrates plurality of ideas and thoughts. It is noted that the moral situation of the animals is not stable and there are historical and legal landmarks that show paradigmatic changes, which are sometimes fostered by the actions of social movements. The change in animal production that took place mainly after the green revolution, fomented the conventional and industrial agribusiness, which reverberated problems in socio-environmental, public health, social, economic, and especially in the discussions on ethics, animal rights and interdisciplinary themes, since industrialization intensified the reification of animals and the invisibility of animal suffering in industries. Animals are sentient, capable of feeling pain and emotions. Researchers who defend animals as rights-holders are abolitionist academic and some make up the Animal Critical Studies (CAS) strand, and the members of the abolitionism movement are vegans, self-titled abolitionists, and seek to abolish animal exploitation (human or non-human). Veganism has grown, though the consumption of animals as well. Six researchers of the animal production (from three public universities of the State of São Paulo, Brazil) were interviewed, eight categories of analysis were selected and the content discussed, especially in light of academic abolitionism and Critical Animal Studies works. The results show little knowledge about abolitionism and about disputes and controversies; naturalization and moral authorization of violence against animals; minimal dialogue between the interviewees and activists; fomentation and reaffirmation of speciesism, especially elective speciesism; scarce knowledge of socio-environmental problems related to conventional farming; culture of violence in relation to specific non-human animal species; impacts caused by the abolitionist movement in agriculture and livestock; and radicalism in both ideologies (veganism and speciesism).

Keywords: livestock; animal industry; animalism, critical animal studies, animals.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ALF – Animal Liberation Front

ANDA – Agencia Nacional de Notícia Animal

APC - Antibióticos Promotores De Crescimento

BBC - British Broadcasting Corporation

CAS – Critical Animal Studies

CEP - Comitê De Ética Em Pesquisa

CF - Constituição Federal

CNPQ - Conselho Nacional De Desenvolvimento Científico E Tecnológico

ECA - Estudos Críticos Animais

ECVAM - European Committee For Validation Of Alternative Methods

FAO - Organização Das Nações Unidas Para Agricultura e Alimentação

FDA - Food and Drugs Administration

GAEMA - Grupo De Atuação Especial De Defesa Do Meio Ambiente

GFN - Global Footprint Network

HAS - Human-Animal Studies

HIS - Humane Society International

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ICHSA - Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

IPCC - O Intergovernmental Panel On Climate Chang

MAPA - Ministério Da Agricultura, Pecuária E Abastecimento

MP - Ministério Público

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OIE - Organização Mundial De Saúde Animal

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

P&D - Pesquisa E Desenvolvimento

PCRM - Comitê Médicos Pela Medicina Responsável

PEC - Emenda Na Constituição Brasileira

PED – Programa de Estágio Docente

PETA - People for the Ethical Treatment of Animals

PF - Polícia Federal

SUIPA - Sociedade União Infantil Protetora Dos Animais

UIPA - União Internacional Protetora Dos Animais

UNESCO – Organização Das Nações Unidas Para A Educação, Ciência E Cultura)

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP - Universidade De São Paulo

WWF - World Wide Fund For Nature

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nomes fictícios e sexo dos entrevistados	97
Tabela 2 - Informações referentes às entrevistas	101

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. ANIMAIS: MÁQUINAS, COISAS OU SERES DE DIREITOS?

1.1. A condição animal no Ocidente.....	29
1.2. Questão animal no Brasil.....	38
1.3. A literatura crítica do especismo.....	45
1.4. O especismo bem-estarista.....	51
1.5. Alcances e limites do biocentrismo na questão animal.....	58
1.6. Sencientismo, abolicionismo animalista e os ECA.....	62

CAPÍTULO 2. A FABRICAÇÃO DE ANIMAIS EM SÉRIE

2.1. A vida e a morte na produção industrial de animais.....	69
2.2. Indústria animal e tecnologias.....	79
2.3. Exposição e ocultação da indústria animal.....	85

CAPÍTULO 3. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1. Percurso teórico-metodológico.....	92
3.2. Mapeamento e delimitação do objeto de estudo.....	94
3.3. Triagem das entrevistas.....	96
3.4. Método de análises das entrevistas.....	97
3.5. Tratamento das entrevistas.....	100

CAPÍTULO 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Apresentação dos conteúdos coletados.....	103
4.2. Categorização para análise.....	114
4.3. Banalidade do mal.....	115
4.4. Ações impositivas.....	120
4.5. Especismo.....	121
4.6. Especismo eletivo.....	122
4.7. Comunicação.....	125
4.8. Relação.....	126
4.9. Socioambiental.....	128
4.10. Cultura de violência.....	131
4.11. Discussão dos resultados a partir dos ECA e da literatura animalista.....	135

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	153
-------------------------	------------

APÊNDICE I. Roteiro norteador para entrevista não estruturada.....	178
--------------------------------------------------------------------	-----

APÊNDICE II. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	179
---------------------------------------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Contexto da pesquisa, problemática geral e escolha teórica

Os animais-não-humanos são utilizados pelos humanos para diversas finalidades há séculos (EMBRAPA, 2018). Com a industrialização, a produção animal, outrora realizada em pequena escala, passou a ser em série, assim como na maior parte das indústrias, aumentando a quantidade de animais explorados e intensificando o modo de criar, matar, processar, comercializar, descartar resíduos, entre outras partes do processo industrial. A mudança (de fazenda para indústria) forjada no capitalismo e no consumismo (BUZBY, 2015; OLIVEIRA, 2015) tem influência da revolução verde, que fomentou a despolitização, neutralização e naturalização do domínio da natureza, em meados de 1950 (PORTO-GONÇALVES, 2004).

A utilização e exploração de animais por humanos tem sido palco de efervescentes discussões ao longo das últimas décadas (BOBBIO, 1992). A situação moral dos animais apresenta mudanças na história, de acordo com intervenções também humanas, como, por exemplo, movimentos sociais¹. As transformações morais podem corroborar mudanças de legislação, normas, constituição, entre outros, no âmbito jurídico (VICENTE, 2012; RAMIRO, 2011), e também mudanças no âmbito da educação, como disciplinas, cursos e discussões acadêmicas entre pensadores e cientistas (CASTELLANO & SORRENTINO, 2014; FAVRE, 2014).

As complexas problemáticas da produção animal, segundo Felipe (2012), geram implicações negativas no âmbito da ética, do meio ambiente e também da nutrição humana. Além disso, esta indústria é envolvida com insegurança alimentar (PORTO-GONÇALVES, 2004), corrupções e intensos envolvimento políticos (CHAVES, 2017a; ESTADÃO, 2017; G1, 2017c; BALZA, 2014). De acordo com Franco (2016) e Twine (2012) o modelo de criação e abate industrial vigente é envolvido com várias problemáticas sociais, também de ordem ambiental, trabalhista, sanitária, e diversas problemáticas

¹Grupos sociais, organizações não governamentais (ONG's) e movimentos sociais por vezes vão às ruas e aos parlamentos manifestar posicionamentos contrários àqueles que a ciência e a tecnologia anunciaram como corretos (RAMIRO, 2011; VICENTE, 2012).

relacionadas às más condições físicas e emocionais dos animais humanos e principalmente, dos não-humanos, entre outras.

Os animais-não-humanos são percebidos como coisas (TINOCO E CORREIA, 2014), sendo usados para fins humanos em atividades das mais diversas, como vestuário, entretenimento, força física, experimentações científicas, alimentação, e são intensamente produzidos para diversos mercados, como por exemplo: animais de estimação (de raças moralmente valorizadas), animais utilizados em laboratórios de pesquisa empresarial e científica, animais da indústria de pele para vestimentas humanas, animais aquáticos de produção alimentícia humana, animais utilizados em rinhas, animais utilizados em extrações de bile, insetos (culinárias ou corantes naturais), animais produzidos para comércio de zoológico, produção de animais exóticos para comércio legal ou ilegal, entre outros tipos (REGAN, 2006) Regan (2006) afirma que os animais são sujeitos-de-si-mesmos e que devem ter direito a suas próprias vidas e não serem usados pelos humanos, representando o pensamento abolicionista. A problematização em relação ao uso dos animais é intensa e envolve questões culturais, morais, econômicas, mercadológicas, linguísticas, ideológicas, educacionais, religiosas, científicas, éticas, epistemológicas, históricas, assim como, hábitos, costumes, formas e construções de pensamentos, entre outras.

As organizações internacionais em prol dos animais, com mais alcance de visibilidade nas últimas décadas são, por exemplo, a People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), Animal Liberation Front (ALF), Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals, Mercy for Animals, Animal Equality, Animal Save, The Save Movement, Meet the Truth, entre outras, e no Brasil, além de diversas extensões destas organizações internacionais, há a União Internacional Protetora dos Animais (UIPA), a Sociedade União Infantil Protetora dos Animais (SUIPA), Projeto Esperança Animal (PEA), Instituto Abolicionista Animal (IAA), Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade (VEDDAS), projetos como o Vegflix, entre outros. Artigos² e livros

²FELIPE, Sônia T. Abolicionismo: Igualdade sem discriminação. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 3, n. 4, 2014.

abordam especificamente este tema (FELIPE, 2014) que é complexo e não esgotável, visto que, há movimentos internacionais que alcançam visibilidade, mas também há diversos movimentos e organizações em âmbitos nacionais, estaduais, regionais, municipais e ainda anônimos, grupos restritos, grupos com atividades específicas, como grupos de estudos ou grupo de ações, entre outras. Entre os grupos também há diversidade de escolas de pensamento, sendo assim, há grupos que defendem os direitos de todos os animais e há grupos que defendem direitos de espécies específicas, há também instituições que se dedicam aos cuidados de animais resgatados em ações, como santuários e projetos educacionais como programas, desenvolvimento de livros e outros instrumentos de educação antiespecista.

Percebe-se o crescimento³ do veganismo no mundo (SVB, 2018), assim como a conquista de visibilidade de produtos sem ingredientes animais, demonstrado pela mudança no mercado, que aponta crescimento do mercado alimentício vegetariano e vegetariano estrito (dieta que não consome nenhum ingrediente de origem animal ou que tenha sido testado em animais). Carreiro (2017) afirma que o mercado de produtos vegetariano estrito cresce 40% por ano no Brasil. IBOPE (2018) aponta que 14% dos brasileiros são vegetarianos. ANDA (2018b) apresenta pesquisa publicada na *Food Revolution* afirmando que nos EUA houve um aumento de 600% de veganos nos últimos três anos. Contudo, ainda que haja um crescimento do veganismo, o consumo de animais também cresce. Formigoni (2018) afirma que o crescimento previsto para o consumo de carne mundial, por ano é de 1,2% para porcos, 1% para bois e 2% para frangos. Segundo FAO (2014) o consumo de carne vai crescer 70% até 2050.

As problemáticas apresentadas em relação ao contexto da pesquisa indicam que este campo (tanto da exploração dos animais quanto do

³Os dados de pesquisa do Google Trends mostram aumento mundial no interesse em buscas pela palavra veganismo de 2004 a 2018. As principais regiões incluem Israel, Austrália, Canadá, Áustria e Nova Zelândia. 2018. Cf. <https://foodrevolution.org/blog/vegan-statistics-global/>. Segundo o Google Trends, a maior busca das palavras “veganismo” e “vegano” no Brasil acontece no Estado de São Paulo. Além disso, atualmente no Reino Unido 8% da população é vegana e a China prevê aumentar em 17% o mercado de produtos veganos (ANDA, 2018b).

desenvolvimento tecnológico e científico) está em atual e efervescente discussão na academia e na sociedade em geral. O crescimento da discussão do tema se mostra pelo crescimento do movimento animalista (veganismo) e do aumento de número de pessoas que decidiram seguir dieta vegetariana estrita, assim como, pelo crescimento da abordagem deste tema em mídias nacionais e internacionais. Tal cenário de preocupação e discussão dos temas justificam a necessidade e importância desta pesquisa, cenário de discussão aberto na ciência, afinal, há cientistas e pensadores que defendem a perpetuação do uso dos animais e da agropecuária convencional e há cientistas e pensadores que defendem que os animais devem ser livres, ter direitos e serem sujeitos-de-si-mesmos, em outras palavras, a questão dos animais se apresenta como controversa.

O objetivo desta pesquisa é compreender as percepções (e possíveis relações) dos pesquisadores acadêmicos envolvidos com o desenvolvimento científico e tecnológico da agropecuária convencional no Estado de São Paulo. Pretende-se conhecer as perspectivas destes atores em relação ao movimento social que luta pelos direitos animais, especificamente a vertente abolicionismo animalista, que prevê o alargamento da esfera moral humana, incluindo os animais-não-humanos no círculo de consideração moral e que também, prevê a extinção do uso dos animais para interesses humanos). Por isso, almeja-se descobrir quais são as informações que os sujeitos-objeto da pesquisa têm sobre o movimento e seus possíveis impactos no trabalho destes profissionais. Almeja-se também compreender como eles lidam cientificamente com as contestações sociais e com as controvérsias científicas apresentadas pelo movimento social. Para alcançar os objetivos traçados, a pesquisa conta com entrevistas e análises de conteúdo, seleção de categorias e discussões sob a luz dos ECA e de outros autores abolicionistas animalistas.

Algumas questões deram origem à pesquisa: O que os sujeitos-objetos da pesquisa pensam sobre a possível relação entre o movimento e o desenvolvimento tecnológico agropecuário? Qual a perspectiva deles sobre o movimento? Além disso, qual a trajetória de vida deles? O que os incentivaram a direcionar seus esforços na área de produção animal?

No que se refere ao estudo de campo, após mapeamento de Institutos, Universidades e Faculdades que trabalham com desenvolvimento científico e tecnológico agropecuário, decidiu-se fazer o recorte geográfico no Estado de São Paulo, principalmente, por haver concentração de centros de referência neste setor. Marques & Silva (2014) comentam que a partir de 1886 o centro econômico do Brasil foi transferido e investido no Estado de São Paulo, o que levou ao maior desenvolvimento da educação pública, sendo o setor agrícola um dos que teve o maior foco de atenção. Marques & Silva (2014) acreditam que o fato de o Instituto Agrônomo ter sido transferido para Campinas (SP), também influenciou no desenvolvimento deste setor no Estado de São Paulo, e principalmente no desenvolvimento tecnológico. Lembrando que além da região ser o recorte geográfico é também um recorte do modelo industrial, pois considera-se que em outros Estados do Brasil e em outros países os modelos de agropecuária industrial são diferentes, assim como os movimentos sociais têm atuação e visibilidade diferentes em outras regiões.

A partir de pesquisa, encontrou-se centros de referência neste setor nas cidades: Piracicaba, Botucatu, Araras e Pirassununga, respectivamente na Universidade de São Paulo (USP), especificamente na Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' (ESALQ), no Departamento de Zootecnia do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens; na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), especificamente na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e Pós-Graduação em Zootecnia; na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especificamente no Departamento de Biotecnologia e Produção Vegetal e Animal e na Universidade Estadual de São Paulo (USP), especificamente na Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA).

A partir de tal mapeamento, decidiu-se focar, para a pesquisa de campo, as três universidades citadas anteriormente (USP, UNESP e UFSCar), visto que, a pluralidade de respostas é importante para garantir a qualidade da análise de conteúdo, assim como para encontrar pesquisadores com trajetórias consolidadas.

Como resultado selecionou-se oito categorias de análise, a partir das entrevistas, e que demonstram aderência ao objetivo central da pesquisa e a

proposta de análise. São elas: 1. Banalidade do mal (aborda a naturalização da violência e aceitação do padrão de violência normatizada); 2. Ações impositivas (inflexibilidade por parte dos animalistas e dos carnistas/especistas); 3. Especismo (preconceitos de espécie e domínio de espécies de animais-não-humanos); 4. Especismo eletivo (hierarquização da consideração moral entre diferentes espécies animais); 5. Comunicação (há falta de diálogo entre ativistas e envolvidos com produção animal); 6. Relação (relações entre animalistas abolicionistas e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária convencional); 7. Socioambiental (contestações e controvérsias em relação ao uso de animais e suas reverberações socioambientais) e 8. Cultura de violência (existência de tipos de explorações de animais aceitáveis e tipos não aceitáveis). Para cada categoria apresentou-se trechos das entrevistas, explicou-se e observou-se a partir da perspectiva dos ECA e do abolicionismo acadêmico.

Apresentação dos capítulos

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, sendo resumidamente: revisão bibliográfica da situação moral dos animais e apresentação histórica do animalismo; revisão bibliográfica das indústrias animais modernas; percurso teórico metodológico; resultados, discussão e considerações finais. Faz-se aqui apresentação de cada capítulo.

No primeiro capítulo desta dissertação apresenta-se o histórico da situação moral dos animais, portanto, aborda-se fatos e pensadores de repercussão, eventos e livros marcantes por serem inéditos e também por alcançarem visibilidade, assim como o início do movimento animalista e seus sujeitos. Também são apresentados os conceitos e princípios mais abordados nos ECA e no abolicionismo animalista, como especismo, bem-estarismo, biocentrismo, antropocentrismo, sencientismo, abolicionismo, entre outros, assim como suas relações e diferenças. Esse conteúdo tem como objetivo apresentar ao leitor como a discussão acerca da situação moral dos animais sofreu mudanças ao longo da história e como se apresenta no contemporâneo, além de apresentar como se iniciaram os grupos que lutam pelos direitos animais e explicar os principais conceitos neste campo de estudo.

No segundo capítulo apresenta-se o histórico e contemporâneo da indústria animal, assim como suas tecnologias convencionais. É exposto diálogo entre autores de diferentes vertentes dos estudos animais, explicitando a pluralidade de ideias, culturas e modos de pensar. Também se discute as contraposições em relação à indústria animal e os atores que a permeiam. O objetivo, portanto, é contextualizar a indústria animal.

O terceiro capítulo é, sobretudo, sobre os percursos teóricos metodológicos. Os ECA e as contribuições dos autores abolicionistas animalistas acadêmicos são vertentes de pensamento selecionadas para olhar os dados, em outras palavras, as “lentes” por onde se observa o conteúdo da pesquisa. Ademais se explica sobre a triagem e o tratamento das entrevistas, além de apresentar detalhadamente a seleção das categorias (BARDIN, 2011), surgidas nas próprias falas, o que é o conteúdo principal a ser analisado (MINAYO, 1993). Apresenta-se o conteúdo coletado a partir das entrevistas, no geral.

No quarto e último capítulo apresenta-se a análise realizada, isto é, os dados coletados na pesquisa e lidos a partir do arcabouço teórico metodológico. Apresenta-se também trechos das entrevistas e as considerações finais, assim como, apontamentos de novas possibilidades de pesquisas ou continuções, e também observações e implicações principais.

Termos, conceitos e definições

Franco (2016) afirma que é necessário focar o estudo e a pesquisa em uma única direção, pois há muitos tipos de criação e abate animal e que cada um tem características, problemáticas e complexidades diferentes. Sendo assim, faz-se necessário esclarecimento de alguns termos e conceitos nesta dissertação, já que, por exemplo, “animais” podem representar tanto todas as espécies de animais, quanto um número determinado de espécies de animais diferentes. No primeiro capítulo, o termo “animal” é utilizado de forma ampla, considerando todos os animais (exceto os animais humanos), pois neste capítulo é abordada a situação moral dos animais, de um modo geral.

Já no segundo ao quarto capítulo há um recorte na pesquisa, que enfatiza os animais comumente utilizados na pecuária, dessa forma, a partir do segundo capítulo, o termo “animal” ou “animais” é utilizado, geralmente, para fazer referência aos animais convencionalmente utilizados na agropecuária, como por exemplo, bois e vacas, porcos e porcas, galinhas, frangos, búfalos e búfalas, cabras e bodes, ovelhas e carneiros, patos e patas e outras espécies consideradas como convencionais de uso neste setor industrial do Brasil. O motivo deste recorte é que esta pesquisa visa compreender aspectos no campo do desenvolvimento tecnológico da agropecuária e prevê entrevistas com pesquisadores desta área, ou seja, Zootecnia e similar.

Outras produções animais são voltadas a outras áreas de pesquisa. Os pesquisadores da área de animais aquáticos, por exemplo, além da zootecnia, estão divididos com uma área conhecida como engenharia de pesca, já os produtores de serpentes, animais exóticos e silvestres costumam também estar na biologia, a produção de animais comumente considerados de estimação, quando contam com um profissional, costuma ser médico veterinário e assim por diante. Desta forma, o recorte desta pesquisa está na área da zootecnia e da agropecuária.

Esclarece-se que o termo empregado nesta dissertação como Zootecnia se refere ao termo mais utilizado no português e nas línguas latinas e no Francês (*Zootchnie*), mas no Inglês o termo é usualmente utilizado como *Animal Science* (FERREIRA, *et al*, 2006). Embora no Brasil também seja utilizado o termo Ciência Animal, além de Zootecnia.

Já o termo que designa os estudos da relação humanos-animais (para além do Direito Animal) é conhecido no Inglês como *Human-Animal Studies (HAS)* e no Brasil é conhecido como estudos animais. Uma das vertentes são os estudos abolicionistas animalistas, geralmente pesquisado e estudado por militantes acadêmicos. Há um campo de estudo acadêmico focado em abolicionismo animalista que é chamado *Critical Animal Studies (CAS)* ou no português, Estudos Críticos Animais (ECA) (CASTELLANO, 2015), porém nem todos os autores e militantes abolicionistas animalistas fazem parte deste campo, pois os ECA têm princípios para além do abolicionismo animalista, como por exemplo, a libertação total, o anarquismo e

o interseccionismo. No Brasil, é usual encontrar o termo abolicionismo para designar os ECA na academia, pois é uma área de estudo e pesquisa acadêmica que tem como princípio o engajamento político dos pesquisadores e o pensamento crítico em relação aos animais.

Explica-se que há pluralidade na luta pelos direitos animais. Pela vivência no movimento, a pesquisadora afirma que o movimento específico que luta pelo fim de qualquer exploração de qualquer espécie animal, mundialmente, se autodeclara como abolicionista. Em diversos países o movimento também se autodeclara como abolicionista e, em outros, é também autodeclarado como movimento animalista ou de libertação animal. Porém, no Brasil, o termo mais utilizado, autodeclarado e mais conhecido é o abolicionismo, por este motivo escolheu-se o termo abolicionismo nesta dissertação.

O termo abolicionismo é utilizado nesta dissertação, pois o próprio movimento se autodeclara e auto-intitula deste modo. Utiliza-se o termo animalista após o termo abolicionismo para enfatizar que se diz respeito à escravidão animal-não-humana, e para utilizar também o termo usado em outros países, que é o animalismo. Não se pretende, nesta dissertação, abordar estudos de relação de opressões. Para este assunto indica-se conferir Felipe (2014d) e o livro "*The Dreaded Comparison: human and animal slavery*" de Marjorie Spiegel (1988) onde Alice Walker escreve no prefácio "Os animais do mundo existem por suas próprias razões. Não foram feitos para os humanos, do mesmo modo que os negros não foram feitos para os brancos e as mulheres para os homens". Sobre os termos nos estudos animais conferir Calire Jean Kim, pesquisadora das relações entre explorações, que esclarece sobre o termo abolicionismo nos estudos animais, no livro "*Critical Terms for Animal Studies*". Conferir também Angela Davis, que aborda a relação entre a libertação humana e animal e discursa sobre este assunto na 17ª Palestra do

Memorial Steve Biko, realizada na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul e na 7ª edição da *Empowering Women of Color*⁴.

Explica-se, pela vivência da pesquisadora no movimento, outros termos que também fazem confusão. Vegetariano se refere a pessoas que não comem corpos de animais, mas comem outros produtos elaborados com ingredientes animais. Vegetariano estrito se refere àqueles que não consomem nenhum produto de origem animal ou testado em animais, mas não são militantes políticos desta causa. Segundo a perspectiva dos ECA, vegano é um termo político que se refere aos abolicionistas, que não consomem nada de origem animal ou de explorações animais (humanos e não-humanos). De acordo com Nibert (2013) apud Dionne (2013) o veganismo é uma conduta anti-hegemônica e anticapitalista, que prevê o fim das opressões e da dominação dos animais (humanos e não-humanos), assim como libertação da Terra.

Alguns sites listam organizações mundiais⁵ em prol dos animais, porém há diversas organizações nacionais, estaduais, regionais e locais espalhadas pelo mundo. Ferrigno (2012) faz estudo etnográfico em congressos, manifestações públicas e encontros veganos e relata-se que ao pesquisar, as plataformas de pesquisa direcionam para outros tipos de movimentos que não consomem animais, mas que não são abolicionistas como grupos *punk* e *undergrounds*, grupos espirituais ou religiosos, grupos anti-hegemônicos, anticapitalistas que não consomem animais, mas não se autodeclaram abolicionistas, como praticantes de frugivorismo, crudivorismo, locavorismo, freeganismo, entre outros.

As explicações sobre os termos mostram-se como tema de extrema importância, pois a língua é instrumento político e ideológico, utilizado

⁴Cf. em: <https://www.counterpunch.org/2014/01/24/vegan-angela-davis-connects-human-and-animal-liberation/>

Cf. em: <https://mercyforanimals.org/angela-davis-feminist-civil-rights-activist>.

⁵Cf. <https://www.vegan.com/nonprofits/>;

http://www.soystache.com/vegetarian_organizations.htm;

<https://www.humanedecisions.com/vegan-vegetarian-and-farm-animal-advocacy-organizations/>;

<http://www.vegansouls.com/top-vegan-organizations>.

Para mais informações, Cf. PENDEGRAST, Nick. Veganism, organisational considerations and animal advocacy campaigns. In: **Humanities Graduate Research Conference**. 2011.

historicamente para fortalecer sistemas de crenças e ideologias ou enfraquece-las. Joy (2001) afirma que no que diz respeito aos animais a linguística⁶ é um dos principais fatores para se alcançar a libertação animal e também um dos grandes fatores para perpetuar e fomentação da ideologia carnista e especista, ou como conceitua Souza (2016) ideologia antivegana. Joy (2001) explica que a ideologia especista intencionalmente politiza as palavras para colocar um véu na realidade e tentar naturalizar, neutralizar e legitimar a violência e a crueldade contra os animais, como se percebe nos termos: produção de carne, sacrifício, eutanásia, abate, experimentação, vivisseccção, dissecação. Termos utilizados para não falar: matança, assassinato, matar, abrir vivo, torturar, mutilar, produção de mortes, cadáveres, defuntos, mortos, atordoamento, assim como usa-se o termo frango pra designar galinha e carne pra designar bois e vacas e a palavra como carnívoros ou onívoros para designar os comedores de animais, como se comer animais fosse um ato puramente natural e desprovido de crenças, ideologia, escolhas e desprovido do próprio assassinato dos animais.

Assim como é importante observar a complexidade das palavras e da promoção do uso de cada palavra na sociedade, é importante compreender a complexidade de cada conceito. O próprio conceito de violência, abordado no parágrafo anterior, pode ser observado por diferentes perspectivas. O pesquisador Gabriel Noel apresenta um debate antropológico sobre o conceito de violência e afirma que um conceito, quando é amplamente utilizado, acaba tendo seu significado banalizado, e que, dessa forma, o termo violência se tornou genérico e é utilizado para designar diferentes ações. Para Noel (2010) quando se aprofunda na complexidade de um termo é possível perceber como um termo pode ser utilizado de modo banal, por exemplo, violência é por vezes traduzida como agressão, vista simplesmente pela perspectiva da biologia, sem levar em consideração aspectos sociais, antropológicos, históricos e culturais, que estão para além de instintos ou características naturais, o que seria uma visão reducionista de se observar o conceito. Entretanto, apesar da importância

⁶Cf. a obra da linguista-abolicionista Joan Dunayer: "Animal Equality: Language and Liberation", (2001).

de se observar e discutir a complexidade das palavras e dos conceitos no geral, a presente pesquisa busca atender os objetivos traçados e esmiuçar os conceitos mais fortemente relacionados com o tema central.

Sobre os termos, Felipe (2014) utiliza a palavra extração para designar o ato de extrair secreções das fêmeas (leite e ovos) que também são utilizados como recursos econômicos. Felipe (2014) explica que o termo é adequado, principalmente, porque o sistema de produção convencional utiliza ferramentas que fomentam o aumento das secreções, e também ferramentas pra forçar a retirada, como por exemplo, as máquinas a vácuo (ordenhadeiras mecânicas) que forçam impetuosamente a extração do leite das fêmeas, recém-genitoras, em lactação. Utilizou-se este termo de Felipe nesta dissertação.

É necessário esclarecer sobre os movimentos em prol dos animais. Diversas são as organizações e grupos em prol dos animais no mundo. Há movimentos que não são abolicionistas. Existe, por exemplo, um número elevado de organizações protetoras apenas para cães e gatos ou que visam à proteção exclusiva de animais selvagens ou silvestres, ou ainda organizações para uma espécie exclusiva de animal, seja doméstico ou silvestre como, por exemplo, proteção aos golfinhos, às baleias, às tartarugas, aos primatas, entre outras.

Motivação e trajetória pessoal da pesquisadora

O Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) estimula que os pesquisadores apresentem suas motivações pessoais e a respectiva trajetória pessoal e profissional em relação ao tema da pesquisa. Desta forma, segue relato da pesquisadora.

Em 2005 assisti em um programa televisivo, uma cena inesquecível de homens arrancando toda a pele de focas vivas, para fabricação de casaco de peles. O vídeo mostrava a cena em detalhes e também um amontoado de focas vivas ensanguentadas, sem suas peles. A imensa dor e pavor eram perceptíveis. Seus olhos piscavam e os olhares suplicavam por misericórdia. E

eu, aos dezesseis anos, carnista e que ao mesmo tempo “amava todos os animais” julguei profundamente aqueles homens. Senti raiva e asco deles e, julguei tanto eles quanto as pessoas que usavam casaco de peles como terríveis e capazes das maiores atrocidades.

Passado alguns minutos, sentei à mesa da cozinha para jantar e tomei um baita susto ao olhar para meu prato. Pela primeira vez eu não enxerguei a simples “carne” e “derivados animais” cotidianos. Eu enxerguei o que realmente era: parte de um ser sem vida. Também “enxerguei” dor, sofrimento, morte, tristeza, injustiças, assassinatos, dominação, opressão... imposta aos animais que eu “amava”. “Onde estavam meus olhos antes?” pensei. Além disso, dei uma olhada ao redor e percebi que eu estava usando pele de animais nos meus pés. Isso mesmo, peles! Eu! Logo eu que tinha julgado quem usa peles há um minuto... Descobri que eu fazia parte do “ser humano terrível” que tanto julguei. Naquele momento não vi diferenças entre o assassino torturador de focas, o comprador de casacos de pele e eu, patrocinadora e consumidora da ampla indústria animal. No programa não havia sido abordado o tema veganismo, mas este episódio me incentivou a estudar sobre ética, sobretudo sobre ética e direito animal. Também estudei sobre a indústria animal e obtive informações de como os animais sofrem e são torturados antes de serem assassinados, mesmo não sendo necessários aos animais-humanos. Li livros, artigos científicos, assisti documentários e passei a frequentar encontros acadêmicos e a participar de organizações, movimentos sociais, grupos de estudos, instituições, etc.. Os estudos animais me levaram ao conhecimento da problemática socioambiental em relação à produção animal e decidi trilhar a área ambiental na faculdade. Tornei-me tecnóloga ambiental, ambientalista, vegana, pacifista, feminista, antirracista, trabalhadora voluntária, protetora⁷ de animais e pesquisadora.

Enquanto profissional, pesquisadora e cidadã passei a observar e repensar todas minhas condutas diárias em busca de abolir as contradições entre meu pensar, querer, conhecer, sentir e agir. E, sobretudo em busca de

⁷Termo designado a pessoas que resgatam animais carentes nas ruas.

abolir hábitos em desacordo com meus valores, virtudes e princípios pessoais e em relação à ética.

A inquietude em compreender os por quês do mundo e a “sede” de conhecimento continuaram e fui movida ao mestrado. Foi pesquisado nas plataformas científicas sobre o tema e encontrou-se pesquisas sobre os estudos animais na área de filosofia, ciências humanas e sociais e similares, já na área de ciência animal, produção animal e zootecnia encontrou-se estudos técnicos e não teóricos, sendo assim, observou-se uma lacuna, visto que não há significativamente discussão para além dos estudos técnicos-científicos. Em outras palavras o campo de interdisciplinaridade da pesquisadora permite olhar para o fenômeno de duas formas diferentes. Enquanto as pesquisas dos ECA são prolíferas na área das humanidades e estudos animais, as pesquisas relacionadas à zootecnia têm a tendência de olhar para o fenômeno a partir do olhar das ciências naturais ou ciências exatas. Além disso, os pesquisadores dos ECA e os abolicionistas explicam e publicam seus estudos em relação à produção animal, já o contrário mostrou-se uma lacuna. Por este motivo não foi encontrado justificativa para entrevistar os abolicionistas.

A escolha dos ECA e da vertente abolicionista animalista como arcabouço teórico metodológico foi uma motivação enquanto pesquisadora, pois a partir do meu conhecimento da questão animal e ética, compartilho da perspectiva abolicionista e dos ECA. Essas vertentes não acreditam na neutralidade da ciência e fomentam o engajamento político dos pesquisadores, assim como, esclarecimento e ética com os dados.

CAPÍTULO 1. ANIMAIS: MÁQUINAS, COISAS OU SERES DE DIREITOS?

“Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia”.

José Saramago

1.1. A condição animal no Ocidente

Mudanças aconteceram no modo de produção industrial, em geral, principalmente, depois da revolução verde, que fomentou a despolitização, neutralização e naturalização do domínio da natureza (PORTO-GONÇALVES, 2004), o que impactou também a criação e a produção de animais (BUZBY, 2015; OLIVEIRA, 2015), assim como as relações entre os animais e os consumidores de animais (ADAMS, 2012) e as relações entre os animais e os trabalhadores da agropecuária (PORCHER, 2004). Da mesma maneira ocorreram mudanças de perspectivas em relação à condição dos animais-não-humanos, no âmbito moral, jurídico (TINOCO E CORREIA, 2014; BOBBIO, 1992) e acadêmico (CASTELLANO & SORRENTINO, 2014; FAVRE, 2014). Um exemplo é a presença de movimentos sociais que lutam por direitos animais e o desenvolvimento de leis relacionadas aos animais (VICENTE, 2012; RAMIRO, 2011). Diversas mudanças paradigmáticas ocorreram em relação aos animais (OLIVEIRA, 2015), desta forma, apresenta-se a seguir o contexto histórico dos eventos marcantes em relação à situação moral dos animais, a partir de referencial teórico ocidental. Esse contexto se faz importante para a compreensão do início do movimento social pelos direitos animais, assim como seus precursores, influências, as primeiras organizações, associações, e também a compreensão dos encadeamentos, interligações e conexões em diversos âmbitos, como o da moral, o jurídico, científico, tecnológico e social.

A construção e as mudanças de perspectivas em relação à condição moral dos animais podem ter diversas influências (FELIPE, 2014c), como: cultura do país, religiões, política, movimentos sociais, pressões, organizações sociais, economia, mercado (OLIVEIRA, 2015), educação, entre outros diversos fatores. A mudança na consideração moral dos animais pode ser

analisada pelas mudanças na legislação, pois as leis refletem a moralidade de uma época e de um espaço geográfico, por isso são relativas (GRAY, 2006). Uma das primeiras leis de proteção animal surgiu nos Estados Unidos, na Colônia de *Massachussets Bay*, em 1641, a qual previa que ninguém poderia ser tirano e cruel com nenhum animal (RAYMUNDO & GOLDIM, 2009), mas apesar desta lei, os animais eram utilizados para diversos fins que lhe causavam prejuízos, como tração de carroças, transportes de mercadorias, produção de animais domesticados para consumo humano, maus tratos, entre outros fatos que apontam a lei como ineficaz e contraditória. A construção do estabelecimento de leis, assim como, a institucionalização das organizações, passaram por um processo de construção do conhecimento, de estabelecimento de conceitos e de valores morais e éticos, no qual discute-se aqui de forma sucinta, contribuições de pensadores e marcos legais e históricos.

O filósofo suíço Rousseau⁸ (1754) em sua obra “Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens” já criticava a falta de respeito aos animais e afirmou que animais têm sensações. Adicionalmente, o filósofo francês Voltaire em seu livro “O Tratado da Tolerância”, escrito em 1763 afirma que “é preciso não ter jamais observado os animais para não distinguir neles as diferentes vozes da necessidade, da alegria, do temor, do amor, da cólera e de todos os seus afetos; seria muito estranho que exprimissem tão bem o que não sentem” (VOLTAIRE, 2015, p. 169). Em 1776 o inglês Humphry Primatt lançou o livro “O Dever de Compaixão”⁹, sendo um dos primeiros a publicar textos com abordagens em maior profundidade sobre assuntos relacionados à defesa animal.

Paralelo às obras teóricas que abordam a questão da ética animal, surgiram organizações sociais, instituições e grupos autônomos. Segundo Raymundo & Goldin (2009) em 1824 na Inglaterra foi criada a Sociedade para

⁸ Segundo Moscateli (2010) nos livros de Rousseau, os animais são abordados em vários momentos, mas em algumas vezes citados como estúpidos e inferiores aos humanos.

⁹ O título do livro em Inglês é “The Duty of Mercy”.

a Prevenção da Crueldade aos Animais¹⁰ e em 1845, na França, foi criada a Sociedade para a Proteção dos Animais, e então posteriormente, outras foram fundadas em muitos países, com intuito semelhante.

Segundo Gordilho e Silva (2008) o célebre filósofo e jurista Jeremy Bentham se inspirou nas ideias de Humphry Primatt ao acrescentar a questão dos animais em suas pautas de reflexões e discussões. Bentham (1879 [1779]) afirmou que os animais sentem dor e que deveria ser um dever humano ter compaixão por eles e comentou que a ética deveria estar para todos aqueles que são sensíveis e capazes de sofrer. Bentham se colocava contra a caça, pesca e a outros tipos de explorações animais, como entretenimento e esportes que utilizavam animais (REGAN, 2001). Segundo Felipe (2014a) em 1892, o escritor inglês, humanitarista e reformador social Henry Salt iniciou o uso do termo “Direito Animal” em seu livro assim intitulado¹¹. A partir dos dados é possível perceber que, ao longo dos anos, atores sociais manifestaram interesse em colocar pautas dos animais em debate, mesmo que de modo breve, demonstrando assim que a falta de direitos aos animais foi e é questionada e protestada. Esses autores conseguiram publicar e expor suas ideias para um grande número de pessoas, sendo assim, as suas obras são consideradas como influência aos pioneiros do movimento social pelos direitos animais, que hoje é conhecido como movimento animalista ou movimento abolicionista¹² e também como movimento pela libertação animal.

Os pensadores apresentados, como Bentham, Rousseau, Voltaire e os outros, têm uma relevância, pois foram formadores de opinião na época em que viveram e suas obras continuam sendo estudadas, citadas e logo, continuam a influenciar pensamentos, condutas e até mesmo novas legislações. Em diferentes épocas outros personagens marcantes da história deixaram centelhas de estímulos em prol da libertação animal, como Leonardo da Vinci que segundo Koselleck (2006) *apud* Tonella (2016) prevê que um dia

¹⁰ Nome em Inglês: *Society for the Preservation of Cruelty to Animals*.

¹¹ Título original: *Animal Rights*.

¹² “[...] reivindica a abolição imediata da exploração dos animais, independentemente das consequências que isso possa gerar, uma vez que os interesses básicos dos animais são mais importantes do que qualquer consideração custo-benefício” (SANTANA, 2006, p.78).

um crime contra um animal será considerado um crime contra a humanidade. Charles Darwin (1871) evidenciava em suas obras científicas a capacidade dos animais de sentir dor e emoções e fomenta a necessidade de respeito entre espécies humanas e não-humanas.

Albert Einstein, segundo Levai (2004), fomentava a proteção dos animais e o vegetarianismo. Tonella (2016) e Felipe (2014d) afirmam que José do Patrocínio foi o pioneiro no Brasil a lutar pelos animais. Santos (2010) *apud* Tonella (2016) explica que o poeta Olavo Bilac fomentava os direitos animais em suas poesias. E outros considerados notáveis como o filósofo Arthur Schopenhauer, o pacifista alemão Albert Schweitzer¹³, Immanuel Kant, Mahatma Gandhi, Leon Tolstoy, Abhaham Lincoln, George Bernard Shaw (METELLO, 2009; STAFFORINI, 2018), o fenomenologista Merleau-Ponty (MONTEIRO, 2014). Ruesch (1989) organizou livro com mais de mil médicos se manifestando contrários ao uso de animais na ciência e em empresas, entre vários outros¹⁴ que também trataram sobre a questão da ética animal¹⁵.

Entre 1950 a 1970 transformações e revoluções tecnológicas, jurídicas, sociais, morais, entre outras, estavam em efervescência em diversas partes do mundo. A Inglesa Ruth Harrison, em 1964, escreveu sobre a mudança de *status* moral dos animais por influência da industrialização em sua obra intitulada “Animal Machines¹⁶”. Harrison afirma que os animais passaram a ser considerados unidades de produção, sendo reduzidos a animais máquinas e desenvolveu o termo *animal machine e animals factory*¹⁷, utilizando-os em suas obras (COLE, 2011, TWINE, 2012). Segundo Franco (2016) os primeiros grupos de defesa animal e veterinários organizados se

¹³Cf. Fundação Albert Schweitzer, disponível em <https://albert-schweitzer-stiftung.de/>

¹⁴Cf. Museu de história do vegetarianismo, disponível em: <https://ivu.org/history/museum.html>

¹⁵Cf. pesquisadores contemporâneos que escrevem sobre medicina e/ou nutrição vegana, como: Prof.de Harvard e médico Dr. Dean Ornish, autor de O Espectro; Colin Campell autor do livro The China Study; o médico Dr. Neal Barnards; o médico Joel Huhrman, autor do livro Comer para viver; John Robbins autor do livro Dieta para uma nova América; Michael Klaper autor sobre nutrição vegana, o nutricionista brasileiro Eduardo Corassa, autor do livro Revolução Vegana e o médico especializado em nutrologia Eric Slywitch, autor de diversos livros.

¹⁶Em Português: “Animais máquinas”.

¹⁷Em Português: fábricas animais.

manifestaram contra a mudança de produção extensiva para a industrial, pois a consideraram mais cruel.

Para compreensão da complexidade dos dados e das mudanças na condição animal, faz-se necessária apresentação das diferentes situações de vida dos animais, em relação ao tempo histórico e às condições de determinados panoramas. Descobriu-se que o gado, por exemplo, originou-se na Terra há dois milhões de anos (AQUINO, 2010). A espécie ancestral do boi e da vaca chama-se *Bos Primigenius* ou Auroque¹⁸ (AQUINO, 2010).

Estima-se que os bovinos sofreram domesticação¹⁹ pelos animais-humanos na revolução agrícola do Neolítico, há aproximadamente dez ou oito mil anos (FAO-UNEP, 2000 e CHEN et al., 2010 *apud* CORREIA, 2012), inicialmente no Irã e depois do Egito (AQUINO, 2010). Correia (2012) explica que além da domesticação, espécies exóticas passaram a ser importadas e exportadas para diferentes regiões, sendo assim, houve mistura genética de raças e posteriormente fez-se melhoramento genético, para atender os interesses humanos da época. Lush (1945) *apud* Alencar (1984) explica que o fazendeiro inglês Robert Bakewell, no século XVIII foi um dos primeiros a focar no melhoramento genético para a produção animal voltada para o consumo humano de carne-não-humana. Atualmente, além do melhoramento genético faz-se modificação genética de organismos, também conhecida como transgenia. Segundo Clark & Whitelaw (2003) em 1985, fez-se a primeira produção de animais transgênicos da agropecuária, porém alguns usos foram restringidos na época. Clark & Whitelaw (2003) afirma que os motivos para os esforços das pesquisas da transgenia na agropecuária são relacionadas à eficiência da produção animal e às questões de economia e mercado.

¹⁸Essa espécie foi declarada extinta em 1627. Atualmente cientistas italianos trabalham na reconstrução do DNA do Auroque com a pretensão de explorar estes animais, que inclusive é uma das justificativas da pesquisa. Os cientistas declaram que esse animal pode ser mais resistente ao frio, ao calor e a fome e que deve ser “ressuscitado” para servir aos humanos (AQUINO, 2010). Segundo a National Geographic (2019) o Auroque teria até 1,85 metros de envergadura, sendo maior que o touro moderno.

¹⁹A domesticação pode acontecer por diversos motivos, não necessariamente aponta dependência entre os não-humanos e os humanos. A domesticação é tratada por Ingold (1974) *apud* Maria (2016) como o processo de socialização do animal em ambiente humano. Segundo Ingold (2000, p.63) *apud* Maria (2016) “Na domesticação está implícita uma espécie de domínio e controle semelhante para que implicou na escravidão [...]”.

O corpo da vaca, humanamente domesticada, depois de ter passado pelos processos de melhoramento genético, produz, exclusivamente para seu filhote (FELIPE, 2012), em torno de 5 litros de leite²⁰ por dia (CANAL RURAL, 2012, ANUALPEC, 2018). A quantidade varia conforme raça, ambiência, alimentação, fase de lactação, tipo de inseminação, qualidade do melhoramento genético, presença ou ausência de transgenia, entre outros fatores. Atualmente, com imposição de biotecnologias, humanos conseguem extrair, com máquinas a vácuo, até 77 litros de leite por vaca e por dia. (CANAL RURAL, 2012). Além da extração de produtos lácteos transgênicos de vacas geneticamente modificadas, como leite de vaca similar ao leite de humanas (VEJA, 2016) e leite transgênico para serem consumidos por humanos alérgicos ao leite de não-humanas (G1, 2012).

Cada galinha, humanamente domesticada, após o processo de domesticação e melhoramento genético, secreta cerca de 30 ovos por ano (também a depender da ambiência, alimentação, etc), já a galinha transgênica, em sistema semi-industrial, secreta 150 ovos por ano (AVICULTURA INDUSTRIAL, 2005) e a galinha de produção de granja industrial convencional secreta 300 ovos por ano (CULTIVANDO, 2017). Tais dados elucidam a profunda diferença entre a vida dos animais em estado não domesticado, a vida após a domesticação e o melhoramento genético e a vida em cárcere industrial, com imposições biotecnológicas, como é o caso da modificação genética, inseminação artificial, alimentação artificial, jaulas, gaiolas, entre outras. Nestas duas espécies de fêmeas (vacas e galinhas) nota-se a alta intensidade das biotecnologias, das tecnologias de engenharia genética, nutricional, engenharia de produção, agroindustrial e manejo, entre outros, que são desenvolvidas e utilizadas na agroindústria agropecuária.

Em relação ao histórico dos direitos animais, diversos foram os autores e autoras que escreveram sobre o assunto até a década de 70, porém publicação desta categoria, apenas atingiu popularidade e conquistou visibilidade em 1975, com o filósofo australiano Peter Singer, ao lançar o livro

²⁰ Van Vuure (2003) *apud* Compre Rural (2016) destaca que o úbere das vacas auroque eram pequenos e pouco visíveis.

“Libertação Animal”, o qual, de modo geral, defende libertação para todas as espécies animais. E posteriormente o filósofo estadunidense Tom Regan com a publicação da obra “The Case for Animal Rights” em 1983 em que defende direitos para todas as espécies animais. O professor de direito animal de Michigan State University College of Law, David Favre (2014) comenta que o movimento pelos direitos dos animais (movimento social e jurídico) começou a ter visibilidade a partir das publicações dos livros dos filósofos Tom Regan e Peter Singer.

Pressupõe-se que para alcançar o nível de debate acadêmico que trouxeram Singer e Regan, os mesmos se inspiraram em pensadores clássicos. Araújo (2008) comenta que é possível perceber influências do pensamento utilitarista do filósofo Jeremy Bentham e do filósofo e economista John Stuart Mill nas obras de Singer, pois o mesmo entende que as atitudes devam ser tomadas a fim de colaborar com a felicidade da maioria possível, ou quando não há essa possibilidade, deve-se agir de modo a evitar ao máximo a dor, que são ideias típicas do utilitarismo. Ainda sobre influências, Silva (2014) afirma que Regan buscou fundamento Mill.

Singer propõe que a busca em alcançar a felicidade para um maior número de seres, engloba todos os seres, dessa forma a redução de sofrimento precisa ser de todos, o que envolve os animais-não-humanos, já Regan não é utilitarista, pois reivindica a abolição da utilização e exploração animal, e não sua redução, se autodeclarando, portanto, um abolicionista animalista (GORDILHO & SILVA, 2008). Stefan (2018) explica que há diversos críticos do Peter Singer (entre eles o autor Gary Francione), pois, de modo geral, Singer pode ser considerado consequencialista, em outras palavras, se preocupa com a máxima diminuição do sofrimento, diferentemente dos abolicionistas que buscam o fim da geração do sofrimento. Stefan (2018) explica que na vertente do consequencialismo, as ações são medidas pela diminuição ou não do sofrimento enquanto consequência, porém Singer não leva em consideração a questão do indivíduo. Já na percepção de Regan (2006) os animais são sujeitos-de-si-mesmos, são indivíduos. Stefan (2018) afirma que a concepção de Regan parte da perspectiva dos direitos, pois entende-se que os direitos estão dados antes de possíveis ações acontecerem

e independente das consequências que as ações podem ter. Regan segundo Stefan (2018) entende que cada animal é um indivíduo, que tem interesses subjetivos, que não tem interesse em sofrer, que tem interesse em sua própria vida, princípios que Regan traz dos direitos e da deontologia.

Favre (2014) argumenta que as publicações e debates trazidos, principalmente, por Regan e Singer fomentaram as formações de ONG's (Organizações-Não-Governamentais), grupos, organizações nacionais e internacionais, além disso, nos Estados Unidos, entre os estudantes de Direito, iniciou-se principalmente a partir de 1990, uma onda crescente de publicações sobre direito dos animais e questões filosóficas deste tipo, enquanto o movimento abolicionista-animalista crescia e se fortalecia.

No movimento abolicionista animalista, os militantes entendem que os animais-não-humanos são seres sencientes, capazes de sentir dor e as emoções positivas e negativas e que não há necessidade humana de dominar estes animais para nenhuma finalidade, sendo assim, defendem o fim de qualquer tipo de exploração animal. Fomentam que animais devem ser incluídos no círculo de consideração moral, pois são seres provenientes de direitos próprios, direitos a suas próprias vidas e aos seus próprios interesses e não devem ser coisificados, maquinificados ou utilizados para interesses humanos sob nenhuma condição. Alguns exemplos de movimentos sociais e organizações são: Frente de Libertação Animal (ALF)²¹ e a *People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA)²² (MANFREDO, 2011).

Ramiro (2011, p. 71) comenta sobre as ações indiretas do animalismo:

[...] manifestações possuem o caráter de mostrar à sociedade um problema. O grande impacto está em sua visibilidade e mobilização das fontes midiáticas para pôr em questão o tema abordado. Este tipo de ação se caracteriza como indireta, pois as mudanças almeçadas estão projetadas no futuro através de rotas que são mais circuitosas do que um impacto imediato na causa do problema. Assim, as manifestações públicas de opinião, junto a medidas

²¹Animal Liberation Front (ALF) – movimento anônimo e mundial que faz ações diretas em prol da abolição da exploração animal.

²²Organização que desenvolve publicidades em prol da libertação animal e fomenta o veganismo.

pensadas no plano da educação e à mobilização de parlamentares buscando amparo legislativo, fazem parte do campo das ações indiretas.

Em Oxford, na Inglaterra, grupos de defesa animal começaram a se fortalecer e em 1984, influenciando o governo britânico a criar o Fundo para Substituição de Experiências Médicas em Animais²³, para o desenvolvimento de métodos alternativos à experimentação animal nas empresas e também nas pesquisas científicas. Eventos foram criados e organizados para discutir a questão dos animais. A professora de Veterinária da Universidade de São Paulo (USP), Irvênia Prada (2002) relata que em 1985 foi realizado o Simpósio de Bem-estar Animal pela Associação Inglesa de Veterinários. Em 1991 inaugurou-se o Comitê Europeu para Validação de Métodos Alternativos²⁴ para promover e validar técnicas e metodologias substitutivas à vivisseção animal (experiências controversas em animais vivos). Percebe-se então um crescimento de pessoas se mobilizando em prol dos animais.

De acordo com Lansbury (1985) conforme Ramiro (2011, p. 25):

Em uma das mais emblemáticas lutas contra a experimentação animal do início do século XX, na Inglaterra, um cão vivisseccionado no laboratório de fisiologia da *University College* foi símbolo da luta feminista e do ressentimento da classe trabalhadora. De um modo geral, a crueldade ou tortura destilada a um animal – seja ele humano ou não-humano – diz respeito à asserção de poder de uma pessoa ou um grupo. No caso do episódio com o “cão marrom”, trabalhadores e sufragistas se viram como uma extensão lógica dos animais não-humanos: o que compartilhavam entre si era o sentimento de opressão.

Esse campo, dos estudos animais, é conflituoso e controverso²⁵, e é alvo cada vez maior de pesquisas científicas, debates e transformações morais, jurídicas, políticas e tecnológicas. Para Morin (1994) uma pesquisa se define como transdisciplinar quando reconhece o tempo, a história, quando é multidimensional e reconhece os diferentes níveis de realidade. Buzby (2015) afirma que só é possível entender toda a complexidade da teia de explorações

²³Fund for Replacement of Animal Medical Experiments (FRAME).

²⁴European Committee for Validation of Alternative Methods (ECVAM).

²⁵Em outras palavras, há um assunto problemático e discutível em aberto e que pode estar ou não associado a falácias, ou mesmo há diversidade cultural, ideológica e moral (SISMONDO, 2005).

quando olhamos e entendemos a dominação e a exploração dos animais-não-humanos. Segundo Manfredo (2011, p.1) “as investigações sobre a questão animal são interdisciplinares, envolvendo biologia, filosofia, direito, antropologia, literatura e artes”. Nibert (2013) *apud* Dionne (2013) afirma que os estudos interdisciplinares avançam na compreensão da opressão e violência contra os animais humanos e não-humanos.

Apesar do referencial teórico ser quase que por completo de autores ocidentais, percebe-se que no geral a condição moral dos animais no mundo é inconstante, sendo um assunto discutido em diversos âmbitos, há séculos. O tema é abrangente e cada país lida de forma diferente com as questões, a partir de cada cultura, sendo assim, no próximo item apresenta-se a contextualização das questões relacionadas aos animais no Brasil, país selecionado para a realização da parte empírica da pesquisa.

1.2. Questão animal no Brasil

Segundo Levai (2004), a preocupação com os animais começou a ser manifestada no âmbito jurídico no século XIX no Brasil. Saldanha (2010) estudou o arcabouço institucional legal de proteção dos animais no Brasil e comenta que em 1916 o Código Civil²⁶ abordou questões de proteção animal no artigo 47 e, posteriormente, em novas promulgações, os animais foram incluídos em diversas outras esferas jurídicas. Entretanto, Tinoco e Correia (2014) criticam o Código Civil de 1916, pois afirmam que não trouxe avanços para os animais, além de lhes expressar o *status* de coisa. Ademais, no Novo Código Civil de 2002²⁷ não consta mais os mesmos artigos e expressa os animais de forma análoga à máquinas da indústria, além disso continuam coisificados, e tidos da mesma forma que instrumentos agrícolas, pois podem ser penhorados, como coisas (BRASIL, 2002).

²⁶O Código Civil é um conjunto de regras que dispõem sobre deveres e direitos, com o intuito de minimizar conflitos e promover igualdade social. Pode-se haver repetição de normas da Constituição Federal de 1988 no Código Civil de 2002. Disponível em: <https://www.significados.com.br/codigo-civil/>. Acessado em 09 de Junho de 2018.

²⁷O novo e atual Código Civil do Brasil é de 2002. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70327/Código%20Civil%202%20ed.pdf>. Acessado em em 09 de Junho de 2018.

Segundo Tinoco e Correia (2014) houve considerável mudança na legislação brasileira em relação aos animais. Em 1930 já havia leis que abordavam a proteção dos animais. Em 1941 foi promulgada a Lei das Contravenções Penais, expressas no Decreto nº 3688, no qual a crueldade aos animais passava a ser considerado crime, com medidas como prisão e multas. Ademais, nos anos que se seguiram, muitas novas leis foram promulgadas como: lei que dispõe sobre vivissecação e a lei que regulamenta os zoológicos. No entanto, as mudanças no âmbito de legislação são frequentes e nem sempre continua a evoluir no mesmo sentido. Algumas destas estão revogadas atualmente. As legislações costumam representar a moral da sociedade, as pressões sociais, empresariais, internacionais e também acompanham a conjuntura política de seu tempo. Não raro é visto leis “irem e voltarem”.

Tinoco e Correia (2014) destacam como uma das mais importantes, entre as leis brasileiras em relação aos animais, a lei que trata da ação civil pública, lei nº 7.347 de 24 de Julho de 1985. Essa lei permite que organizações não governamentais acionem o Ministério Público (MP), se tornando uma ferramenta jurídica importante, pois anteriormente, as ações necessariamente precisavam ser requeridas pelo MP.

No Brasil, Segundo Tinoco e Correia (2014) em 1988, com a promulgação da até então atual Constituição Federal (CF), os animais passaram a ter proteção jurídica constitucional. Além disso, segundo Ramiro (2011) dez anos depois surgiu a Lei dos Crimes Ambientais, condensando as leis anteriores acerca dos animais. Nesta lei há nove artigos específicos sobre crimes contra fauna (TINOCO E CORREIA, 2014), porém “os animais-não-humanos continuam sendo considerados objetos de direitos” (TINOCO e CORREIA, 2014, p. 178) e não seres de direitos.

Em relação à indústria pecuária e as contradições das leis, com ênfase na Constituição Federal, de acordo com Tinoco e Correia (2014, p. 180):

[...] embora o mesmo não trate diretamente a questão, dispõe que os animais utilizados na indústria e os destinados à industrialização de carnes e derivados, podem ser objeto de penhor pecuário, agrícola, mercantil ou industrial, bem como enquadra as crias como objetos de usufruto (artigos 1.397, 1.442, V, 1.444 e 1.447). Ou seja, estes animais não-humanos continuam sendo vistos como bens

particulares, muito embora atos cruéis não possam ser dispensados a eles em função da lei 9.605/98 e do art. 225, § 1º, VII da Constituição Federal.

Segundo Ramiro (2011) a Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo (FMVZ-USP) em 2001 trocou o uso de animais em uma disciplina para um programa de castração de cães e gatos, de maneira ética, onde ao invés de experimentação, a cirurgia era oferecida de modo público e ao mesmo tempo utilizada para fins didáticos. Essa universidade também desenvolveu uma técnica para conservação de cadáveres, para futuros usos, focando na educação humanitária. Em outro caso, a Faculdade de Medicina do ABC (na cidade de São Paulo) já vinha discutindo a mudança da vivisseção para os métodos alternativos e éticos, e após processo participativo entre discentes e docentes, o uso dos animais foi proibido no dia 21 de junho de 2007 (HOLOCAUSTO ANIMAL, 2007).

Em 2008 foi aprovada Lei Arouca contrariamente às manifestações e resistências dos ativistas abolicionistas animalistas (GUIMARÃES, 2008), porque, se enquadra enquanto utilitarista, pois regulamenta e torna legal a “coleta”, criação e o uso de animais para experimentações de diversos tipos e fundamentalmente para interesses humanos, sobretudo políticos e econômicos (GREEK, 2000 *apud* RAMIRO, 2011). Experimentos com animais, tanto na ciência quanto nas corporações são controversos e ineficazes (PIPP, 2013; PETA, 2018; GREIF & TRÉZ, 2000; RUESCH, 1989).

Em 2013 novas mobilizações (contra testes e experimentações em animais) fomentaram novamente a discussão da situação moral dos animais (TOLEDO & GORDILHO, 2015). A retomada da polêmica nas mídias contou com programas especiais, entrevistas, edições especiais em matérias jornalísticas, acréscimo de tempo dedicado a esse assunto nos telejornais, enquetes nacionais e internacionais e inclusive cobertura de mídias internacionais sobre a polêmica no Brasil (TOLEDO & GORDILHO, 2015; CHAVES, 2016a). As manifestações dos animalistas ganharam visibilidade com ação direta no Instituto Royal na cidade São Roque no Estado de São

Paulo, o que fomentou a reflexão²⁸ e a participação popular sobre o assunto no Brasil (AQUINO, 2016) e em outros países, tendo como reverberação, em 2014, a aprovação de lei que proíbe testes em animais para desenvolvimento de cosméticos no Estado de São Paulo (TOLEDO & GORDILHO, 2015) e depois em outros Estados.

Em 2014 a empresa de cosméticos Natura, em parceria com o programa governamental de intercâmbios universitários, Ciências Sem Fronteiras, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) apoiou, incentivou e financiou pesquisas para substituição do uso de animais em experimentações de cosméticos (CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS, 2014). Segundo Tréz (2017) a partir da década de 80 as indústrias que faziam testes em animais começaram a buscar métodos substitutivos e um dos motivos que fomentou essa mudança foram ações do movimento animalista, além de boicotes e atos de desobediência civil.

Outro caso que gera frequente polêmica e que faz parte da contextualização da questão animal é sobre a utilização de animais em entretenimento humano, como rodeio, touradas, “farra do boi”, vaquejada, zoológicos e similares. Segundo Tinoco e Correia (2014) é uma contradição a lei permitir esse tipo de entretenimento humano, visto que é comprovado cientificamente por pesquisadores médicos veterinários que os instrumentos e ações em relação aos animais causam dor, sofrimento e agonia. Prada (2002) apresenta, a partir dos estudos de seu grupo de pesquisa da USP, artigos científicos sobre os tipos de dores e sofrimentos causados aos animais nestes tipos de eventos. A questão do rodeio, vaquejada e similares divide opinião pública e de pesquisadores. Em Novembro de 2016 foi sancionada uma lei que reconhece vaquejadas e rodeios no Brasil durante o governo do presidente interino Michel Temer e em Junho de 2017 houve uma Emenda na Constituição

²⁸De acordo com Aquino (2016) as discussões na mídia levaram a comoção do público, principalmente em relação aos cachorros da raça *beagle*, o que contribuiu para a criação da lei que proíbe o uso de animais para desenvolvimento de cosméticos no Estado de São Paulo.

Brasileira (PEC)²⁹ de nº 96, pelo mesmo presidente, que libera rodeios e vaquejadas em todo Brasil (CONJUR³⁰, 2017).

Esses dados da trajetória moral em relação aos animais mostram que é uma situação que sofre mudanças e que o tema costuma ser problematizado em várias esferas da sociedade, sendo assuntos polêmicos, demonstrando divergências e pluralidade de pensamentos. Percebe-se neste contexto histórico que em alguns momentos prevê-se oferecer direitos aos animais e em outros se prevê de mantê-los moralmente como objetos, coisas ou máquinas, sendo assim, a existência de novas legislações não necessariamente se caracterizam como avanços positivos nos direitos animais, sendo, às vezes, retrocessos (TINOCO E CORREIA, 2014).

Tinoco e Correia (2014) comentam que é possível perceber que as leis brasileiras, assim como a Declaração Universal dos Direitos Animais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) são especistas bem-estabilistas, pois em alguns momentos mostra-se interessada em proteger os animais de maus tratos, mas ao mesmo tempo legitimam práticas abusivas e de exploração como vivissecção, caça, rodeios, vaquejadas, pesca, produção e matança de animais e extração de suas secreções a força. O Promotor de Justiça Laerte Levai (2014) afirma que o Brasil entra em contradição com sua própria CF e suas leis, pois o Poder Público concede crueldade para o setor científico, para o agronegócio e outros setores. Apesar das contradições, segundo Tinoco e Correia (2014) atualmente o MP e o Poder Judiciário do Brasil encaram com seriedade as questões animais.

Este assunto também gera repercussão midiática e diversos tipos de comunicação, como em redes sociais em todo o mundo. Em Maio de 2017 escândalos envolvendo indústrias animais em crimes, juntamente com políticos foram divulgados nos meios de comunicação mais abrangentes do Brasil

²⁹ Fato aconteceu em meio a polêmicas e manifestação populares, pois a presidência do país estava no poder através de manobra política que retirou a presidenta eleita de seu cargo.

³⁰<https://www.conjur.com.br/2017-jun-07/emenda-constituicao-libera-vaquejada-rodeio-pais> - Revista online Consultor Jurídico.

segundo Chaves (2017d) e Jornal Folha De São Paulo (2017a). Segundo Vieira (2017) a PF do Brasil investigou os crimes que envolveram grandes, médias e pequenas indústrias animais, políticos, funcionários públicos, comissionados e privados. Esta operação foi chamada de Carne Fraca³¹, e foi a maior operação já feita pela PF. Os crimes cometidos estão entre: organização criminosa, adulteração e alteração de produtos alimentícios, emprego de substâncias não permitidas, corrupção passiva privilegiada, corrupção passiva, corrupção ativa, concussão e tentativa de corrupção passiva, precarização e advocacia administrativa de empresas como a Seara Alimentos do grupo JBS, a BRF Brasil *Foods*, várias empresas de menor porte e funcionários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (G1, 2017a). Neste caso 63 pessoas foram denunciadas (ESTADÃO, 2017). Ao todo encontrou-se irregularidades em 21 indústrias animais, sendo que muitas são grupos grandes que detêm diversas grandes e poderosas marcas (CHAVES, 2017a).

Percebe-se o quanto acontecimentos como este interferem na economia e nas condutas das pessoas. A partir desta operação, dois frigoríficos fecharam (CHAVES, 2017b), cinco meses depois da operação um dos grupos investigados, a JBS Friboi, teve seus lucros diminuídos em 79,8% e vendeu várias empresas de seu grupo, entre laticínios e empresa de chinelos (CHAVES, 2017c). Após a operação, as empresas JBS, BRF, Marfrig e Minerva perderam quase oito bilhões em ações (G1, 2017b). Segundo a *BeefPoint* (2017) a Pesquisa Industrial Mensal afirma que após esta operação a indústria de alimentos geral caiu 16,4%.

Por outro lado o mercado de produtos veganos tem crescido, principalmente depois dos crimes relatados na Operação Carne Fraca. Segundo o Jornal Folha de São Paulo (2017a) a operação tem causado mudança de hábito alimentar no Brasil, entre elas, menor ingestão de vacas e bois e maior ingestão de porcos e porcas. Segundo G1 (2017c) esta polêmica causou reflexão sobre todo o sistema do agronegócio. Para Felipe (2017) atualmente as pessoas comem animais porque a indústria quer que elas

³¹ A operação Carne Fraca leva este nome em homenagem ao documentário A Carne é Fraca elaborado pelo Instituto Nina Rosa em 2004 (G1, 2017a).

comam, ou seja, as pessoas são manipuladas. Marques (2017) explica que apenas três fusões de indústrias multinacionais do ramo alimentício dominam a alimentação mundial. A publicidade e propaganda da indústria animal também são fortes. No Brasil, é visto, cada vez mais, a indústria animal contratando figuras famosas para fazer propaganda nos maiores meios de comunicação televisivo, de massa. Uma das maiores indústrias brasileiras neste setor (JBS Friboi) contratou, apenas nos últimos anos, uma famosa apresentadora de televisão brasileira (Fátima Bernardes) (CHAVES, 2016c), um famoso ator de telenovelas (Tony Ramos) (CHAVES, 2016b), um dos cantores mais famosos e populares do país (Roberto Carlos) (CHAVES, 2016b) e teve propostas milionárias negadas de um âncora de telejornal (Cid Moreira) (CHAVES, 2018) e propostas negadas duas vezes por um apresentador de televisão (Silvio Santos) (CHAVES, 2017e), entre outros. Entende-se que o agronegócio é fortemente vinculado ao *marketing*.

O consumo de animais envolve questões complexas e por vezes não evidentes. Jackson (2001) afirma que o sociólogo Antônio Cândido realizou intenso estudo sociológico e antropológico sobre a relação do caipira com os alimentos. De acordo com Jackson (2001) Cândido explica, em suas obras, que a carne de vaca e boi era rara na mesa do caipira tradicional e que, por este motivo, causava o que ele chama de “fome psíquica” que é o desejo de comer alimentos específicos e inacessíveis, mesmo estando fisicamente satisfeito. Ed Ayres, diretor editorial do Instituto *Worldwatch* e autor de *God’s Last Offer: Negotiating for a Sustainable Future*, explica que durante séculos, a carne era acessível apenas para reis, imperadores e nobres e que as pessoas dos outros estratos sociais apenas provavam carne em festas tradicionais, em torno de uma vez por ano, dessa forma, de modo inconsciente, a carne se tornou um marcador de ascensão social e, atualmente, mesmo sendo mais acessível, a carne animal se tornou um símbolo de distinção socioeconômica, de marcador cultural e representa simbolicamente a saída da miséria para uma vida de melhor situação social e financeira, em contraposição ao símbolo dos cereais e das verduras, que representam alimentos historicamente mais acessíveis aos pobres. Ayres alerta que pelas intensas externalidades negativas que a indústria animal promove ao meio ambiente, a tendência é que

no futuro a carne volte a ser acessível apenas aos ricos (FOLHA DE SÃO PAULO, 1999).

Nota-se que durante a história mudanças morais, em relação aos animais, vêm acontecendo, como apresentado nesta contextualização, sendo que o movimento animalista participa ora dando visibilidade ao assunto nas mídias e redes sociais, ora provocando reflexão. Na próxima seção aprofundar-se-á três diferentes linhas de pensamento na questão animal: especismo; o especismo bem-estarista e o abolicionismo. Não existem apenas essas três linhas de pensamento nos estudos animais, porém elas se destacam entre as principais e as que mais apresentam contrastes entre si. Faz-se necessária a compreensão de três vertentes de pensamento que se relacionam com elas: antropocentrismo, biocentrismo e sencientismo.

1.3. A literatura crítica do especismo

Segundo Felipe (2009) o pensamento aristotélico de 384 a.C. regeu por longo tempo e, continua regendo, o padrão de pensamento Ocidental. Neste padrão de pensamento, os animais-não-humanos não são considerados como seres de direito, ao contrário do pensamento pitagórico proposto antes de Aristóteles, há 570 a.C. Aristóteles discursava que os animais eram considerados patrimônio dos humanos, diferentemente dos filósofos Plutarco, Sêneca e Porfírio que estavam convencidos que o ato de assassinar animais para produzir alimentos tornava o humano indiferente a qualquer tipo de sofrimento, inclusive ao sofrimento humano. Felipe (2009) acredita que se o mundo tivesse seguido o legado de Pitágoras, não funcionaria de modo tirano, escravocrata e injusto e neste sentido os animais não seriam vistos apenas pelo viés mercadológico, o que também poderia ter mudado os rumos e pilares da ciência.

Esse pensamento, o qual os animais existem para servir os humanos, se enquadra no antropocentrismo, como um sistema filosófico ou de crenças, que considera o humano como o mais significativo em detrimento de outras espécies (GRAY, 2006). Entende-se que as explorações da natureza tenham raiz nesta linha de pensamento, pois no antropocentrismo, aquilo que

não é humano é menos importante e pode ser utilizado para fins humanos. Sendo assim, as diversas formas de vida ficam vulneráveis aos humanos (CAPRA, 2006). O especismo é um termo que expressa preconceito humano em relação à outras espécie animais (ADAMS, 1996; FRANCIONE, 2000; OLIVEIRA, 2015; REGAN, 2001; RYDER, 1975; SINGER, 2004).

O especismo organiza preconceitos e relações de dominância entre diferentes espécies. O padrão de desobedecer ao princípio de igualdade e colocar mais valor moral em determinada raça ou gênero acontece e se reproduz em relação às espécies (ADAMS, 1996; FRANCIONE, 2000; OLIVEIRA, 2015; REGAN, 2001; RYDER, 1975; SINGER, 2004). Segundo Naconecy (2014a, p. 172) “[...] o especismo - constitui um processo de alocação de *status* moral, no qual há desvalorização [...] de indivíduos em virtude de serem categorizados como pertencentes, ou não pertencentes, a uma determinada classe”.

Segundo Possamai (2010) e Bourdieu (2003) as contribuições de alguns pesquisadores e filósofos foram marcantes na história e influenciaram os próximos pensadores. Desta forma, os paradigmas mudam conforme épocas e também conforme pensadores que fazem com que questões sejam refletivas a ponto de haver uma mudança, o filósofo René Descartes no século XVII, por exemplo, apesar de não ser o único, teve importância na construção do paradigma antropocêntrico (POSSAMAI, 2010). Segundo Foucault³² (2007) na era clássica o mecanicismo proposto pela ordem calculável de Descartes tomou conta do pensamento regente, se tornando quase que hegemônico. Para Fohrmann & Kiefer (2016) o pensamento antropocêntrico também tem raízes Kantianas³³.

Esses pensamentos expostos por Descartes fomentaram a ideia de que animais são seres fragmentados como máquinas e que não têm consciência. Este pensamento fragmentado influenciou e influencia a

³²Cole (2011) acredita que o filósofo Foucault contribuiu para a compreensão das mudanças que houve na sociedade em relação ao especismo.

³³referente ao filósofo Kant.

coisificação da natureza e dos animais. Para Vint (2007) as ideias de Descartes foram determinantes para incentivar o especismo na sociedade.

Em um artigo na BBC (2014) o especismo é retratado como “a ideia de que ser humano é uma razão boa o suficiente para que os animais-humanos tenham maiores direitos morais que os animais-não-humanos”. O artigo da BBC explica que os especistas costumam considerar os antiespecistas como fanáticos, e justificam o especismo pelo fato de haver diferenças entre a espécie humana e as outras espécies, o que afeta o *status* moral. Afirmam que a maior capacidade de autoconsciência justifica um *status* moral mais elevado aos humanos. Outra justificativa da fomentação do especismo é o argumento de que é biologicamente natural tratar membros da própria espécie melhor do que de outras espécies.

Em relação ao antropocentrismo e ao especismo, de acordo com Cardoso e Trindade (2011) para lidar com direito ambiental e animal não é possível manter a matriz de pensamento antropocêntrico. Levai (2014) concorda e acrescenta afirmando que é impossível um mundo mais justo, seja jurídico, social ou político se a visão humana persistir no viés antropocêntrico. “Embora permitido pelo Direito, a milenar ação escravagista do homem sobre o animal será sempre, do ponto de vista filosófico, uma prática injusta, principalmente quando oprime, agride, tortura ou mata” (LEVAI, 2014. p. 177).

De acordo com Decca (2008) o filósofo John Gray em sua obra ‘Cachorros de Palha’ critica o antropocentrismo e aponta que o desenvolvimento da humanidade pouco tem contribuído com o progresso da ética e da política. Possamai e Souza (2009) concordam, pois afirmam que: “Estamos vivendo uma crise de paradigma, ao ocuparmos – por iniciativa própria – a posição de “ser superior” em relação a todos os demais seres que habitam a Terra [...]”.

O filósofo e historiador Norberto Bobbio (1992, p. 18) crítica o antropocentrismo prevendo outro pensamento padrão futuro:

Não é difícil prever que no futuro, poderão emergir pretensões que no momento nem sequer podemos imaginar, como o direito a não portar armas contra a própria vontade, ou o direito de respeitar a vida também dos animais e não só dos homens.

Gray (2006) propõe reflexão sobre o relativismo da moralidade, já que o conhecimento humano sobre justiça muda com o tempo, como por exemplo, ocorreu em relação à escravidão dos negros, o que antes era aceitável, hoje é visto como injusto. Nesse sentido, ele também critica o antropocentrismo e o especismo, ou seja, a relação de dominância dos humanos sobre os animais-não-humanos.

Bobbio (1992, p. 63) afirma que:

Olhando para o futuro, já podemos entrever a extensão da esfera do direito à vida das gerações futuras, cuja sobrevivência é ameaçada pelo crescimento desmesurado de armas cada vez mais destrutivas, assim como a novos sujeitos, como os animais, que a moralidade comum sempre considerou apenas como objetos, ou, no máximo, como sujeitos passivos, sem direitos.

Singer e Xavier (2002) assim como Bobbio, entendem que o alcance de direitos faz parte de um caminho histórico. Sobre as transformações morais da sociedade, Bobbio (2002) comenta que no século XVIII o direito social ainda não estava em pauta de discussão e, além disso, propõe uma visão sobre ética diferente da usual (que costuma relacionar ética à política).

De acordo com Oliveira (2015, p. 11) “as mudanças de paradigmas do status moral dos humanos implicaram em mudanças na visão econômica que submetia os humanos à lógica de mercado, limitando assim a inserção de seres humanos em transações comerciais [...]”.

De acordo com Silva (2014) John Rawls, criador da Teoria da Justiça, afirma que ao dar dignidade aos animais, acontecem mudanças morais, pela mudança dos valores sociais e isso acarreta em obrigações morais com os animais. Garner (2013) comenta que John Rawls, em sua Teoria da Justiça, faz uma observação dizendo que os animais não devem ser submetidos à crueldade. E Garner em sua Teoria da Justiça Para os Animais³⁴, acrescenta que nenhum animal deve ser violado em sua senciência³⁵, e que apesar de nem todas as espécies serem iguais, não há necessidade de serem

³⁴Livro inspirado na obra de Rawls.

³⁵Singer (1979) descreve a senciência como capacidade dos animais de sentir dor e sensações. Em outras palavras alegria, tristeza, angústia, ansiedade, medo, carência, pavor, prazer, agonia, aflição, dentre muitas outras.

iguais para que tenham direitos equitativos. De acordo com Sustain (2014) o John Stuart Mill fez analogia entre a escravidão dos animais com a escravidão humana, criticando a exploração animal.

Em 2006 o filósofo Tom Regan acrescentou dignidade aos animais utilizando, em suas obras, o termo “sujeitos-de-suas-vidas” para designar que os animais são seres com interesses e que deve ser garantido que cada indivíduo animal tenha direito a sua própria vida e direito a seus próprios interesses, o que aponta claramente uma crítica ao antropocentrismo e ao especismo. O biólogo Luís Martini (2016) utiliza o termo “pessoa moral não humana” para designar os animais, a partir do conceito de pessoa não-humana desenvolvido por Peter Singer.

O antropocentrismo e o especismo dialogam também com a visão instrumentalista da natureza, ou seja, o pensamento operacional em relação à natureza. Segundo Santos (1992) é necessário filosofar sobre as relações entre natureza, ciências, religiões, percepções humanas sobre natureza, conhecimentos tradicionais, pensamento racional, entre outros, pois ao mesmo tempo em que há fomentação do pensamento racional sobre a natureza há também mistura de crenças populares, necessidades psicológicas e visão da natureza de modo encantado, como algo mágico, e, além disso, a própria natureza se tornou social com o início da história humana no Planeta, assim como suas interferências. Atualmente nota-se que há mais componentes processados e tecnificados do que naturais em volta da maioria dos humanos. “Os sistemas lógicos evoluem e mudam, os sistemas de crenças religiosas são recriados paralelamente à evolução da materialidade e das relações humanas e é sob essas leis que a Natureza vai se transformando” (SANTOS, 1992, p.96).

Com a presença do homem sobre a Terra, a Natureza está sempre sendo redescoberta, desde o fim de sua história natural e a criação da natureza social, ao desencantamento do mundo, com a passagem de uma ordem vital a uma ordem racional. Mas agora, quando o natural cede lugar ao artefato e a racionalidade triunfante se revela através da Natureza instrumentalizada, esta, portanto domesticada, nos é apresentada como sobrenatural (SANTOS, 1992, p.96).

Enquanto no Ocidente houve e há hegemonia do pensamento antropocêntrico, no Oriente outras linhas de pensamento tiveram mais

destaque, entretanto posteriormente à globalização e à revolução científica, com a universalização da ciência, o padrão de pensamento sofreu alguma alteração em todo mundo. Além disso, o pensamento aristotélico foi difundido na maioria dos territórios invadidos pelos europeus. Santos (1992) explica que a natureza redescoberta também sofreu as influências do processo de universalização.

O físico Fritjof Capra, em suas obras, apresenta diferentes visões de pensamento entre o Oriente e o Ocidente. Para Capra (2006) a ciência precisa se voltar para a ecoética e resgatar valores. O pensamento de Capra é reflexo de um pensamento sistêmico, que percebe a inter-relação e interdependência de “tudo” – “dos diversos elementos que compõem o que chamamos de Terra” e compreende os seres vivos como conectados, de modo que a partir desta perspectiva deveriam ter direito de viver com respeito e dignidade. O antropólogo Edgar Morin (2007) afirma que a visão sistêmica faz com que as partes do todo sejam observadas, não fomentando uma visão do todo, neste sentido, ele propõe a visão complexa, onde há diálogo entre as partes do todo. Para Gray (2006) pode-se dizer que muitos pensadores têm contribuído para mudança de paradigma, desconstruindo o antropocentrismo e construindo outra forma de ver o mundo. Mas atualmente o antropocentrismo e o especismo ainda são dominantes no pensamento da sociedade Ocidental.

Este item apresentou a relação entre o pensamento hegemônico na sociedade e na ciência em relação aos animais, assim como os pensadores mais marcantes na construção do pensamento antropocêntrico e especista. Apresentou-se a relação entre o antropocentrismo e a dominação da natureza e também uma das justificativas da perspectiva especista. O item apresentou a literatura crítica ao antropocentrismo e ao especismo, esclarecendo o pensamento antiespecista e apresentando alguns fomentadores desta perspectiva e também da perspectiva não antropocêntrica. O item apresentou a relação entre política, cultura, moral e economia, assim como a relação da globalização que fomentou uma homogeneização entre Oriente e Ocidente. Este item contribui de forma relevante na pesquisa, pois auxilia na compreensão da construção da ciência e esclarece o especismo e o antiespecismo.

Esclarece-se que neste item decidiu-se abordar a literatura crítica do especismo, pois nas plataformas de pesquisas científicas é escasso pesquisas com o termo “antiveganismo” ou *antiveganism* (com hífen e sem hífen) e também é escasso encontrar artigos científicos de pesquisadores autodeclarados especistas. Nos sites de buscas não acadêmicos é possível encontrar sites, blogs e grupos antiveganos, ou seja, especistas autodeclarados. Deste modo, justifica-se a dificuldade de encontrar artigos científicos que argumentem, expliquem e justifiquem a vertente de pensamento especista do ponto de vista filosófico ou conceitual. Pressupõe-se que existam publicações que fomentem a ideologia especista, assim como apresentam explicações da construção do pensamento especista, porém procurou-se também pelos termos *speciesism* e *speciesist* e encontrou-se, em maior quantidade, autores dos ECA escrevendo e relatando sobre o antiveganismo ou sobre o especismo sob o ponto de vista do antiespecismo

1.4. O especismo bem-estarista

No pensamento conhecido como bem-estarismo, assim como no pensamento do especismo, compreende que os animais-não-humanos são objetos sem direitos e que existem para fins humanos, entretanto o bem-estarismo tem a ressalva de propor métodos, práticas ou artefatos que propõem tentar minimizar a dor e o sofrimento (físico e emocional) dos animais.

A partir da década de 70 as discussões sobre direito animal conquistaram visibilidade (FAVRE, 2014) e uma parte dos consumidores de produtos com ingredientes animais começaram a se questionar (em relação às problemáticas éticas em explorar animais) e também questionar o modo como os animais eram criados, produzidos, manejados e abatidos, sobretudo por serem seres sencientes, ou seja, sentirem dor e sensações positivas e negativas (PROMCHAN, et al, 2009). Promchan, et al (2009) afirma que a crescente produção animal industrializada gerou uma séria de problemáticas éticas, e entre elas, a preocupação com a condição animal, assim como com o meio ambiente e a segurança alimentar.

Temple Grandin³⁶ foi uma das precursoras no desenvolvimento de projetos bem-estaristas na agropecuária e segundo entrevista concedida ao sítio virtual BeefPoint em 2014, sugere que antes do pecuarista bem-estarista agir com os animais deve perguntar a si mesmo se a ação que ele está dispensando ao animal o deixaria embaraçado ou não, caso fosse publicada na *internet*, ou seja, se basear na moral da sociedade para agir. O filme “Temple Grandin”³⁷ mostra que um dos projetos consiste no desenvolvimento de um caminho para a chacina, que ao invés de ser em linha reta (como nos projetos convencionais) é arredondado, com curvas, na tentativa de diminuir o pânico dos animais, ao serem obrigados a caminhar para o própria morte.

Na indústria animal, para obter um abate chamado bem-estarista, de acordo com Costa e Sant'Anna (2016) é necessário atender aos padrões que incluem o animal: não passar fome e sede; não ter medo e estresse; não sentir dores e desconfortos; assim como ferimentos e doenças, e mesclam elementos de estado emocional; funcionamento biológico e expressão de padrões normais de comportamento.

Segundo artigo na Meating Place (2018) *apud BeefPoint*³⁸ (2018) a preocupação com o bem-estar dos animais é uma das maiores inquietações dos norte-americanos atualmente e que esse tipo de preocupação faz com que os consumidores procurem produtos que contém certificados de bem-estar. Dessa forma, há países onde existem consumidores que buscam esse tipo de animal-produto.

O bem-estarismo é interessante para empresas que buscam alcançar mercados internacionais, que tenham como regra de importação selos e certificações bem-estaristas. Promchan, et al (2009) da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) acredita que o bem-estar animal promove o desenvolvimento de países menos desenvolvidos, pois

³⁶Atual professora de Ciência Animal na Universidade Estadual do Colorado nos Estados Unidos e segundo o BeefPoint (2014) é a principal referência em bem-estar animal no mundo.

³⁷Filme norte-americano, dirigido por Mick Jackson em 2010.

³⁸Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa online com 1.000 norte-americanos. Em parceria com a Ketchum Global Research and Analytics e a Research Now, que conduziu a pesquisa entre 27 de fevereiro a 1º de março de 2018.

atingindo os padrões de bem-estar é possível ter acesso a mercados internacionais, assim como promover melhoria de tecnologias. Sordi (2014) afirma que os padrões de bem-estar animal regidos pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) prejudicam a comercialização de produtos de origem animal quem não têm as práticas ou as certificações. Dessa forma, as empresas sofrem uma pressão econômica para obter certificação de bem-estar animal.

Segundo Costa e Sant'Anna (2016) o bem-estar animal é visto como valor agregado aos produtos animais e pode atender o mercado preocupado com essas questões, sendo ao mesmo tempo, oportunidade e estratégia de negócios. Além de melhorar os negócios agropecuários Promchan, et al (2009) afirmam que outro elemento que têm fomentado o bem-estar na produção animal é a ciência moderna, que comprovou que animais são sencientes, o que somado às crenças tradicionais em relação à sensibilidade dos animais é considerado um impulso para o bem-estarismo. Percebe-se então que a obtenção do certificado proporciona benefícios econômicos à indústria animal. Segundo Franco (2016) o Brasil seguiu uma tendência de mercado e criou em 2008 a Comissão Técnica Permanente de Bem-Estar Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)³⁹. Conforme apresentado nos dados da pesquisa conduzida pela Research Now, uma parcela da população norte-americana passou a questionar as indústrias-animais sobre o modo como os animais eram tratados e reclamaram por medidas de bem-estar, porém a situação moral dos animais continua a ocupar o patamar de coisas e máquinas. Neste sentido há uma contradição em solicitar bem-estar para aquilo que se considera uma máquina ou coisa e ademais, como estabelecer o que é bem estar para animais de diferentes espécies e, sobretudo para “animais máquinas”?

Em relação às normas de bem-estar, Costa e Sant'Anna (2016) comentam que existem diferentes programas de bem-estar animal e é

³⁹O MAPA oferece linhas de créditos para implantação de práticas de bem-estar. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animal/linhas-de-credito>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

complicado haver uma avaliação padronizada, o que fomenta a desinformação por parte dos consumidores desses produtos. Para Promchan, et al (2009) até mesmo as legislações bem-estaristas variam de modo amplo, sendo que em alguns casos são estaduais, em outros federais e os países, quando comparados, demonstram variação, como no caso da Nova Zelândia onde as leis são de cumprimento voluntário. Ademais, Promchan, et al (2009) afirmam que o cumprimento das leis são difíceis, pois dependem da cultura e educação de cada povo e que no geral as leis são ineficazes para garantir práticas bem-estaristas, além disso, comentam que a avaliação do bem-estar é complicada, pois depende de muitos fatores, sendo considerado interação entre genética, meio ambiente, nutrição, saúde, maneira que os mesmos são manejados, entre outros.

O bem-estarismo encontra seus críticos entre pensadores, cientistas, militantes abolicionistas e também consumidores vegetarianos-estritos e ativistas veganos que questionam como é possível criar animais confinados e matá-los sem feri-los ou causar a eles estresse, medo e desconfortos? Sobre o padrão de “não passar fome e sede” Faucitano e Schaefer (2008) *apud* Costa e Sant'Anna (2016) afirmam que no período que antecede o abate dos animais da pecuária é comum o procedimento de deixá-los em jejum evitando que tenham fezes e conteúdo gastrointestinal dentro de seus órgãos, facilitando o processo do corte de seus corpos. Esse procedimento de jejum é um benefício para a indústria, pois ao processar os animais não haverá fezes e urina dentro deles, e não benefício para os animais, entretanto Warriss, et al, (1994) *apud* Costa e Sant'Anna (2016) afirmam que esse é um procedimento de bem-estar animal, pois evita que os animais vomitem durante o transporte dos animais até o matadouro. Sede é considerado bem-estar mesmo em viagens longas, que por vezes, duram mais de um dia e em pleno Sol, nos caminhões ou navios. Promchan, et al (2009) comentam que cada região tem suas culturas e religiões predominantes e que colaboram para uma diversidade de perspectiva sobre o que é bem-estar animal.

Neste sentido, como definir o que é bem-estar para animais de diferentes espécies, raças, idades e condições? Porcher (2004) comenta que o

bem-estarismo é um problema científico, pois foi construído a partir da negação do sofrimento animal. Para Felipe⁴⁰ (2018), a parte da definição do que é bem-estar ou mal-estar é difícil, pois as pessoas costumam basear o bem-estar de um animal a partir do que é bem-estar para elas mesmas. Segundo Costa e Sant'Anna (2016) *apud* Botreau, et al, (2007), dessa forma, as empresas certificadoras de bem-estar animal nem sempre têm a mesma definição de bem-estar, sendo complicado obter um padrão do que são métodos de aplicação e avaliação bem-estaristas. Fraga & Góes (2018) questionam o conceito de bem-estar:

As concepções do que é bem-estar ou mal-estar é oscilante de acordo com as características de cada espécie, além de variar também de acordo com a perspectiva moral humana, pois animais têm situação moral de máquinas na visão de seus exploradores, sendo assim, o que é bem-estar para uma máquina?

Para Porcher (2004) a temática de bem-estar animal traz sofrimento não só para os animais, mas também para os humanos, pois com o aumento acelerado da industrialização, a exploração intensiva se deu tanto para as “matérias-primas” quanto para os operários que as manejam e nesse sentido, as práticas bem-estaristas são procuradas para atender mercados, principalmente europeus, mas que uma vez o mercado atingido, se intensifica a produção para atendê-los. Conforme retrata Porcher (2004, p. 38): “Ao normalizar o trabalho a partir de critérios de adaptação, de aceitabilidade e de visibilidade social, contribui, sobretudo para transformar dores visíveis em sofrimentos invisíveis, tanto para os homens quanto para os animais”.

Promchan, et al (2009) comentam que há acordos internacionais que visam desenvolver recomendações de condutas em transportes internacionais de animais, alojamento de animais em pecuária intensiva, padrões de abate, espaços de confinamento, métodos de atordoamento, etc. As normas, leis⁴¹ e acordos fomentam a indústria animal e legitimam a exploração dos animais. O

⁴⁰Veterinário e diretor do Departamento de Bem-Estar Animal da Secretaria de Meio Ambiente de Campinas, São Paulo.

⁴¹Cf. Leis brasileiras sobre bem-estar animal. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animal/legislacao>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

sociólogo Matthew Cole (2011) analisa que este discurso, tanto na academia quanto na indústria, traz a intenção de reconceituar a relação entre humanos e não-humanos, a fim de remoralizar o consumo de produtos de origem animal (animais e secreções animais) e causar uma ilusão de ética nos consumidores que sentem prazer em comer animais, porém, no entanto afirma que não há ética, pois na prática os animais continuam sendo criados de forma intensiva e assassinados da mesma forma, sendo chamados de “carne feliz” ou não, tendo o certificado de bem-estar ou não. Para Felipe (2009) é necessário conhecer a realidade, fazer escolhas de modo a não manter a ingenuidade moral e assim ser possível decidir por condutas éticas.

Regan (2006) afirma que existem correntes de pensamento de bem-estarismo, que propõem explorações de modo humanitário, porém sabe-se que, na verdade, essas propostas são muito controversas e contraditórias e estão relacionadas com o aumento de propaganda e publicidade verde das indústrias e consecutivamente o aumento de lucro, em outras palavras, há outros interesses do que a outorga de direitos aos animais-não-humanos. Para Fraga & Góes (2018) “[...] em relação a esse tema há controvérsias no âmbito científico e político, sendo o mesmo, alvo de polêmicas e manifestações por parte do movimento animalista em contraposição ao posicionamento dos agro-empresários”.

Segundo Sordi (2014) um dos motivos que a indústria animal tem aberto espaço para o bem-estar animal, com certa emergência, é para tentar mostrar uma imagem positiva ao público, além de evitar perdas econômicas. O bem-estarismo pode ser considerado uma estratégia de mercado e os manejos animais de rótulo sustentável podem ser compreendidos como uma oportunidade de mercado já que a situação ambiental por vezes ganha audiência na mídia. Porcher (2004) concorda que as práticas bem-estaristas são adaptadas na produção animal para serem utilizadas nas propagandas. Cole (2011) comenta que uma fábrica de animais atinge sucesso financeiro quando aplica técnicas bem-estaristas, ou seja, utilizando a expressão ‘carne feliz’, porém essa ‘felicidade’ é anulada no matadouro e os animais pagam esse preço com seu próprio sangue.

Há casos de bem-estarismo fora da indústria, em produções de animais extensivas, como agropecuária familiar ou mesmo de modo orgânico⁴² que costumam aderir práticas de bem-estarismo, principalmente quando buscam certificação (de bem-estar animal ou de orgânico). Em produções deste tipo, configuradas como sustentáveis, ainda assim são caracterizadas como especistas, pois independente de como o animal é manejado, ele é compreendido como um ser sem o direito de sua própria vida. Segundo Felipe (2014c, p. 157) “Não há sistema orgânico que respeite a natureza evolutiva dos animais, se eles são criados para o abate ou para a extração de leites e ovos”.

No bem-estarismo há a seguinte contradição: nem todos os animais têm o mesmo grau de consideração. A célebre frase do escritor George Orwell (1954 [2007],) em seu livro “A Revolução dos Bichos”⁴³ ilustra tal incoerência: “Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros”. Felipe (2012) explica que as vacas, por exemplo, não são respeitadas da maneira como os cachorros são, apesar de também terem sido domesticadas e terem emoções. Felipe (2009) chama essa contradição de especismo eletivo. Francione (2000) utiliza o termo esquizofrenia moral para designar controvérsias morais da sociedade em relação aos animais, principalmente em relação às diferentes situações morais de animais-não-humanos de diferentes espécies, como por exemplo, contradições de valor entre cães e porcos. Sendo assim, alguns animais, como é o caso dos animais de estimação são, em alguns casos, eleitos como merecedores de alguns direitos, enquanto outros são considerados merecedores de exploração (com ou sem técnicas de bem-estar). Para Tinoco e Correia (2014) lutar por bem-estarismo também é uma contradição, pois é o mesmo que, por exemplo, lutar por espaços maiores no zoológico, sem compreender que o zoológico não é o *habitat* natural dos animais.

⁴²Na produção orgânica é previsto que a alimentação dos animais será mais próxima do natural (ou artificial, mas sem agrotóxicos), sem uso de antibióticos, químicos para fomentar o crescimento, e com menor aparato tecnológico comparado à agropecuária intensiva. Além disso, não são utilizados animais com genes modificados.

⁴³Livro de ficção que fala sobre distopias e faz sátiras à opressão.

Nesta vertente não se visa abolir a escravidão animal, mas sim, continuá-la e promovê-la. Percebe-se que a crítica ao antropocentrismo se faz também ao bem-estarismo já que essas linhas de pensamento têm as mesmas raízes. Na visão antropocêntrica os humanos são vistos como centros de importância, sendo assim, hierárquicos a todo o resto. O bem-estarismo prevê que animais são seres sem direitos e utilizados para fins humanos, sendo assim, a lógica bem-estarista está dentro do pensamento antropocêntrico e especista.

Assim como se esclareceu na introdução desta presente dissertação, as palavras têm política e intenções (DUNAYER, 2001; JOY, 2001; PORTO-GONÇALVES, 2004), o que não é diferente para a palavra bem-estar e seu alto uso na indústria agropecuária. Tal processo produtivo tem como etapa: prisão, abate, sangria, vivisseção, atordoamento, chacina, carnificina, mutilação, gritos, choros, sangue, e outros processos típicos da produção animal e que indicam naturalmente mal-estar. Além de dor, sofrimento, morte e diversas emoções negativas (PORCHER, 2004; LUNA, 2008), mas apesar disso é chamado de bem-estar. O conceito foi desenvolvido pelos fomentadores do especismo, com a proposta de causar alusão à situação de “bem-estar” para animais em condições de sofrimento, dor (REGAN, 2006), dominação, opressão (OLIVEIRA, 2015; SORDI, 2014) sendo utilizado como estratégia de mercado (COSTA E SANT’ANNA, 2016) e oportunidade de negócios (PROMCHAN, et al, 2009) que se tornou uma tendência de mercado (FRANCO, 2016).

1.5. Alcances e limites do biocentrismo na questão animal

Conforme apresentado, o antropocentrismo, o especismo e o bem-estarismo têm seus adeptos e críticos. Parte dos que constituem os críticos, colaboram com outras escolas de pensamento como, por exemplo, ecocentrismo, zoocentrismo, sensocentrismo, pathocentrismo, holismo, physiocentrismo, entre outras (FOHRMANN & KIEFER, 2016), fomentando a ideia de que os seres humanos não são os seres mais importantes do planeta. Uma destas vertentes de pensamento é o biocentrismo, também conhecido

como ecocentrismo. Segundo Fohrmann & Kiefer (2016) esta linha de pensamento entende todos os seres vivos como importantes e como seres de direitos. Naconecy (2007) comenta que a ótica biocêntrica também é conhecida como ética da vida (ou ética ambiental ou ainda ética da natureza), por considerar todos os animais como individualmente valiosos para a vida na Terra, e esclarece que ter ética em relação à vida não é ter ética em algum tipo exploração das mesmas.

A partir da obra de Taylor, Felipe (2009) apresenta algumas regras do biocentrismo: não maleficência (não praticar o mal contra nenhum ser vivo), não interferência (promover a liberdade dos seres vivos e não interferir na natureza dos mesmos), regra da fidelidade (promover ações que induzam a confiança na relação humano-animal em ambas as partes, sendo que o humano não tem o direito de trair o animal, essa regra promove o convívio de modo respeitoso), regra da justiça retributiva (toda ação que acarrete danos deve ser compensada). Todas essas regras estão dentro da visão biocêntrica que em geral, prevê a imparcialidade no tratamento de espécies, ou seja, igual consideração para todas.

Segundo Rozzi (1997) o surgimento de filósofos ecologistas fomentaram ideias biocêntricas, além disso, outras mudanças de pensamento se iniciaram simultaneamente, como por exemplo: repensou-se a ideia da fragmentação entre natureza e humanos e também religiões antropocêntricas foram questionadas. Alguns dos autores que fomentaram a discussão sobre biocentrismo, foram: Aldo Leopold, Mark Sagoff, Arne Naess, Baird Callicott, Harold Morowitz, entre outros. Há influência da ecosofia⁴⁴, filosofia ecológica que foi alavancada pelo filósofo norueguês Arne Naess quando escreveu sobre a Ecologia Profunda da década de 70. De acordo com Rozzi (1997) os pensamentos de Naess influenciaram a concepção científica e tecnológica de muitos filósofos posteriores.

⁴⁴Relacionado às eco-filosofias convida-se o(a) leitor(a) a Cf. sobre o ecofeminismo, vertente que dialoga com o biocentrismo, no sentido em que promove a proteção da natureza e algumas autoras relacionam a opressão da natureza com os animais, como: Karen Warren, Lori Gruen, Marti Kheel, Greta Gaard, Josephine Donovan, Alicia Puleo, Barbara Noske, Ynestra King, entre outras.

Apesar da influência, houve outros pensadores e grupos distintos. Segundo Latour (2004), o movimento ecologista da década de 70 era diferente da ecologia profunda, principalmente pelas diferenças na objetividade, e, além disso, argumenta que estes movimentos precisam enfrentar suas raízes epistemológicas e ontológicas para ter sucesso. Para Naconecy (2007, p. 7) “[...] a Ecologia Profunda protestaria que não é correto dividir ontologicamente a Natureza em sujeitos e objetos, como metafisicamente independentes”.

Segundo Pacheco (2013) o país Equador está à frente do Brasil em relação às legislações ambientais e animais. Este país alterou sua constituição, resgatando princípios e sabedorias dos povos nativos tradicionais, legitimando os direitos da natureza. O texto foi construído de modo participativo e desconstrói a visão antropocêntrica, sendo concorrente com a Ecologia Profunda.

No biocentrismo há alcances e limites na discussão das questões animais, e também é possível localizar críticas. De acordo com Naconecy (2007) como o biocentrismo não é constituído na visão antropocêntrica, o ato trivial e cotidiano de matar despreziosamente microrganismos, em atos corriqueiros do dia a dia, é problemático para esta corrente. Apesar de o biocentrismo iluminar condutas éticas, segundo Naconecy (2007) há quem considere o biocentrismo como irrealista ou até anti-humanista.

Segundo Felipe (2009, p. 17) “Com seu sistema de normas⁴⁵, a ética biocêntrica visa ajudar os seres humanos a não cometer erros, o que quer dizer, a não fazerem o mal”. Entretanto, Felipe (2009) menciona que a visão biocêntrica define o bem-próprio e não foca em ética. A filósofa explica que o bem-próprio pode ser compreendido por ações que favoreçam o bem-estar de qualquer ser (independente de ser animal ou planta). Desta forma, esta linha de pensamento propõe que tanto animais quanto plantas têm valor intrínseco⁴⁶.

⁴⁵Estudos do modelo de ética e respeito pela natureza, desenvolvido por Paul Taylor, um dos precursores da ética biocêntrica (FELIPE, 2009).

⁴⁶A palavra intrínseco aqui é definida como “tem valor por si próprio”. Diferente do conceito de “Valor Inerente” do filósofo Tom Regan, em sua teoria deontológica, e que significa que a vida de um animal tem valor impossível de ser mensurável por um humano. Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2016/01/inerente/>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

Laerte Levai (2016), promotor de justiça de São José dos Campos e membro do GAEMA⁴⁷ (Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente – Núcleo Paraíba do Sul), apesar de trabalhar intensamente com meio ambiente, entende a diferença biopsíquica e do aparato neural entre fauna e flora.

De acordo com Levai (2014, p. 178):

A noção de crueldade, longe de permanecer afeita apenas à saúde psíquica do homem, é universal e anterior ao direito positivo. Ações agressivas e dolorosas, longe de constituir simples conceitos abstratos, recaem sobre um corpo senciente. A dor é real, ainda que nosso sistema jurídico muitas vezes a desconsidere em relação aos animais.

Para Levai (2014) é preciso acabar com a lei do mais forte e nesse sentido descoisificar a natureza e entender que não apenas o ser humano faz parte da complexa relação entre seres vivos que compõem a teia da vida e argumenta que impedir crueldade através da lei está além da perspectiva biocêntrica e isso reflete que Ética deve estar acima do Direito. Rozzi (1997) acredita que o biocentrismo contribuiu para uma visão de que seres vivos são seres de direitos, até porque nesta linha de pensamento, seres de diferentes espécies são vistos como irmãos.

O biocentrismo, apesar de não colocar os seres sencientes no topo da pirâmide hierárquica da Terra, prevê o contrário do pensamento antropocêntrico, já que tudo o que tem vida tem importância. Sendo assim, pressupõe-se que seres humanos, microrganismos, plantas, cachorros e porcos têm o mesmo grau de importância. Os críticos deste pensamento (com exceção dos antropocentristas) colaboraram com outra forma de pensar, colocando os seres sencientes em um patamar superior que os não-sencientes.

Apesar das críticas, um dos alcances do biocentrismo foi fomentar o diálogo entre militantes do movimento animalista e militantes ambientalistas. Como as pautas das discussões atraíam os defensores de todas as formas de

⁴⁷Grupo que trabalha em questões ambientais da região da Paraíba do Sul, no estado de São Paulo, Brasil.

vida, o biocentrismo foi palco de encontro de dois movimentos sociais. Segundo a antropóloga Nádia Farage (2014) tanto o movimento ambientalista quanto o movimento animalista surgiram no século XIX e conforme o passar dos anos houve encontros e desencontros entre eles. Castellano e Sorrentino (2014) apresentam uma aproximação entre o movimento abolicionista e ambientalista como pertinentes para uma mudança de paradigma e comentam que movimentos que combatem a opressão, propõem uma aproximação conceitual e paradigmática, ou seja, pedagógico e político.

Acredita-se que o diálogo enriqueceu os movimentos. Guimarães (2004) comenta que a educação ambiental de caráter crítico fomenta a ruptura de paradigmas e estimula novas percepções. Desta forma, ambientalistas puderam pensar sobre as questões apresentadas pelos animalistas. Haraway (1994) acredita que os movimentos sociais de direito animal reconhecem a necessidade de conexão entre cultura e natureza, humanos e animais não humanos. Ainda assim, há pensadores e militantes que defendem que os animais, por serem sencientes, ocupam um nível superior que outras formas de vida, como apresenta-se no próximo item.

1.6. Sencientismo, abolicionismo animalista e os ECA

Os animais foram referidos como seres sencientes pela primeira vez em 1979 por Singer, e em 2012 a senciência foi reconhecida por neurocientistas da Universidade de *Cambridge*⁴⁸ que concordam que todos os animais, de todas as espécies, têm o mesmo aparato neural que os humanos e experimentam da dor e do prazer para todas as emoções positivas e negativas, prazerosas ou dolorosas, assim como os humanos, afirmam-se que animais têm estímulos cerebrais e existem biopsiquicamente, ou seja, têm consciência biológica e psíquica simultaneamente. Em relação aos termos, o psicólogo antivivisseccionista Richard Ryder (2014), prefere utilizar o termo dorismo ao

⁴⁸Declaração de Cambridge sobre Consciência Animal. (2012) Disponível em: <http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>. Acessado em 24 de Agosto de 2016.

senciência, considerando que a dor é mais significativa que sensações de prazer.

A sentiência se enquadra na linha de pensamento ou corrente filosófica sencientista, que entende que os animais sencientes ocupam um nível hierárquico superior em relação aos outros seres vivos. Dessa maneira, no sencientismo os animais ocupam um nível superior às plantas, pois ambos têm vida, porém apenas os animais são capazes de sentir dor e emoções.

Diversas palavras foram desenvolvidas para designar esta vertente. Felipe (2009) se refere como sencientismo, já Fohrmann & Kiefer (2016) utiliza sensocentrismo, Rozzi (1997), em espanhol, expressa o termo *sicocentrismo*, Felipe (2014c) também se refere como ética senciocêntrica, entre outras. Dentre estas, decidiu-se utilizar a palavra sencientismo para padronizar a escrita.

Pode-se notar que uma das grandes diferenças entre o biocentrismo e o sencientismo é que no primeiro, a vida é considerada como um todo, como por exemplo, o ecossistema do bioma do norte do Canadá: neste exemplo, todos os seres vivos que compõe este ecossistema são vistos como um conjunto de seres e a individualidade de cada ser não é reconhecida. Rozzi (1997) comenta que no biocentrismo os indivíduos são vistos em conjunto, como organizações biológicas com processos ou como “um fluxo de energia” de um ecossistema.

Para Felipe (2012) os animais têm personalidades e características individuais únicas, assim, como os humanos, há aqueles que são mais agitados, que gostam de se comunicar mais ou os de comportamentos opostos, além disso, há animais que têm características de andar em grupo e outros que preferem ser solitários, ou seja, há características da espécie e também características individuais e próprias de cada ser senciente. Para Juliano (2017) os animais são pessoas únicas, cada galinha é única. Martini (2016) concorda dizendo que assim como os humanos, cada indivíduo animal tem sua própria personalidade e características exclusivas.

No sencientismo os animais são considerados seres individuais e são respeitados em qualquer hipótese. Os mesmos são considerados seres de

direitos e que existem para seus próprios fins. Os humanos que compartilham desta visão e tem condutas de acordo com a ética senciocêntrica é abolicionista e vegano. Na vertente abolicionista, a senciência dos animais é respeitada, independente de sua espécie, raça, nacionalidade ou gênero. Os animais são considerados sujeitos de si mesmos, pois como afirma Regan (2006) os animais existem para seus próprios interesses e não para interesses humanos, os animais são sujeitos de suas próprias vidas. O abolicionismo prevê que todos os animais sejam livres e que a escravidão animal seja abolida. Nesta visão o ponto mais alto da hierarquia de preocupação moral é ocupado pelos seres sencientes.

No movimento animalista há ainda outras vertentes como, por exemplo, o abolicionismo pragmático ou estratégico, que acredita que ações bem-estaristas temporárias podem ser aceitas como meio ou estratégia, desde que visem à abolição como objetivo final. Este conceito tem como figura emblemática o advogado e professor (de direito animal da *Harvard*) Steven Wise, pois além de estudar e divulgar a vertente enquanto professor e pesquisador, Wise milita de forma abolicionista pragmática e é conhecido por conseguir retirar animais-não-humanos inocentes de prisões perpétuas e explorações utilizando a legislação de *habeas corpus* humana.⁴⁹

De acordo com Naconecy (2014b, p. 246):

Um abolicionista pragmático não afirma que o Bem-Estarismo é suficiente para causar a abolição da escravidão animal no futuro. Ele está apenas dizendo que as regulamentações bem-estaristas tendem a conduzir a leis abolicionistas, com maior probabilidade, mas não com garantias de que isso ocorra. [...] Uma lei que proíba a criação industrial de porcos, por exemplo, pode ser interpretada, neste sentido, como uma lei que dá um passo em direção à libertação dos porcos.

Outra vertente é o veganismo interseccionista⁵⁰. Existem movimentos sociais das mais variadas ideologias, que defendem diferentes

⁴⁹Cf. <https://www.nonhumanrights.org/blog/first-habeas-corporis-order-happy/>

⁵⁰Sobre o abolicionismo-animalista se esclarece que nem todo vegano-abolicionista é interseccionista. O movimento é plural e formado por pessoas diferentes, com trajetórias pessoais, profissionais diferentes e vínculos ou não com outras lutas sociais. O termo interseccionalidade foi cunhado pela jurista Kimberlé Crenshaw em 1989.

causas, apresentando assim pluralidade multicultural. Entre esses diversos movimentos sociais há simultaneamente reciprocidades e divergências. O veganismo interseccionista marca o encontro de ambientalistas⁵¹, feministas⁵², antirracistas⁵³, pacifistas⁵⁴, entre outros militantes políticos que lutam por equidade, justiça social e percebem similaridades entre as ideologias e decidem integrar lutas. Há também diversas organizações, grupos e movimentos autodeclarados interseccionistas.

As figuras acadêmicas mais emblemáticas no cenário internacional atual do abolicionismo animalista têm sido o advogado e professor Gary Francione o filósofo e professor Tom Regan, pois suas obras alcançaram popularidade. Atualmente a discussão e fomentação do abolicionismo animalista acadêmico tem crescido, tanto em adeptos da vertente como em autores e pesquisadores desta área. Há os acadêmicos abolicionistas-animalistas e há uma área internacional de estudos e pesquisas científicas abolicionistas interseccionistas que a partir de 2001 tornou-se conhecida como Teoria Crítica Dos Estudos Animais⁵⁵, traduzido como Estudos Críticos Animais (ECA) no Brasil. Esta linha de pesquisa teve crescimento, principalmente, com a criação do Centro de Estudos Para Libertação Animal, hoje chamado de Centro de Estudos Humanos-Animais (CfHAS)⁵⁶, e com o lançamento da revista científica *Animal Liberation Philosophy and Policy Journal* em 2003, que em 2007 mudou de nome para *Journal for Critical Animal Studies*⁵⁷. Entre os esforços acadêmicos para o fomento dos ECA há também a *Revista*

⁵¹Cf. George Monbiot, Jonathan Bartley, Kerry McCarthy, Dale Vince, James Cameron, entre outros.

⁵²Cf. Carol Adams, Patrícia Lessa, Tamara Bauab Levai, Harper Lee, Greta Gaard, Leah Leneman, entre outras⁵². Donovan (1990) *apud* Carmo (2013) revela que há longa lista de feministas que defendem os direitos animais e Leneman (1997) e Adams (2012) *apud* Carmo (2013) contam que na história das feministas sufragistas, muitas eram vegetarianas. Atualmente há diversas autoras sobre a intersecção entre feminismo e o veganismo abolicionista (WRENN, 2018).

⁵³Cf. Abel Trujillo, Dexter Scott King (PETA, 2018), Coretta Scott King (PETA, 2018), Angela Davis (LORIA, 2016), Jay Brave, Aph Ko, Christopher Sebastian, entre outros.

⁵⁴Cf. <https://chooseveg.com/blog/7-social-justice-leaders-you-never-knew-were/>

⁵⁵Cf. *Critical Animal Studies (CAS)* em <http://www.criticalanimalstudies.org/>

⁵⁶Centro de pesquisas interdisciplinares relacionadas às relações humano-animal, que desafia o pensamento antropocêntrico e reconhecem o interesse dos animais em suas próprias vidas (CASTRO, 2018).

⁵⁷Revista editada por: Anthony J. Nocella II, John Sorenson, Kim Socha e Atsuko Matsuoka

Latinoamericana de Estudios Criticos Animales do Instituto Latinoamericano de Estudios Críticos Animales⁵⁸, a Associação Europeia para os Estudos Críticos Animais (EACAS)⁵⁹, a *Minding Animals International Incorporated* (MAI)⁶⁰, entre outros.

Os ECA é um campo de estudo que assume e fomenta engajamento e esclarecimento político por parte dos pesquisadores. A área conhecida como estudos animais também existe e é considerada uma linha que discute as questões relacionadas aos animais e as relações humanos-animais, porém os ECA se diferencia pela abordagem crítica, engajada, política e por estudar e pesquisar os movimentos sociais em prol da libertação animal⁶¹.

Best, *et al* (2007) afirmam que os dez princípios que orientam os ECA são: 1. Interdisciplinaridade e colaboração (apoio e colaboração a trabalhos de diferentes áreas para fortalecer visão mais complexa das relações humanos-animais); 2. Rejeição da ideia de neutralidade científica ou ilusão positivista (questionamento de pesquisas inteiramente objetivas, desprovidas de política e valores); 3. Abordagem teórico-prática (entende a teoria como fortalecimento para ações práticas); 4. Interseccionalidade e visão holística transformadora (avança na compreensão das raízes comuns de opressão como especismo, sexismo, estadismo, classismo, militarismo, racismo e outras ideologias relacionadas à violência); 5. Anti-hierarquização e anarquismo (promove um movimento anticapitalista, uma política anti-hierárquica radical, fomenta a descentralização e democratização do poder e a destruição de todas as estruturas de exploração, dominação, tortura, assassinato, poder e opressão); 6. Solidariedade (visa fazer aliança entre vários movimentos sociais e não se fechar apenas no movimento pelos animais); 7. Libertação total (foco

⁵⁸ <http://revistaleca.org>

⁵⁹ A missão da associação é reunir os estudiosos dos ECA, tornar o ensino superior mais aberto pra discutir estas questões, eliminar a opressão animais (humana e não-humana), defender o fim da indústria animal e promover o veganismo (CASTRO, 2018).

⁶⁰ Organiza a Conferência Internacional Minding Animals e busca de forma transdisciplinar avançar nos ECA e sensibilizar para a proteção dos animais, do meio ambiente e de outras questões que integram literatura, estudos feministas, direito, políticas públicas, estudos culturais (CASTRO, 2018).

⁶¹ Para mais informações Cf. TAYLOR, Nik; TWINE, Richard (Ed.). **The rise of critical animal studies: From the margins to the centre**. Routledge, 2014.

em libertação da exploração humana, animal e da Terra); 8. Desconstrução e reconstrução de oposições binárias socialmente construídas como humano-animal, natureza-cultura, entre outros); 9. Política radical (apoio a ações diretas nos movimentos sociais, boicotes econômicos e qualquer ação necessária em prol da justiça social e da paz) e 10. Diálogo crítico (promoção de ecopedagogia e diálogo construtivo entre ativistas, acadêmicos, setores públicos, setores sem fins lucrativos, entre outros). Segundo Santos (2015, p.1) os ECA surgiram como área interdisciplinar, buscando estabelecer de forma holística, um movimento de libertação animal, humana e ecológica e explica que os ECA têm raízes nos estudos sobre o anarquismo e que é uma corrente sobretudo antineoliberal.

Os ECA, que apresentam contestações sociais, científicas e éticas sobre o uso dos animais em geral, incluindo a produção de animais na indústria agropecuária. Alguns autores, como apresentado nos primeiros capítulos, apontam que os usos dos animais é controverso e há uma parcela da sociedade, incluindo os cientistas que se opõe ao uso dos animais e principalmente à industrialização das vidas e mortes. O tema da dissertação se apresenta dentro de um campo envolvido com desenvolvimento tecnológico, debates entre C&T, controvérsias, contestações e desta forma tem ressonância com os ECA. Franco (2016, p. 70) afirma que o modelo de abate animal industrial é alvo de contestação social e de crítica que é “[...] efetivada por agentes não econômicos, mas que produz diferentes impactos sobre a organização da atividade produtiva da carne”.

As concepções abolicionistas, sencientistas e dos ECA são criticadas por outros pensadores. Santana (2006) explica que para o jornalista Michael Leahy⁶² os abolicionistas tentam dar virtudes aos animais e isso seria o mesmo que fomentar virtudes em objetos. Santana (2006) comenta que a organização *Putting People First* (Colocando As Pessoas Em Primeiro Lugar) é o exemplo de um movimento contrário ao abolicionismo. Relata-se também a escassez de artigos científicos que argumentem contra o movimento

⁶²Em 1996 Leahy editou junto com Dan Cohn-Sherbok o livro “*The Liberation Debate*” (THE TELEGRAPH, 2007).

abolicionista ou que escreva críticas. Procurou-se nas plataformas científicas utilizando-se as palavras “contra” “anti” “críticas” combinadas às palavras veganismo, abolicionismo animalista e ECA (em Português e em Inglês) e não encontrou-se artigos ou livros.

Conclui-se que o debate da situação moral dos animais é plural, diverso e heterogêneo. A apresentação das principais linhas de pensamentos dos estudos animais possibilita a compreensão das bases epistemológicas, assim como, elucida os alcances e limitações e de seus incentivadores. Os esclarecimentos dos conceitos fundamentais, nos estudos animais, mostram-se como necessários para o acompanhamento dos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2. A FABRICAÇÃO DE ANIMAIS EM SÉRIE

“Toda criança deveria visitar um matadouro. Se você discordar, pergunte a si mesmo o porquê”.

George Monbiot

2.1. A vida e a morte na produção industrial de animais

Neste capítulo apresenta-se a problemática relacionada à indústria animal, contextualizando importantes aspectos e sua atual conjuntura, com a finalidade de elucidar a dimensão e as diferentes esferas que se interseccionam com esse setor corporativo, pois ultrapassam a questão da exploração animal, que é base essencial para seu funcionamento.

A agropecuária tem passado por transformações ao longo da história. Antes da revolução industrial, a produção animal costumava acontecer em sítios e fazendas, com o intuito de atender a subsistência de famílias e também servir como moeda de troca, em outras palavras, a produção era extensiva, por ser de pequena escala, e, dessa forma, os animais viviam em um ambiente de baixa intensidade tecnológica. Posteriormente ao período de industrialização esse cenário mudou de fazenda ou sítio para indústria. Dessa forma, a produção aumentou e mudou de característica, sendo considerada intensiva e de base tecnológica. Porto-Gonçalves (2004) critica a industrialização do campo para a direção de um sistema agrário-agrícola capitalista neoliberal, pois argumenta que a ausência de autonomia dos camponeses e a insegurança alimentar que tem raiz na domesticação⁶³ de animais e atualmente são causadas pela monocultura e pela mercantilização da vida.

⁶³Nibert (2013) *apud* Dionne (2013, p.143) reinterpreto o termo domesticação para “*domeseccration* ou prática sistemática de violência, em que os animais são escravizados e biologicamente manipulados, resultando em sua objetivação, subordinação e opressão”.

Outra intensa mudança na forma de produção ocorreu após a revolução verde, a partir da década de 1950, onde focou-se no desenvolvimento de tecnologias para intensificar ainda mais a produção de vida e morte em série. Porto-Gonçalves (2004) sugere que a chamada revolução verde deveria se chamar revolução vermelha, pois tal conceito é uma tentativa de despolitização a fim de provocar neutralização e naturalização da tecnologia, que tem como intuito a dominação da natureza, assim como sua mercantilização, contaminação, poluição, esgotamento, monopolização, desertificação, extermínio da biodiversidade e supressão de culturas e dos agricultores familiares, entre tantas outras externalidades negativas, típicas do antropocentrismo e causadas principalmente por agrotóxicos, desmatamentos, fertilizantes químicos, organismos geneticamente modificados (transgênicos) e monoculturas.

Será visto neste capítulo como tais eventos promoveram mudanças na relação humano-animal, considerando a mudança de perfil dos trabalhadores deste setor, assim como a brusca mudança da paisagem, outrora bucólica, familiar e rural para um cenário maquinário, industrial e empresarial; substituição de postos de trabalhos humanos por máquinas, como por exemplo, a ordenha de leite em vacas que antes era manual, hoje em dia, nas médias e grandes produções foi substituída por ordenha mecanizada; o abate do animal que era arcaico também se modernizou, entre outros. Entretanto é importante esclarecer que no arcaico havia tecnologia, a própria faca (usada inicialmente no abate) é um artefato técnico. Atualmente, foram desenvolvidas máquinas de despedaçar animais com maior agilidade e que nem sempre necessita de presença humana para tal execução.

Também houve mudanças no âmbito biotecnológico. Os animais passaram por processos de melhoramento genético (a partir de cruzamentos entre determinadas raças de uma mesma espécie) e até transgênicos (organismos geneticamente modificados). Brum (2000) estuda e pesquisa mercados agropecuários e explica que na década de 90 a União Europeia impôs a seus exportadores de carne que não utilizassem hormônios de

crescimento⁶⁴, mas segundo Brum (2000), apesar das represálias, 95% dos criados norte-americanos produzem com hormônios, pois alegam lucrar 10% a mais por animal e ademais, alegam que os europeus utilizam hormônios às escondidas. Estes hormônios são utilizados para que os animais cresçam e produzam secreções em velocidade maior do que o natural, porém o assunto é polêmico e controverso (TWINE, 2012) e há diferentes publicações sobre o assunto. Também são utilizados antibióticos⁶⁵ frequentemente para prevenir⁶⁶ doenças, já que os animais contam com pouca variabilidade genética, estresse, emoções psicossomáticas como medo e tristeza e que contribuem para diminuir a imunidade dos animais. Segundo Gonzales, et al (2012) os antibióticos são denominados Antibióticos Promotores de Crescimento (APC) e são inseridos na alimentação dos animais.

A mudança também ocorreu na alimentação dos animais explorados na agropecuária. Antes os animais tinha acesso a alimento natural como, por exemplo, gramíneas para ruminantes e atualmente os animais costumam ser alimentados por ração artificial, ou seja, alimento processado, incluindo alimentos transgênicos, com nutrientes que visam o aceleração de seu crescimento ou produção de secreções de fêmeas como leite ou ovos. De acordo com Sampaio, et al (2001) as pesquisas sobre nutrição artificial de animais têm sido cada vez mais desenvolvidas, pois a competitividade neste setor é alta e por isso é interessante uma alimentação para os animais que auxilie na geração de lucro, sendo geralmente milho, soja e polpa cítrica, os alimentos elegidos para o gado

É possível notar que a relação entre os trabalhadores e os animais também mudou após a industrialização da agropecuária. Franco (2016, p. 84) afirma que “[...] observamos a existência de um mal-estar dos próprios operadores em ter que lidar com uma atividade produtiva que torna necessário

⁶⁴ Assunto muito controverso e polêmico entre profissionais de diferentes áreas e na mídia.

⁶⁵ Nos Estados Unidos, até 2011 foram vendidos 29,9 milhões de libras de antibióticos para a pecuária enquanto foram vendidos 7,7 milhões de libras de antibióticos para uso humano. Por ano os Estados Unidos compra mais de 12.000 toneladas de antibióticos pra pecuária, enquanto para humanos compra menos de 4.000 toneladas. (www.factoryfarmmap.org).

⁶⁶ O demasiado uso de antibióticos pode causar um complexo problema de saúde pública, pois as bactérias têm mecanismos de resistência aos antibióticos (MOREIRA, et al, 2013).

tirar a vida dos animais para a produção de mercadorias”. Na produção familiar o número de animais é reduzido e por isso a relação entre humanos e animais é mais próxima, já que há uma maior quantidade de atividades manuais. Em pequenas propriedades é possível distinguir indivíduos-animais (chamados popularmente de “cabeças”) entre o cercado, já na indústria, os animais costumam viver de modo confinado, em quantidades que por vezes ultrapassam a casa dos milhões, e para que seja possível reconhecer, ou seja, identificar a individualidade de algum animal, todos são marcados com números de registro (a ferro em brasa no corpo ou com argolas em membros), assim como marcação sobre vacinas, entre outras informações. De acordo com Levai (2006, p. 183) *apud* Franco (2016, p. 80):

É comum, nas chamadas fazendas de criação, que a propriedade do bovino seja proclamada, a ferro quente, na pele do animal. Os cortes de cauda nas ovelhas, a extração dos dentes dos suínos, as debicagens nas galinhas e as castrações de bois e cavalos, tudo sem anestesia, constituem outras práticas inegavelmente cruéis, porém, toleradas pela lei. Isso sem falar no perverso sistema de confinamento, na dieta com hormônios para agilizar o processo de engorda e, por fim, depois de um indigno transporte aos matadouros ou abatedouros, quando os animais são amontoados nas carrocerias dos caminhões, rumo à derradeira agonia da morte anunciada. Tamanho morticídio acaba sendo justificado pela demanda alimentar carnívora, perfazendo-se por intermédio dos métodos oficiais de matança: pistola de concussão cerebral, eletronarcolese e gás CO₂.

A industrialização dos animais reverberou impactos abrangentes, apresentando mudanças nas etapas da cadeia produtiva de animais, como: geração, criação, transporte, abate ou extração, processamento, distribuição e armazenamento dos animais-produtos. Também houve mudanças na relação consumidor-mercadoria, já que na produção familiar, conforme Grisa & Schneider (2008) a criação usual de suínos, galinhas caipiras, vacas, frangos, terneiros, novilhas, entre outros animais são utilizados para o próprio “gasto” (autoconsumo). Enquanto na indústria, os animais, processados industrialmente e armazenados em freezers de supermercados não contêm mais o *design* natural de seus corpos, sendo assim um consumidor é capaz de comprar a mercadoria-animal sem ao menos ver uma característica do indivíduo ou dos variados indivíduos processados juntos (ADAMS, 2012). O que expressa às mudanças nas relações consumidores-produtos (onde os

animais passaram a ser sinônimos de produtos), pois os animais são descaracterizados e transformados em ingredientes (ADAMS, 2012).

A mudança tecnológica se conecta também com a relação entre trabalhadores-insumos⁶⁷ (animais sencientes) e consumidores-produtos (animais processados ou secreções animais processadas), intensificando a coisificação animal e a desconsideração do respeito à senciência. Adams (1996) utiliza o termo referente ausente para designar a alienação em relação aos consumidores de animais, pois muitas vezes, o consumidor não percebe ou não busca refletir que o que está comendo, apesar de ser demasiado processado (como um hambúrguer ou um *nuggets*, por exemplo), são restos de diferentes cadáveres misturados. Cadáveres que antes de serem transformados em mercadorias processadas eram seres sencientes e, dessa forma, tinham capacidades de sentir como um animal-humano.

Percebe-se que a produção de animais no panorama atual, de grande porte agroindustrial, de complexo oligárquico industrial, dos grandes latifúndios, das grandes corporações agropecuárias (PORTO-GONÇALVES, 2004) em nada se assemelha com a produção nas fazendas de animais, que antigamente abasteciam o mercado de produtos de origem animal. Hoje continua existindo a produção artesanal de animais, para venda ou para autoconsumo, em produções familiares, ou empreendimentos orgânicos, agroecológicos ou alternativos. Porém, anteriormente à revolução industrial, a produção artesanal de animais era mais frequente e comum, principalmente no âmbito mercadológico, visto que ainda não havia a agroindústria.

O seguimento industrial de animais (chamado por alguns autores de indústria animal; fábricas animais; agronegócio; agropecuária; pecuária industrial; pecuária intensiva; pecuária confinada; pecuária convencional, entre outros conceitos) conta com o desenvolvimento de tecnologias de ponta em todos os processos industriais, desde a reprodução dos animais até o empacotamento de seus pedaços mortos. Este desenvolvimento tecnológico tem conexão profunda com a revolução verde, que tinha como intuito

⁶⁷Franco (2016) usa o termo “matéria-prima que sente”.

intensificar a produção, aumentando respectivamente consumo, lucro e investimentos deste setor, assim como a abrangência política e poder das corporações vinculadas ao agronegócio.

Além disso, os altos muros da nova fazenda indústria aumentam o distanciamento nas relações animais-humanos, fomentando o fetichismo⁶⁸ da tecnologia e tornando, cada vez mais, o referente ausente⁶⁹, ou seja, a percepção social entre oprimidos e opressores se torna mais complexa no cenário tecnológico. Vint (2007) escreve sobre o especismo apresentando em seu artigo científico com paralelo à obra de ficção científica futurista “Os andróides sonham com ovelhas elétricas?”⁷⁰ e faz uma analogia com a teoria do fetichismo de Karl Marx em relação aos animais transformados em *commodities*, nesta obra, e também na realidade. Em outras palavras, a alienação aconteceu de tamanha dimensão que a sociedade estabelece um “fetiche” com a produção industrial de animais, mesmo sem ter a real compreensão dos aspectos envolvidos.

Para mostrar a dimensão dos usos dos animais e da tecnologia, Twine (2012) comenta que a exploração dos animais pelos humanos é comum no presente e no passado da sociedade e em relação ao desenvolvimento de tecnologias de guerra, Salter (2015) afirma que milhares de animais são utilizados com essa finalidade (como por exemplo, treinamento de cães “suicidas” acoplados com bombas) e atualmente há, principalmente, o desenvolvimento de nano biotecnologia (como por exemplo, insetos vivos controlados por aparelhos remotos para espionagem, chamados de insetos-ciborgue) nos Estados Unidos, inclusive há uma declaração formal de um dos principais centros de pesquisa de biotecnologias, sobre a inclusão dos animais na militarização, ou seja, uma manifestação da situação moral dos animais ou discurso da tecnociência em relação aos animais. Para Santos (1992, p. 96) “A

⁶⁸Segundo Bauman (2008) quando há ocultação da realidade na relação consumidor-mercadoria, há um fetichismo da subjetividade.

⁶⁹Felipe (2014) associa o fato de pessoas se alimentarem do agronegócio, como fator demonstrativo da desconexão com a natureza e o natural, pois as pessoas não associam que aquilo que está comendo era, antes de ser processado pela indústria, um indivíduo senciente e que sentem o mesmo que uma pessoa quando é oprimida e violentada.

⁷⁰Na língua original: “*Do androids dream of electric sheep?*”.

natureza artificializada marca uma grande mudança na história da Natureza. Agora, com a tecnociência, alcançamos o estágio dessa evolução”.

A problemática em torno da tecnologia na agropecuária reverbera em diversos âmbitos. Buzby (2015) considera a produção e o consumo de animais como ponto principal do capitalismo, pois os abusos refletidos pelo modo industrial de produção e pela cultura especista impactam nitidamente em tudo o que interfere na integridade e liberdade dos animais. Além disso, Théry (2012) aponta que a pecuária é uma das indústrias que mais tem funcionários em caráter de semi-escravidão. Desse modo é possível perceber que as externalidades negativas do setor ultrapassam os aspectos morais e os aspectos ambientais, tema de grande atenção mundial, principalmente no que se refere ao aquecimento global. O escritor Upton Sinclair escreveu um livro-denúncia, em 1906, chamado “A Selva”⁷¹ sobre o esquema de grandes matadouros e maus tratos de trabalhadores. Atualmente, documentários mostram a realidade dos funcionários em frigoríficos, a ONG Repórter Brasil fez investigação desta exploração e desenvolveu o documentário “Carne, Osso – O Trabalho em Frigoríficos” (Moendo Gente, 2011). O documentário Food Inc. também mostra esta realidade e o filme Nação Fast Food é um drama que exemplifica estes documentários e faz uma crítica a essa realidade. Porcher (2004) comenta que há muita diferença entre o trabalho no ramo da pecuária na teoria da organização do trabalho e na prática cotidiana.

Entre os infortúnios que a indústria animal causa, os abolicionistas apontam a provocação de intensa dor aos animais. Segundo Luna (2008) os animais utilizados pela indústria agropecuária são os que mais sentem dor, visto que não há preocupação e medidas contra a dor causada por diversas ações humanas. Prada (2002) *apud* Luna (2008) apresenta alguns exemplos de atividades antropogênicas que causam dores aos animais: inflamação das mamas das vacas causadas por extração de leite, inseminação forçada⁷²,

⁷¹É apontado como um dos livros de grande impacto, pois incentivou, principalmente, criação de normas de higiene. Disponível em: <https://revoada.net/9-livros-que-mudaram-o-mundo/>. Acessado em 11 de Junho de 2018.

⁷²Lembra-se que as palavras são políticas e não são neutras. Inseminação forçada pode ser referida por estupro, mesmo considerando a zoofilia neste caso, já que na indústria animal são

marcação na pele, corte de dentes, retirada dos bicos sem anestesia, transportes traumáticos, confinamento, posturas repetitivas ou em locais muito pequenos, traumas diversos, castração sem anestesia, inflamação no casco, corte de rabos sem anestesia, doença degenerativa articular em aves, retirada dos chifres sem anestesia, manejo humano, práticas que causam intensa dor como a de carne de vitelo, entre outras. Além do sofrimento físico, Porcher (2004) comenta que os animais deste setor industrial vivem confinados, ou seja, passam suas vidas em um ambiente artificial, circunstância que leva ao sofrimento emocional.

De acordo com Luna (2008, p. 4):

Práticas como a debicagem em aves de postura, caudectomia⁷³ e corte de dentes em leitões, castração, desvio lateral de pênis para produção de rufiões e descorna em ruminantes, bem como outras práticas de manejo que causam dor e sofrimento intensos, tal como a marcação a fogo, deveriam ser reavaliadas quanto à necessidade e a forma de realização. O custo do sofrimento animal deve ser levado em consideração, já que a emoção e/ou inteligência animal pode ser questionada, mas é inquestionável que os animais podem sofrer.

Ademais do sofrimento animal e humano, há outros temas que estão diretamente ligados à produção intensiva de animais (WÜST, et al, 2015, TWINE, 2012, NIBERT, 2013 *apud* DIONNE, 2013), tais como alterações climáticas (IPCC, 2014), esgotamento dos recursos hídricos (GFN, 2018), desmatamento de florestas (FILHO⁷⁴, 2006), extinção de espécies (WWF, 2017), diminuição da biodiversidade (WWF, 2017), degradação do solo, resíduos, poluição (FAO, 2014), contaminação ambiental (ONU, 2018), deslocamento de comunidades para obtenção de terras (para pasto ou produção de soja⁷⁵ para ração animal) (CARTA CAPITAL, 2013), modificações

humanos que inseminam as fêmeas-não-humanas com aparatos tecnológicos de reprodução. Tema amplamente abordado e discutido por autoras feministas-abolicionistas-vegas. O curta-metragem de ficção *O Rebanho* apresenta mulheres-humanas representando as fêmeas da agroindústria. O curta foi dirigido por Melanie Light e escrito por Ed Pope.

⁷³Retiragem de cauda de animais. Disponível em: <http://www.dicasanimais.com.br/caudectomia-canina/>. Acessado em 11 de Junho de 2018.

⁷⁴João Meirelles Filho é um ex-pecuarista, vegetariano e ambientalista desde 2000.

⁷⁵Segundo WWF (2018) 79% da soja produzida é destinada pra produção de ração pra animais utilizados na agropecuária. Para designar este aspecto, o geógrafo Weis (2007) *apud* Twine (2012) desenvolveu o conceito complexo-grão-pecuária.

genéticas em animais e suas problemáticas, uso excessivo de agroquímicos, entre outros.

A forma convencional de produção animal também está relacionada com outros temas bastante polêmicos, como: falta de biossegurança e soberania alimentar do povo, alimentos transgênicos, patentes de seres vivos, patentes de sementes, testes em animais vivos, principalmente o grande número de animais fistulados na agropecuária, grandes latifúndios e desigualdades sociais, invasões de grandes pecuaristas em terras indígenas e de preservação ambiental. A exportação de água como água virtual também é um tema polêmico e envolvido com a agropecuária (ZIMMER, 2003), entre outros. São temas transdisciplinares, que permeiam diferentes campos. Segundo a organização *Humane Society International* (HSI) (2011) a industrialização da produção animal tem aumentado os impactos ambientais.

Para melhor visualização, apresenta-se dados da matança animal em números. Segundo o IBGE (2015) mata-se 9,7 milhões de animais apenas em 90 dias. O abate de frango em 2015 foi de 1,4 bilhões de animais e o de bovinos foi de 7,6 milhões. Esses dados são referentes ao Brasil. Vale lembrar que são referentes apenas aos matadouros registrados, sendo que há alto número de matadouros clandestinos. Segundo o IBGE (2015) a cada segundo no Brasil pelo menos 182 animais são assassinados pela pecuária. Nestes números não estão considerados os milhares de animais fêmeas exploradas nas indústrias de leite materno e ovos. O instituto esclarece que não detém dados referentes a animais aquáticos (como peixes, “frutos” do mar, baleias, etc).

Segundo o IBGE (2017, 2018) o Brasil tem 218 milhões de bovinos (bois e vacas) e 208 milhões de humanos. Segundo o Governo do Brasil (2018) o país continua o maior exportador de animais do mundo e apenas no mês de Julho de 2018 teve um superávit de 4,2 bilhões de dólares. Isso considerando animais exportados mortos, pois o Brasil também exporta animais vivos, geralmente para serem abatidos de uma forma que segue técnicas religiosas e é ilegal no Brasil. De acordo com a BBC (2018) há cerca de 20 anos o Brasil começou a exportar animais vivos: “Eles são transportados de caminhão das fazendas ao porto, colocados em grandes embarcações, viajam milhares de

quilômetros pelo mar e, depois, são abatidos no país comprador”, em apenas em 2017 o Brasil exportou 460 mil bovinos vivos, em navios. Mercado que segundo artigo da BBC (2018) quase parou por pressão do movimento abolicionista animalista⁷⁶.

Percebe-se que a problemática em relação à produção de animais é complexa e extensa, mas apesar da complexidade e da reverberação em diversos âmbitos, tais informações e discussões são invisibilizadas pela própria indústria, que investe em propagandas nas maiores mídias de massa. O filósofo contemporâneo Foucault, em suas obras, ajuda a sociedade a compreender sobre as relações de poder e as invisibilizações sociais. O que se relaciona com os movimentos sociais e as organizações sem fins lucrativos, pois os ativistas são voluntários e se esforçam, e não raras vezes dão suas vidas, para que um tema ou uma situação se torne publicamente visível. No caso da produção animal, os temas alcançam a mídia nacional e internacional (como o caso da exportação de animais vivos apontada no parágrafo anterior) quando os ativistas se manifestam ao ponto de conquistar coberturas midiáticas, preocupação social e discussão dos temas em âmbitos formais, como na justiça.

O movimento abolicionista animalista é invisibilizado, assim como os animais também são, segundo Adams (2012) que explica que os animais, nas prateleiras do mercado estão “ausentes” (conceito de referente ausente), ou seja, não é habitual associar que o cadáver plastificado foi um animal vivo e senciente, assim como não é habitual para a sociedade associar sobre como é dentro de uma indústria animal e, principalmente, sobre toda a complexa teia que envolve o antes, durante e depois da instrumentalização da natureza. A sociedade e a ciência demonstram estar acomodadas sobre verdades construídas por animais-humanos. Verdades com alicerces antropocêntricos e especistas.

⁷⁶ Estes dados referem-se apenas a pecuária convencional. Milhares de outras espécies animais são produzidos e abatidos em indústrias de peles, testes, entretenimento, etc. Afim de curiosidade, apresenta-se dados de outros matadouros. Segundo RAMIRO (2011) apenas em um único Instituto, o Butantan em São Paulo, 240 mil animais são torturados e assassinados em teste, por ano.

Este item contextualizou as questões relacionadas à produção animal em diversos âmbitos, como o ambiental, o socioambiental, o trabalho humano, mudanças na sociedade, tecnologias que tangem os animais, sofrimento e dor dos animais utilizados nas indústrias, estatísticas de animais explorados, entre outras. Este item contribuiu para contextualizar a indústria e a produção animal e as problemáticas envolvidas, assim como as principais críticas à industrialização animal.

2.2. Indústria animal e tecnologias

Em relação à história da relação humanos-animais, Ferreira, et al (2006, p. 94) afirmam que: “Suínos, bovinos, aves, ovinos, caprinos, peixes, abelhas, entre outros, sempre constituíram importantes fontes de provimentos.” Sordi (2014) afirma que há muitos séculos os animais ruminantes têm tido representatividade das mais diversas (entre história, tradição e etimologia), porém sempre representando sucesso, como por exemplo, trocas matrimoniais, símbolo de reprodução, bens materiais, propriedade, capital, consumo, mercadoria, virilidade, riqueza, acúmulo, dádivas, dinheiro, entre outros, e que na industrialização esses significados representativos foram vistos com ainda mais intensidade pela humanidade. De acordo com Ferreira, et al (2006, p. 93): “Os animais sempre estiveram ligados à riqueza, ao poder e ao desenvolvimento. A história do Brasil está ligada à saga dos animais”.

Ferreira, et al (2006) afirmam que a exploração de animais tem dados desde a pré-história, sendo que a organização deste setor começou a ser pensada apenas na era renascentista. Segundo Porcher (2004) a produção animal se iniciou na Europa e na América do Norte entre o século XVIII e XIX como um setor industrial com foco principal em lucro. Franco (2016) afirma que geralmente os animais eram levados até a cidade para serem mortos dentro das indústrias (matadouro), mas que foi aos poucos mudando para regiões mais afastadas para evitar a fomentação de violência e para vedar a origem dos produtos-animais, principalmente para as crianças. Segundo Dias (2009) os matadouros tiveram que ser afastado das cidades, pois causaram polêmica, em relação às questões de saúde pública como forte mau cheiro, sangue e

vísceras expostas, mas também por sensibilização às torturas e maus tratos que sofriam os animais. Para evitar que o sofrimento fosse visto, os matadouros foram sendo afastados das cidades. De acordo com Buzby (2015) o desenvolvimento tecnológico tornou a fábrica de animais e os matadouros o local mais opressivo e agressivo e, dessa maneira, incentiva a agressividade nos trabalhadores deste setor. Porcher (2004) afirma que as primeiras indústrias de exploração animal receberam críticas e sofreram resistência das instituições de defesa animal, de pensadores e escritores.

Segundo Franco (2016) as primeiras indústrias modernas de produção animal foram Swift e Armour em Chicago, nos Estados Unidos, posteriormente foram instaladas em Paris e em Londres, respectivamente na França e na Inglaterra. Segundo Dias (2009) posteriormente estas empresas se instalaram na América do Sul. De acordo com Porcher (2004) tais indústrias se intensificaram na década de 60, porém como o foco das pessoas na época estava relacionado à segunda guerra mundial, este setor não recebeu muita atualização técnica, porém já se apresentava imensamente diferente da produção não industrial em vários âmbitos como a relação entre animais e trabalhadores, o aceleração e a intensificação na produção, presença de animais geneticamente modificados, onde as capacidades naturais de produção foram alteradas para se produzir mais.

Segundo Dias (2009) Chicago (Estados Unidos), Berisso (Argentina) e Barretos (Brasil) são cidades importantes na história da industrialização da produção animal. Sendo Chicago a cidade com os maiores matadouros do mundo. “[...] o caso de Chicago precisa ser compreendido, porque ali se origina o modelo da exploração industrial de corpos animais para consumo alimentar no período, que veio se estender, rapidamente, por todos os países capitalistas” (DIAS, 2009, p.5).

Sordi (2014) a partir de seu intenso estudo sobre relações humano-animal comenta que apesar dos animais serem considerados coisas há milênios, eles apenas passaram a ser tratados intensamente como objetos-

máquinas⁷⁷ a partir da industrialização. De acordo com Franco (2016, p. 74) “a industrialização do abate diz respeito a uma série de reordenamentos acerca do modo como os animais são manipulados”. Sobre este reordenamento, Franco (2016) explica que envolveu também os trabalhadores, o local e as novas atribuições profissionais: o criador que antes era o responsável por abater e executar as atividades do açougue teve sua função dividida com mais responsáveis, cada um por uma etapa.

Conforme Porcher (2004) os médicos veterinários foram os primeiros a trabalhar com as técnicas de produção animal nas indústrias, além dos pecuaristas e dos assalariados. O curso de zootecnia surgiu na França em 1848 e no Brasil em 1877 (sendo regulamentados apenas a partir de 1910) (FERREIRA, et al, 2006). Os cursos de veterinária inicialmente continham a parte da zootecnia e, ainda atualmente, alguns cursos têm as duas partes, sendo que em outros é separado entre cursos diferentes. Para Sordi (2014, p. 6) a zootecnia é: “a incidência da industrialização sobre os corpos dos animais”. Anselmo (2018) conta que em sua graduação de Veterinária foi ensinado que a produção animal é focada em produzir o maior número de animais possíveis, extrair a maior quantidade de substâncias e secreções animais possíveis, no menor tempo possível. Sordi (2014) afirma que no agronegócio, apesar das relações humanos-animais, o que mais importa é a lucratividade.

Porcher (2004) comenta que a zootecnia compreende conhecimentos racionalizados do manejo animal que colaborou para a exploração animal se tornar um setor rentável e com especialistas. Segundo Ferreira, et al (2006) há necessidade de fomentar ciência, tecnologia e inovação neste setor, que atualmente, significa aperfeiçoamento na criação e produção de animais e que para além de explorar “máquinas-vivas”, prevê fomentar a economia a partir dos animais.

⁷⁷Sordi (2014) comenta que em seu trabalho etnográfico em eventos de produtores animais, não raras vezes, escutou palestrantes e produtores se referirem aos animais como máquinas e afirma que além do evento, manuais e literatura zootécnica costuma referir os ruminantes como máquina bovina (quase milagrosa diante das capacidades usuais dos animais, em geral, pois transformam gramíneas em alimento “consumível” ao humano, ou seja, carne e derivados).

A partir de paralelo entre pesquisas da relação humano-animal com pesquisas do fenomenologista Heidegger, do antropólogo Ingold e de etnografias em eventos de agronegócio, Sordi (2014) comenta que a zootecnia é o aparato de um grupo de técnicas voltados ao zoo, ou seja, aos animais. Em outras palavras, Sordi (2014) acredita que a zootecnia é um conhecimento de técnicas que creem que animais são máquinas transformadoras de alimento humanamente indigesto (celulose) em fartura de alimentos digeríveis pelos humanos, como a própria carne da “máquina” e suas secreções. Felipe (2009) explica que neste contexto, o prefixo bio foi substituído pelo zoo para diferenciar vida animal de vida vegetal.

Ferreira, et al (2006, p. 2) afirma que a zootecnia foi desenvolvida no Brasil em torno de 1956 e que desde então vem passando por: “lutas, estudos, escárnios, injustiças, debates, muitas ausências, indiferenças e algumas glórias conquistadas no descuido dos céticos”, em outras palavras os autores querem dizer que, com o desenvolvimento de normas de exportação, normas sanitárias, entre outras normas, as praticas da zootecnia tiveram que se adaptar para alcançar os novos mercados externos, o que foi visto como grande oportunidades. Macedo (2009) comenta que outra área que atualmente tem se voltado ao desenvolvimento de tecnologias animais é a ciência do solo, incluindo as pastagens e cultivos para alimentação dos animais.

Considerando o desenvolvimento tecnológico no paradigma antropocêntrico tende-se a somar na sociedade, profissionais e acadêmicos carregados de pressupostos especistas. Profissionais com mais foco técnico do que foco em ética e bioética têm se formado, dessa maneira, acredita-se, portanto, que esse enfoque seja responsável pelo desenvolvimento de tecnologias especistas e bem-estaristas. Franco (2016) afirma que aparatos instrumentais, conhecimentos e práticas dos processos que incluem criar, matar e processar animais são saberes de raízes especistas.

Atualmente a agropecuária é um dos maiores setores, com grande influência econômica e política, inclusive com investimentos em diversos partidos políticos no Brasil (BALZA, 2014; CONGRESSO, 2017; PRAZERES, 2014). Gasques (2004) comenta que políticas e programas de crédito, financiamento, incentivo e legislações que protegem e promovem a

agropecuária no Brasil têm interferido no desenvolvimento deste setor. Heinrich Böll Foundation (2016) afirma que há poder concentrado nas indústrias de carne globalizada e critica as vantagens dessa indústria. Cole (2011) comenta que o que marca o poder pastoral na questão das fábricas de animais é o surgimento do discurso bem-estarista nesse setor industrial, juntamente com o discurso científico, mas que ambos não necessariamente coincidem. Para Furquim & Cyrillo (2013) as certificadoras de animais de exportação foi o que impulsionou o maior desenvolvimento de tecnologias, pois as empresas necessariamente precisam investir para lograr os selos.

Segundo Porcher (2004, p. 36) a industrialização dos animais foi promovida pelos zootécnicos franceses e em geral, industrializar é compreendido como: “explorar industrialmente, ou seja, pelos meios e métodos da indústria, que é definida como o conjunto das atividades econômicas tendo por objeto a exploração das matérias-primas e a sua transformação em bens de produção ou de consumo”. Em relação à industrialização e às tecnologias, Sordi (2014) comenta que atualmente há diversos *softwares* que atuam no gerenciamento da produção animal e que é um campo com tecnologias avançadas e automatizadas. Há também aplicativos para acompanhar o mercado de animais, valores, vendas, etc. Segundo Franco (2016) em 1930 foi desenvolvida a arma pneumática para matar animais, além disso, Porcher (2004) comenta que na industrialização a autoprodução de leite materno por uma vaca aumentou em 41% a partir de 1984, entre outros aumentos, como a de porcas matrizes (mães em série) que a partir de 1971, com tecnologias, passou a gerar e parir uma quantidade cada vez maior de filhotes.

Felipe (2012) explica detalhadamente sobre todo o “universo” da extração de leite animal e oferece dados sobre mastite, laminite, leite pasteurizado, inflamações e secreções, antibióticos, comportamento animal, ingredientes contidos no leite, entre naturais e adicionados, IGF-1 (fator de crescimento insulínico), hormônios, patógenos e ainda em relação a efeitos do consumo de leite animal nos humanos, como intolerâncias, alergias, osteoporose, reações no pâncreas (peptídeos e autoimunidade), opiáceos, aterosclerose, gorduras e obesidade. Esses dados sobre substâncias e doenças relacionadas aos ingredientes de origem animal seriam diferentes sem

a industrialização destes animais, ou seja, há profunda relação entre doenças e industrialização. Além disso, Felipe (2012) explica como funciona este setor industrial em vários aspectos. A filósofa critica o que chama de Galactocracia, conceito desenvolvido por ela para designar o poder deste setor, também critica à Galactolatria (sacralização do leite) e propõe ações éticas neste sentido, o que a filósofa conceituou de Galactoética.

Segundo Felipe (2012) há detalhes e fatos entre tecnologia e causas de doenças humanas geradas nas fábricas-fazendas. Felipe (2012) comenta que a mastite, doença inflamatória nas vacas consideradas máquinas de extração de leite, é gerada pela crescente mecanização deste processo, o que machuca, causa dor e inflamação em seu úbere, produzindo além de leite, pus. Este problema é apenas um exemplo dos numerosos problemas dentro desta indústria, que conforme apresentado não se detém apenas aos animais explorados. Os consumidores deste “produto”, ou seja, os humanos que ingerem alta concentração de pus, a partir do leite de vaca, e que segundo Felipe (2012) além de pus, ingerem pesticidas nas rações, antibióticos entre outras substâncias. Como os casos de adição ilegal ao produto, por exemplo, o caso exposto nas mídias do Brasil do acréscimo de soda cáustica e água oxigenada⁷⁸. Além dessas substâncias ilegais, também há casos de acréscimo de formol no leite. E outras fraudes no setor de carne, como mistura de cavalo e raposa ao invés de boi e carneiro (VEJA, 2014) e mais recentemente casos de papelão, carnes vencidas (NOVAES, 2017), tumores e também produtos químicos para maquiagem ruim (O GLOBO, 2017).

Segundo Felipe (2012) outros problemas nos produtos de origem animal são proveniente da artificialização da alimentação dos animais que nos casos dos ruminantes originalmente era capim e após a industrialização se tornou ração proveniente de grãos, substâncias que induzem crescimento, antibióticos, etc. Esses animais se tornam doentes e logo células somáticas e substâncias permanecem no produto a ser consumido por humanos. Segundo Felipe (2014c, p. 193): “O glifosato, altamente concentrado nos grãos, cereais e

⁷⁸CF. em: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/apreendidoleite-cru-com-agua-oxigenada-para-disfarcar-ma-qualidade-8600207.html>. Acessado em 11 de Junho de 2018.

silagens, transgênicos, dados às vacas, está no leite há muito tempo, consumido destemidamente por toda gente e dado aos bebês humanos irresponsavelmente”. Até a década de 50 não era usual ingerir leite de animais e atualmente cada pessoa consome em média 3 litros diários de leite de vaca e seus derivados (queijos, iogurtes e afins) (FELIPE 2012). Pode-se perceber o quanto a produção e o consumo mudaram. Weis (2007) *apud* Twine (2012) afirma que houve uma “carnificação” na dieta global, na década de 50, quando o consumo de animais aumentou quase cinco vezes, o que Weis (2007) chama de “revolução pecuária”.

De acordo com Felipe (2014c, p. 207):

Não há fraudes na composição do leite. O leite hoje é uma fraude. Tudo o que está nele, vindo da alimentação, da água, do ar, dos remédios que dão à vaca, porque nenhuma fêmea aguenta tamanha exploração. Há 50 anos, uma vaca secretava no máximo uns três litros de leite a mais do que o seu bezerro mamava. Hoje, extraem, com motores elétricos e vácuo, que dilata os esfíncteres, forçando a descida do leite pelos canais de 30 a 90 litros por dia.

Sem o fomento da industrialização, acredita-se que a indústria animal não alcançaria tal tamanho, poder e nem processaria os animais a ponto de serem completamente descaracterizados. Bauman (2008) descreve sobre fenômeno de valorização da máquina e da robotização, de forma geral, generalizando as áreas, principalmente em tempos pós-modernos, ou líquido, como prefere conceituar. Pode-se concluir que a indústria animal e as zootecnologias têm tido crescimento e suas implicações refletem em variados âmbitos, encontrando adeptos e contrários resistentes.

2.3. Exposição e ocultação da indústria animal

Neste item são apresentadas as duas principais visões sobre a indústria animal. Uma visão da perspectiva da indústria pelos seus apoiadores e outra por seus críticos. Indústria, matadouro, frigorífico ou abatedouro? Frigorífico na etimologia é uma palavra derivada de *Frigoríficus* do latim que é associada àquilo que faz frio artificialmente. Após a industrialização o uso de

frigoríficos foi mais um item que impulsionou a produção. O fato é de tal importância que as palavras matadouro ou abatedouro⁷⁹ amplamente utilizada na linguagem coloquial brasileira foi atualmente trocada por frigorífico. A substituição da palavra sugere uma negação da morte, morte tal que permeia obrigatoriamente a indústria animal.

Em geral todas as partes interessadas e envolvidas com o setor agropecuário ou com o agronegócio são interessadas na produção animal seja ela industrial ou alternativa. Há também diversos grupos em redes sociais e sítios virtuais que promovem a indústria animal, também chamados de carnistas. Segundo Gibert (2014) o termo “carnismo” e “carnista” foi cunhado pela psicóloga Melanie Joy, em 2011, e é utilizado em seus artigos e em seu livro “Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo.” É um conceito que designa as ideias especistas, portanto sinônimo à especismo. Felipe (2014c) usa o termo *Homo kakothymía* para designar o que ela chama de antropeide moralmente deficiente, também análogo à especista. Alka (2016) comenta que o movimento carnista ignora a política animalista, vegana e antiespecista e muitas vezes expõe o veganismo como escolha pessoal e não como conduta política. Para Twine (2012, p.19) o veganismo é mais que uma dieta, é “um modo sistêmico e interseccional de análise crítica e uma filosofia útil vivida contra o antropocentrismo, à hierarquia e à violência”. Nibert (2013) *apud* Dionne (2013) explica que a exploração animal é um problema estrutural e não pessoal, e que o veganismo é um ato de rejeição ao capitalismo global e é o caminho para a abolição da exploração animal.

Munro (1999) aponta várias propagandas e grupos especistas e comenta que há pouca ponte de diálogo entre os movimentos opostos, sendo que o movimento carnista considera em alguns momentos os ativistas animalistas como terroristas. Apesar da pesquisa de Munro ser da década de 90, ainda há grande distanciamento, até porque a estrutura dos movimentos são diferentes. Enquanto o movimento carnista é mais centrado em

⁷⁹Ambas que designam local onde há carnificina, extermínio, morticínio, ou seja, muitas mortes.

propaganda e publicidade empresarial, grupos públicos virtuais e grupos de empresários como, por exemplo, o grupo “União Nacional dos Fazendeiros” na Inglaterra, o movimento animalista, além de grupos virtuais, se constituem em organizações anônimas e não anônimas, manifestações físicas, organização de petições, associações animalistas, manifestos, atos de desobediência civil de caráter popular, voluntário e sem fins lucrativos, sendo constituído de pessoas físicas e não de pessoas jurídicas, como é o caso dos pró-carnismo, pois segundo Felipe (2012, p. 28): “ética requer a adoção de uma posição que vai além do interesse pessoal, do próprio grupo, etnia ou tradição”. Percebe-se que a indústria animal foi construída dentro de muros de concretos, pois seus consumidores apenas veem os produtos depois dos mesmos serem processados, sendo assim pode-se considerar que os animais com tecnologia convencional agregada se transformam em mortos congelados descaracterizados.

A palavra frigorífico⁸⁰ induz a cognição cerebral para um ambiente higiênico e branco, e é assim que os sites de pesquisas localizam a busca de imagens para esta palavras. Já a palavra matadouro fomenta a imagem de um local ensanguentado, permeados por gritos e outros ruídos desconfortáveis. A palavra matadouro descortina o “muro de concreto” que causa a palavra frigorífico. Paul McCartney (integrante da banda Beatles) em vídeo desenvolvido em parceria com a organização PETA⁸¹ ilustra a realidade da indústria animal com a frase⁸² “Se as paredes dos matadouros fossem de vidro todos seriam vegetarianos” (MCCARTNEY e PETA, 2007).

Dias (2009) afirma que no século passado havia matadores com acesso aberto pra quem quisesse assistir a matança. Não só pessoas circulavam nos locais, mas também urubus, cachorros, entre outros. E que havia um grande debate sobre vários aspectos dos matadouros, como por exemplo, em relação ao sofrimento animal, aos maus tratos, a falta de higiene e a questão ambiental, principalmente sobre os resíduos que ficavam nas ruas

⁸⁰Sordi (2014) nos lembra de que as tecnologias modernas de refrigeração foram fundamentais para o desenvolvimento do setor pecuário, pois há necessidade de conservar as carcaças.

⁸¹People for the Ethical Treatment of Animals (PETA).

⁸² Frase inspirada em discurso célebre de sua esposa Linda McCartney.

e iam para os rios. Posteriormente, as normas sanitárias e de higiene corroboraram para o ocultamento da violência contra os animais, uma vez que os espaços de matança passaram, cada vez mais, a serem distanciados dos olhos da população.

Buzby (2015) argumenta que as pessoas devem aumentar seus conhecimentos em relação ao que se passa realmente dentro de uma indústria animal. Em relação à exposição da realidade desse setor, há um projeto de Lei brasileira que visa obrigar as indústrias a instalarem câmeras em todos seus espaços, desse modo, a fiscalização das normas seria mais eficiente e também o acesso da população aos bastidores do matadouro.

Para Porcher (2004) em entrevistas com pecuaristas e assalariados deste ramo percebeu que a maioria sente vergonha em trabalhar com produção animal, principalmente pela condição que os animais são tratados e comenta que esta vergonha não está envolvida com exposição da realidade em um meio digital, mas sim, no âmbito das relações intersubjetivas e da comunicação interpessoal entre homens e animais, em outras palavras eles sentem vergonha deles mesmos e vergonha dos animais que lançam seus olhares diários a eles.

Salter (2015) intersecciona relações entre agronegócio, sociedade, tecnologia e a complexa indústria militar e comenta que quem cunhou o termo 'complexo-industrial-animal' foi Barbara Noske em 1989. Twine (2012, p.17) explica que nos complexos deste tipo há "um conjunto de interesses burocráticos, políticos e econômicos". Essas indústrias, segundo Salter (2015) se esforçam para tornar o especismo ontológico, ou seja, desenvolvem e fomentam o paradigma construído de que animais são nascidos para a exploração humana. Sordi (2014) explica que nas grandes feiras promovidas por esta indústria há o que ele chama de "trabalho ideológico" onde este setor visa unificar os argumentos pró-produção-animal ou pró-carne em contraposição as atuais controvérsias deste setor.

Segundo Buzby (2015) no capitalismo industrial a senciência do animal não é nem um pouco levada em consideração, principalmente na indústria de leite de vacas, onde elas sofrem inseminação forçada, e gravidez á

gravidez, ininterruptas, têm seus bebês arrancados delas, logo após o nascimento, causando enorme ansiedade e outras emoções, que pra indústria não importa. Felipe (2012) no livro “Galactolatria: mau leite” expõe detalhadamente todo o processo da indústria de leite materno e suas implicações tanto no âmbito da ética, quanto nutricional e ambiental. Para Buzby (2015) quanto mais tecnologia os animais humanos desenvolvem mais forte é a manifestação do poder destas tecnologias no capitalismo industrial e principalmente contra os animais.

Em relação aos sujeitos desta cadeia produtiva, encontra-se variados espaços para atuar. Ferreira, et al, (2006) afirmam que no campo de atuação do profissional de zootecnia, há em torno de dez principais áreas, são elas: cadeia agroindustrial de carnes, leites, aves, rações para animais, cadeia comercial de criação animal para lazer e companhia, planejamento, consultoria e assistência agropecuária, gestão empresarial e *marketing*, gestão ambiental e sustentável do agronegócio, desenvolvimento e política agrícola e docência, pesquisa e extensão universitária. Já Furquim & Cyrillo (2013) apontam cinco diferentes espaços de atuação neste setor: pecuaristas, certificadoras, frigoríficos, associações e órgãos governamentais. Além dos profissionais que se formam no curso superior de Zootecnia, especializado em produção animal e há aqueles que mesmo com outra graduação seguem para pesquisa nesta área.

Para Porcher (2004) nesta área há desvalorização de sentimentos em contraposição à valorização do dinheiro e, além disso, os valores técnico-econômicos de pensamento utilitarista e modelo econômico liberal são vistos como garantia de renda, enquanto sentir empatia ou outro sentimento positivo pelos animais é visto como sinal de fraqueza, ainda que muitos sentem. A pesquisadora comenta que o foco em rentabilidade financeira perpassa as relações humanos-animais e atravessam os muros atingindo relações com outros produtores, consumidores, e demais partes interessadas e que desta forma não permite comportamentos espontâneos e sim condutas que remetem à desvalorização moral dos trabalhadores do setor pecuário, assim como dos animais.

Sobre a inserção dos animais como insumos na dinâmica de produção em série, Oliveira (2015) utiliza o termo de “linha de desmontagem”, já que seus corpos são desmontados, como peças de máquina, por um operário responsável por uma parte específica do processo, com o intuito de desmembrar o maior número de corpos, no menor período de tempo possível. O modelo industrial consiste em dar vida e criar animais para abatê-los como última etapa, transformando-os em mercadoria (FRANCO, 2016). Sordi (2014) comenta que há uma crescente conscientização sobre o sistema-carne e que o público conscientizado pensa diferentes modos de lidar com os animais, para além do zootécnico. O filósofo Jeff McMahan, autor do livro “A ética da matança: problemas na margem da vida” aborda de forma complexa vários casos onde a questão moral é questionável, ou seja, é polêmica e ou marginalizada e acredita que o onivorismo humano não é ético (MCMAHAN, 2017).

Este item expõe algumas críticas à produção animal como um todo e principalmente a industrial e tecnológica. Percebe-se que muitos aspectos mudaram com o aumento do desenvolvimento tecnológico na agropecuária, além disso, a relação entre animais, humanos e tecnologia é um cenário complexo. Como elucidado neste capítulo há pluralidade na forma de olhar para essas questões. Essa diversidade de ideias se relaciona com a cultura e moralidade de cada local. Apresentou-se problemáticas da indústria animal, abordou seus atores e expôs o diálogo entre eles, além de discutir sobre as tecnologias deste setor e sua reverberação.

Buscou-se apresentar as perspectivas da indústria animal em relação ao uso dos animais, no entanto a literatura científica é extensa no que diz respeito à produção técnica de animais, mercado agropecuário, questões de agronegócio, leilões, aumento da produtividade, entre outros na área técnica e econômica, entretanto é escassa no que tange a área das ciências humanas, sociais e interdisciplinar, pois as plataformas têm carência de publicação de argumentações filosóficas, sociais, morais e éticas que defenda o agronegócio, em especial a pecuária convencional. Encontrou-se efervescente discussão sobre questões morais em relação à vivissecção e aos animais transgênicos, e nota-se a escassez da defesa da pecuária, no âmbito moral.

CAPÍTULO 3. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

“A ciência é muito mais do que um corpo de conhecimento. É uma maneira de pensar”.

Carl Sagan

3.1. Percurso teórico-metodológico

As metodologias científicas interferem em variadas questões, principalmente na validade das pesquisas, pois elas permitem que as pesquisas possam ser reproduzidas por outros cientistas, em outras regiões e isso permite também comparações entres pesquisas e, principalmente, sua validação diante da comunidade acadêmica. Desse modo, quem pesquisa precisa estudar as metodologias existentes e buscar aquela que se adequa ao objeto de pesquisa e aos objetivos que se pretende alcançar (CARLOMAGNO & ROCHA, 2016).

Nesta pesquisa, em um primeiro momento, a revisão bibliográfica contou com leitura de artigos científicos, trabalhos acadêmicos e livros reconhecidos para a compreensão dos temas específicos como direitos dos animais, abolicionismo animalista e industrialização da agropecuária. Ademais, para a correta persecução dos objetivos traçados, foi importante também o aprofundamento sobre a pesquisa interdisciplinar, com o intuito de enriquecer a base teórica do trabalho. Além disso, durante o processo, houve participação em congressos e eventos em geral, relacionados ao tema, para atualização sobre novas pesquisas e discussões sobre o tema.

Elaborou-se o processo de revisão bibliográfica desta pesquisa utilizando as plataformas científicas mais conhecidas. Pesquisou-se as palavras-chave: *animal, technology, production, moral, perspective, breeding, livestock, moral, abolitionism, animal rights, animal critical studies*⁸³/*critical animal theory, animal liberation, speciesism, animal industry e animal science*. Nas plataformas Springer, Elsevier, Science Direct, Jstor, Capes, Scielo, Lilacs,

⁸³ A sigla em Inglês é CAS (*Critical Animal Studies*).

let, Open library, SSRN, Google Academic, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Web of Science. Encontrou-se artigos sobre: organismos geneticamente modificados, clonagens, patentes de biotecnologias, religião, direito humano à saúde, aquecimento global, engenharia de alimentos, biopoder, tecnologia de informação nas indústrias-animais, ética ambiental, saúde animal (veterinária), nanotecnologia na produção animal, transplantes de órgãos animais pra humanos e vivissecção, (além do recorte buscado). Temas que são ligados indiretamente ao foco central da pesquisa, que são animais, porém não ligados ao recorte da pesquisa. Sendo assim, necessitou-se análise de diversos artigos para selecionar aqueles em que o tema abordado estava realmente ligado ao recorte desta pesquisa.

Selecionou-se os artigos e livros conforme aderência ao tema e objetivo da pesquisa. Em relação às palavras-chaves buscadas para realização da revisão bibliográfica do tema em geral, considerada como contextualização do tema e apresentada no primeiro capítulo, destacou-se as obras dos seguintes pesquisadores: Carol Adams, Matthew Cole, David Favre, Naconecy e, principalmente, Sonia T. Felipe e Tom Regan.

Para o segundo capítulo, buscou-se palavras chaves como zootecnia, industrialização, produção animal, história, perspectivas e ciência animal, para conhecer e apresentar a indústria animal. Consultou-se relatórios da *Food and Agriculture Organization of The United Nations* (FAO), artigos da Revista Brasileira de Zootecnia, entre outros, como Walter Ferreira, Jocelyne Porcher, Sordi, Buzby, Dias, e Ramona Ilea. Posteriormente efetuou-se entrevistas com os sujeitos-objetos desta pesquisa.

No capítulo três distribuiu-se esforços de leitura e compreensão sobre metodologias de pesquisa empírica e de análise de conteúdo, assim como, elaboração de categorias analíticas. Debruçou-se em obras sobre análise de entrevistas e em especial foram utilizadas obras das autoras Minayo e Bardin. Selecionou-se os pilares dos ECA, assim como o referencial teórico de autores acadêmicos do abolicionismo animalista, para observar e discutir os resultados.

3.2. Mapeamento e delimitação do objeto de estudo

A presente pesquisa indaga sobre quais seriam as trajetórias culturais e epistemológicas dos atuais atores do desenvolvimento tecnológico agropecuário. O que trazem de bagagem cultural e histórica esses sujeitos que estão vivenciando o cotidiano do desenvolvimento tecnológico da indústria agropecuária. E ademais o que os incentivou a seguir os rumos da produção animal.

Nesta investigação, os pesquisadores que atuam no desenvolvimento de tecnologias agropecuárias tornam-se os sujeitos-objetos da pesquisa, que, por meio de entrevistas, pretendeu-se refletir se o crescente movimento animalista/abolicionista/vegano se relaciona ou não com o modo que pesquisadores atuam no desenvolvimento tecnológico. Em caso positivo, pretendeu-se investigar com o que tem relação. Algumas possibilidades investigadas foram a relação com os seguintes temas: trajetória profissional, reflexões morais, legislação, mercado econômico e exigências dos consumidores.

Foi proposto entrevistar os pesquisadores da produção animal, no campo definido, a fim de compreender a trajetória de vida e a trajetória profissional, buscando perceber e analisar as escolhas e as possíveis mudanças durante cada trajetória e compreender se o modo como as tecnologias são desenvolvidas se relacionam com mudanças em sua trajetória, assim como suas influências e inspirações. Pretende-se também questionar sobre a situação moral dos animais na perspectiva dos entrevistados. Estas são as questões norteadoras da entrevista não estruturada e o roteiro segue no Apêndice I desta dissertação.

Pretendeu-se esmiuçar na pesquisa os dados em sua forma qualitativa, considerando que os dados são provenientes de entrevistas, onde a expressão dos entrevistados apresenta conteúdos de forma complexa, para além do quantificável, conteúdos vinculados à cultura, à moral, aos costumes, à educação, à ética, entre outros.

A pesquisa de campo teve caráter exploratório. Sabe-se que a entrevista nas investigações sociais é considerada instrumento metódico, e o

entrevistado tem a oportunidade de discorrer sobre o tema proposto. A experiência pré-campo mostrou que havia diversidade em linhas de pesquisa e tipos de tecnologias, sendo assim, a entrevista não estruturada foi escolhida, pois houve dificuldade em elaborar perguntas que atendiam à realidade de cada pesquisador, de diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, especialistas em tecnologias de nutrição animal; de fertilização e inseminação artificial; produção de ruminantes; de caprinos; de ovinos; extração de leite, entre tantas outras áreas delimitadas.

A presente pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP sob o número CAAE: 84373317.1.0000.5404. Utilizou-se dispositivo eletrônico para gravar as impressões e foi entregue uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a cada participante e todos eles assinaram o termo.

No que se refere ao estudo de campo, conforme apresentado na introdução, devido à importância, região e qualidade das universidades a seguir, selecionou-se as cidades: Piracicaba, Botucatu, Araras e Pirassununga, respectivamente Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP), especificamente no Departamento de Zootecnia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens; na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), especificamente na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e Pós-Graduação em Zootecnia; na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especificamente no Departamento de Biotecnologia e Produção Vegetal e Animal e na Universidade Estadual de São Paulo (USP), especificamente na Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA).

A escolha do campo se deu pela qualidade e reconhecimento dos institutos. Azevedo (2004) analisa as contribuições da centenária ESALQ (fundada em 1901) e afirma que é um centro importante para a pesquisa em ciências agrárias, atraindo inclusive pesquisadores de toda parte do mundo. Erminio (2012) comenta que a UNESP está classificada como uma das universidades mais importantes do Brasil e no que se refere aos cursos de Zootecnia, estão todos de acordo com o MEC (Ministério da Educação) e buscam atender as demandas internacionais. A primeira turma de Zootecnistas

de Botucatu formou-se em 1980 e todos os anos a UNESP continua formando novos profissionais. Villela (2014) afirma que o Centro de Ciências Agrárias da UFSCar é um dos mais importantes do Brasil em relação a pesquisas na área da genética, além de outras importantes pesquisas desta universidade.

3.3. Triagem das entrevistas

O recorte desta pesquisa é o desenvolvimento tecnológico da pecuária industrial, porém, apesar do recorte refinado, tais tecnologias podem ser desenvolvidas em departamentos variados, como por exemplo, Departamento de Zootecnia, Departamento de Genética Animal, Departamento de Nutrição Animal, Departamento de Reprodução Animal, entre outros. Além disso, há áreas específicas de estudos, como pasto, caprino, ovino, ruminante, peixes, etc. Desse modo, decidiu-se abranger a busca de possíveis entrevistados para qualquer departamento e qualquer área de conhecimento que envolvesse produção animal convencional.

Conforme informado, todos os entrevistados estão voltados à área de produção animal convencional, independente do seu curso de formação, o qual varia de entrevistado para entrevistado. A área de especialização demonstrou-se diversa, considerou-se produção de ruminantes, aves, caprinos, porcos, peixes, entre outros. O que os entrevistados têm em comum é que todos são professores universitários de universidades públicas e docentes e pesquisadores da área de produção animal (ou zootecnia ou ciências animais).

Como são professores de universidades reconhecidas na área, conforme apresentado na introdução desta dissertação, pressupõe-se que os entrevistados têm vivências, experiências e trajetórias consolidadas na produção animal convencional, assim como embasamento teórico, principalmente em suas áreas específicas de especialidades.

Para o processo da escolha dos participantes entrou-se nos *sites* das universidades selecionadas, encontrou-se lista dos docentes do departamento relacionado à produção animal. A partir destas listas, verificou-se o currículo *lattes* de todos os docentes para confirmar sua área de atuação. A escolha dos pesquisadores se deu por 1) estar dentro da área da pesquisa, ou seja, trabalhar com pesquisas em envolvem produção animal e tecnologia,

principalmente aqueles que patenteiam tecnologias e 2) estar disponível e disposto para a entrevista. Enviou-se no total dezenove e-mails convites. Destes, dez docentes responderam, entre eles três não aceitaram. Os outros sete docentes responderam aceitando, porém destes, dois não conseguiram conciliar agendas. Um docente, que não estava na lista da universidade, foi indicado por um colega e também participou da pesquisa, sendo assim, foram realizadas seis entrevistas. No que tange ao gênero, os entrevistados se dividem em quatro mulheres e dois homens.

Cinco das seis entrevistas foram efetuadas de modo presencial e apenas uma por telefone. As entrevistas tiveram duração entre 35 minutos à 1 hora e cinquenta minutos. Ocorreram no segundo semestre de 2018. Transcreveu-se todas as entrevistas manualmente. Para não revelar a identidade dos entrevistados, elegeu-se nomes fictícios. Escolheu-se os nomes Susy, Steve, Mia, Olivia, Xavier e Nicole. A escolha dos nomes não teve nenhum critério.

A seguir apresenta-se na Tabela 1 os nomes fictícios e sexo de cada entrevistado (a).

TABELA 1 - NOMES FICTÍCIOS E SEXO DOS ENTREVISTADOS

Numeração	Nome fictício	Sexo
1	Susy	Feminino
2	Steve	Masculino
3	Mia	Feminino
4	Olivia	Feminino
5	Xavier	Masculino
6	Nicole	Feminino

Tabela 1. Elaboração própria (2018)

3.4. Método de análises das entrevistas

Segundo Gil (1999) a entrevista nas investigações sociais é considerada instrumento metódico, que oferece interação pessoal e proporciona dados tanto subjetivos quanto objetivos, além disso, os

entrevistados têm a possibilidade de discorrer sobre o tema questionado. Minayo (1993) afirma que as falas sejam elas, da maneira que forem, constituem o principal material a ser analisado.

Para Michel (2000) o estudo de campo tem como finalidade analisar de que modo, o que foi observado na teoria, se comporta na vida real. Dessa forma, busca-se compreender se há relação entre o movimento animalista e o desenvolvimento de tecnologias agropecuárias e qual a percepção destes sujeitos sobre o movimento animalista.

Elaborou-se leitura minuciosa das entrevistas transcritas, junto com as anotações do diário de campo, onde se analisou segundo o método de Bardin (2011), no qual as categorias surgem a partir das impressões dos entrevistados e também se leva em consideração a frequência com que determinada categoria é exposta. Sendo assim, a análise de dados acontece de forma indutiva. Segundo Biklen e Bogdan (1994), conforme os entrevistados fornecem dados, criam-se novas categorias analíticas, dessa forma, durante o processo de análise há transformações, pois a direção da análise depende dos dados. Segundo Minayo (2004), as categorias analíticas funcionam orientando o pesquisador para os aspectos gerais de seu objeto. Acredita-se que as categorias auxiliam a relação pesquisador-objeto. Segundo Marx (1983) as categorias surgem tanto do conhecimento quanto da prática social e expressam elementos importantes da relação entre os próprios humanos e entre os humanos e a natureza. Considera-se na análise de conteúdo, as categorias que surgem a partir das falas dos entrevistados. Para Rocha (2005) as ferramentas do método de análise de conteúdo são utilizadas para facilitar a compreensão dos discursos apresentados pelos atores sociais, onde demonstram diferentes visões de suas realidades e interpretações da mesma.

As categorias foram apresentadas no próximo capítulo, pois pretendeu-se em uma primeira fase, apresentar de modo geral os dados referentes às entrevistas e em uma segunda parte abordar especificamente as categorias selecionadas, assim como apresentar a justificativa da escolha das categorias. Admite-se nesta pesquisa criar categorias, não apenas com base na teoria utilizada, mas conforme comenta Bardin (2011) a partir das falas.

Carlomagno & Rocha (2016) explicam que as categorias não podem ser criadas a partir de “achismos” e que precisam ser elaboradas de modo científico, ou seja, de modo que outros cientistas, em outras partes do mundo possam reproduzir esta pesquisa. Além disso, explica que as categorias de análise surgiram na época da segunda guerra mundial. Carlomagno & Rocha (2016) descreve a análise de conteúdo, segundo o metodólogo Harold Lasswell, como a metodologia que se dedica a categorizar os conteúdos coletados em categorias apropriadas e organizá-los de modo reduzido e sistemático para que possam ser comparados a outros elementos similares.

Carlomagno & Rocha (2016, p.177) esclarecem que a análise de conteúdo foi desenvolvida como uma metodologia quantitativa, entretanto o modo como os dados serão trabalhados e sistematizados é o que define:

Em fato, cabe deixar claro: a designação se seu método é quantitativo ou qualitativo se refere a como você sistematiza os dados com os quais trabalha, não a natureza de sua análise. Não importa que, por exemplo, ao identificar os argumentos presentes em determinada mensagem, você esteja verificando “qualidades” deste objeto. Se você sistematiza (e de alguma forma quantifica) estas informações em uma planilha, banco de dados ou em uma folha de caderninho, esta pesquisa é, portanto, quantitativa-categórica.

Hespanha (2003, p.823) apresenta uma parte criativa e filosófica da criação de categorias: como imagens e símbolos para representar a realidade. “Categoria remete, na reflexão sobre o conhecimento, para a ideia de modelos de organização das percepções, da realidade [...]”. Fica claro que para Carlomagno & Rocha (2016) as categorias são objetivas, claras e simples. Por outro lado, há autores que apresentam de forma mais complexa o tema das categorias. Foucault (2007 [1996]) logo no prefácio de seu livro *As palavras e as coisas*, indaga sobre as diferentes formas de visões e o ato de nomear coisas que cada cultura observa de uma forma, principalmente as diferenças formas de pensar entre o ocidente e o oriente. Foucault apresenta a dificuldade do ato de categorizar, visto à vasta possibilidade de similitudes entre elas, além de seus diversos signos, interpretações e o uso da linguagem enquanto ferramenta política e de poder.

Carlomagno & Rocha (2016) falam sobre a possibilidade comparativa, ou seja, pode-se ler outras pesquisas semelhantes antes de se

iniciar uma e desta forma conhecer categorias utilizadas anteriormente, porém esta pesquisa é inédita em seu objetivo específico e não foi encontrado nas plataformas científicas pesquisa semelhante. Visto as possibilidades objetivas e filosóficas e de revisão bibliográfica, percebe-se que a criação de categorias é uma fase trabalhosa da pesquisa, pois segundo Hespanha (2003) é como uma modelagem criativa e estruturante da realidade ou do conhecimento.

Desta forma, no capítulo quatro, apresentou-se as entrevistas primeiramente separadas por temas de dados coletados, o que se efetuou com auxílio do programa de análise qualitativa MaxQDA. Posteriormente criou-se e selecionou-se categorias de análises e aproximou-se o referencial teórico da vertente abolicionista-animalista acadêmica e dos ECA na discussão dos resultados.

3.5. Tratamento das entrevistas

Deixou-se os entrevistados livres para discorrer sobre as questões propostas e desta forma há pluralidade nas extensões das entrevistas. A Tabela 2 apresenta tais diferenças de duração. Este fato pode ser explicado pela disponibilidade de tempo, pela diversidade de personalidade em relação às expressões e comunicação e também pelo nível de interesse em discorrer sobre as questões propostas.

TABELA 2 - INFORMAÇÕES REFERENTES ÀS ENTREVISTAS

Numeração	Nomes fictícios	Duração entrevista	Nº de páginas (entrevista transcrita) ⁸⁴
1	Susy	00:41:06	24
2	Steve	00:56:22	18
3	Mia	00:34:33	15
4	Olivia	01:42:22	45
5	Xavier	01:55:00	50
6	Nicole	00:48:39	25

TABELA 2. Elaboração própria (2018)

Nesta parte pretendeu-se expor, de modo geral, os dados coletados durante as entrevistas como um panorama geral. Ao decorrer deste capítulo não se pretendeu aprofundar em todas as questões apresentadas, pois apenas focou-se os esforços nas questões aderentes ao objetivo da pesquisa.

A partir do *software* de análise qualitativa MaxQDA, leu-se as entrevistas de forma minuciosa e colocou-se falas de diferentes entrevistados, que expressam uma mesma ideia, em pastas com códigos definidos, em outras palavras, o programa disponibiliza pastas que funcionam como “gavetas” para armazenar e contabilizar expressões de similar significado. Desta forma, pode-se ao fim, contar quantas vezes uma ideia foi expressada (em um mesmo entrevistado ou em vários entrevistados diferentes), termos utilizados, entre outros e, além disso, pode-se administrar em pastas coloridas para melhor visualização e facilmente é possível direcionar a visualização à parte exata do texto (entrevista transcrita na íntegra) onde se encontra determinada fala.

Convida-se o leitor a conhecer o roteiro não estruturado de entrevistas (perguntas norteadoras) no Apêndice I. As questões estiveram em

⁸⁴ Considerando o mesmo padrão de formatação de texto que esta dissertação. Fonte Arial, 12, espaçamento de linhas 1,5cm.

torno do objetivo central da pesquisa que é compreender as relações entre o movimento que luta pelos direitos animais e o desenvolvimento tecnológico da produção animal convencional. Buscou-se: conhecer a trajetória de vida dos entrevistados e escolha profissional; conhecer as percepções dos entrevistados em relação aos animais e entender se tal percepção mudou durante a trajetória; conhecer as percepções e os conhecimentos dos entrevistados em relação ao movimento que luta pelos direitos animais e a percepção que os animalistas têm dos animais em geral; conhecer se na perspectiva dos entrevistados há relação entre o movimento animalista e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária; conhecer se os entrevistados têm ou tiveram contato com participantes deste movimento e por fim, conhecer de que forma os entrevistados lidam com as contestações sociais, éticas e científicas promovidas pelos animalistas.

Os entrevistados discorreram livremente sobre as questões. Dessa forma ocorreram explicações livres e por isso há questões e temas que surgiram dos próprios entrevistados, o que levou-se em consideração na pesquisa. Pode-se conferir nos resultados e discussões, a seguir.

CAPÍTULO 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

“A consciência é o melhor livro de moral e o que menos se consulta”.

Blaise Pascal

4.1. Apresentação dos conteúdos coletados

Neste tópico apresentou-se, de modo geral, a sistematização dos temas questionados aos entrevistados durante as entrevistas e também os temas que surgiram pelos entrevistados. Os resultados foram divididos em Parte I e Parte II.

Apresenta-se na Parte I os resultados selecionados a partir das entrevistas, mas que não se demonstraram aderentes ao objetivo central da pesquisa ou ao referencial teórico-metodológico, e que, além disso, não se adequaram aos critérios de seleção de categorias analíticas. Por este motivo os tópicos não receberam intenso enfoque. Explica-se que não se trata de hierarquia de importâncias, sendo assim, nenhum tema é destacado como mais ou menos importante que outro. Convida-se interessados a se debruçarem em novos estudos e pesquisas relacionados a estes tópicos, em projetos que visem compreender e analisar as questões aqui apresentadas e não analisadas. Os temas da Parte I são: Hipóteses e percepções sobre o início do movimento abolicionista-animalista e o que ele é; Modismos; Escasso ou irrisório contato com participantes do abolicionismo animalista; Profissionais da produção animal que se tornaram vegetarianos ou veganos; Veganofobia; Economia e sistema capitalista; Trajetórias e vivências pessoais e profissionais; Mudança ou não na percepção em relação aos animais; diversos conceitos para amor, respeito e violência; e Universidade e indústrias: dois mundos distantes e diferentes. Cada subitem apresenta sucintamente o tema e a visão geral dos entrevistados sobre o tema abordado.

Apresenta-se na Parte II os tópicos que se destacaram como mais centrais à pesquisa e ao referencial teórico e por isso contaram com discussão teórica do conteúdo de forma mais detalhada. Os temas são: Tipos de

explorações de animais aceitáveis e tipos não aceitáveis; Banalidade do mal; Radicalismos por parte dos animalistas e dos não animalistas; Preconceito de espécie; Diferenciações morais entre diferentes espécies animais; Falta de diálogo entre o movimento animalista e profissionais da produção de animais; Relações entre animalistas e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária convencional; Sofrimento e tentativas de diminuição de sofrimento.

Parte I

Tema 1. Hipóteses e percepções sobre o início do movimento abolicionista animalista e o que ele é

Quando questionado sobre o que os entrevistados sabem sobre o movimento animalista, muitos disseram não ter muito conhecimento, alguns disseram ter interesse em conhecer sobre e a maioria conhece algumas pessoas que são vegetarianas ou veganas, mas não pessoas integrantes do movimento (ativistas). Nesta pergunta alguns entrevistados apresentaram hipóteses sobre a origem do movimento.

Olivia relacionou a origem do movimento com a globalização, especificamente com a comunicação instantânea, com as notícias mundiais em tempo real e o acesso à internet. Olivia acredita que a origem do movimento no Brasil pode ter relação com a criação de novas leis que regulamentam o uso de animais, pois já se falava deste tema em outros países. Susy acredita que o crescimento do movimento animalista tem haver com a conscientização das pessoas em relação aos animais, como uma evolução natural. Xavier acredita que a proteção animal também está relacionada com o desenvolvimento espiritual.

Essas informações representam o que os entrevistados acreditam ter relação com tal origem. Em relação ao que é o movimento animalista, cada entrevistado respondeu o que sabia até o momento. Não houve explicações por parte da pesquisadora-entrevistadora, apenas lembrou-se que há vários termos para designar o movimento como: animalismo, abolicionismo, libertação animal, veganismo e direitos animais.

As respostas foram plurais. Alguns demonstraram saber o pensamento e o objetivo central do movimento, que é abolir qualquer tipo de

uso e exploração de animais-não-humanos por animais-humanos. Entretanto, alguns entrevistados demonstram não saber a diferença entre os animalistas abolicionistas e os bem-estaristas. Alguns demonstraram acreditar que parte do movimento animalista-abolicionista-vegano luta por jaulas maiores, termo que Regan (2007) utiliza para designar o bem-estarismo, e não jaulas vazias, que representa o animalismo/abolicionismo.

Mia demonstra compreender o pensamento central do movimento afirmando que “eles só conseguem pensar que o animal está ali para benefício próprio dele” [dele mesmo, o animal]. Assim como Steve, que afirma “só [conheço] essa mensagem central de não vou consumir [os animais]... Um dos pontos fortes que eu acho que eles colocam é essa questão de que tem que libertar os animais desse julgo”.

Nicole tem conhecimento de que os animalistas são contra a extração e o uso humano do leite de fêmeas de qualquer espécie e comentou sobre: “eu vejo mais assim... do pessoal [animalista]... "não, mas o leite foi feito pro bezerro, não pra você tomar." sim, ela produz leite pro bezerro, mas eu... Que produto que eu produzo, que meu corpo é capaz de produzir pra eu mesma consumir? Nos humanos infelizmente somos assim [...]”.

Olivia, ao afirmar que ninguém tem vocação pra santo, comenta que o movimento é frescura, que está envolvido com falsidades, mentiras e ao mesmo tempo com radicalismo:

[...] pra mim é muito radicalismo, é muito mimimi, com essas situações e aí fica nesse protecionismo com os animais e vai lá e maltrata o teu semelhante [...] Então pra mim é muita frescura, é muito da boca pra fora [...] Então, eu prefiro levar a vida sem regras, levar a vida numa boa, tranquilo. Ah, eu quero, eu faço. Eu não quero, eu não faço. Do que ficar querendo se mostrar pro mundo naquilo que você não é. E tentar fazer os outros serem aquilo que você não é. Ai come bife escondido? Não dá, não é? Então é o tipo da situação que pra mim é besteira. [...] é muito, coitadinho, coitadinho, coitadinho. Tá, tudo bem. Coitadinho, coitadinho. Mas, será que é de verdade? Eu não sei, porque as vezes passa por um animal, as vezes não cuida daquele animal, não socorre aquele animal, e tá falando coitadinho? Eu não sei o quanto aquilo é verdade.

A maioria dos entrevistados demonstraram não saber a diferença entre o movimento que luta pela abolição de qualquer uso de animais para fins humanos e aqueles que promovem o bem-estarismo (técnicas de tentativa de

diminuição de sofrimento animal) e evidenciou-se que a maioria não sabia diferenciar vegetariano, vegetariano-estrito e vegano-abolicionista-animalista. Susy e Xavier afirmam ter conhecimento que o movimento relacionado aos animais é plural e heterogêneo, sendo assim, segundo os entrevistados há pessoas fundamentadas e não fundamentadas, agressivas, radicais e pacíficas.

Olivia aponta uma das informações que ela obteve sobre os veganos “[...] pode ser sensacionalismo da mídia, mas desde pais veganos que acabaram matando o próprio filho ou filha (eu não me lembro agora), porque a mãe se recusava a amamentar a criança [...]”.

Alguns entrevistados demonstraram que o movimento no Brasil teve visibilidade na mídia quando invadiram o laboratório Royal em São Roque, SP (em 2013) e quando fizeram manifestação no porto de Santos, SP contra a exportação de animais vivos (em 2018).

Tema 2. Modismos

Os dados coletados nas entrevistas mostram que alguns entrevistados associam o consumo de alimentos com cultura, tradição, mas também com modismos. O tema modismos dialoga com o objetivo central da pesquisa, pois levanta-se a hipótese a de que o movimento animalista se torne tendência na sociedade, cresça de maneira considerável e conquiste mais visibilidade das organizações mundiais. Dessa forma, pode se relacionar com o sujeito-objeto desta pesquisa. Entretanto, de modo similar, o consumo de animais também pode ser alvo de tendência e aumentar. Não se pretende utilizar este tema na análise.

Na entrevista, Olivia falou sobre a existência de modas, tanto no que diz respeito ao consumo de animais e de espécies específicas de animais ou estilos de gastronomia, quanto em relação aos alimentos vegetarianos ou veganos. Olivia afirmou que o consumo de animais aquáticos, no Brasil, aumentou quando os restaurantes orientais viraram moda. Nas falas apresentou-se a hipótese do comportamento humano estar baseado em padrões sociais, modismos e tendências. Olivia também levantou a hipótese de algumas pessoas fazerem parte do movimento para “atrair o sexo oposto”.

Tema 3. Escasso ou irrisório contato com abolicionistas animalistas

Ao indagar se o entrevistado já teve contato com algum integrante do movimento animalista-abolicionista quase todos disseram que sim, porém em suas nas falas evidenciou-se que a maioria não distinguiu pessoas que “não comem animais” de pessoas que fazem parte ativamente de um movimento que se autodenomina “de luta pela abolição da escravidão animal”. Alguns entrevistados partiram do pressuposto que qualquer pessoa que não se alimenta de animais é uma pessoa que luta pela não exploração de animais.

Sabe-se que as pessoas podem deixar de consumir alimentos feitos a base de corpos de animais ou mesmo abolir de sua alimentação qualquer ingrediente de origem animal e, no entanto, não fazer parte de nenhum movimento social ou mesmo almejar o que o movimento animalista-abolicionista almeja. Além disso, as pessoas podem mudar seus hábitos alimentares e parar de consumir animais por restrição médica, por dieta específica, por opção pessoal no tocante à saúde, à questões espirituais ou religiosas, por tendência, por influências de amigos, da mídia, por militância ambiental, militância anticapitalista, entre outros motivos que não sejam a militância pela abolição do uso dos animais pelos animais-humanos. Essas pessoas podem não consumir nenhum tipo de produto que contenha ingredientes de origem animal e mesmo assim não participar de nenhum movimento em prol dos direitos animais, nem de grupos de ação ou estudos com este propósito.

Alguns basearam suas respostas referente ao movimento animalista abolicionista nas pessoas que conheceram durante sua trajetória pessoal e que não se alimentavam de animais, mas por fim esclareceram não ter certeza se conhecem alguém que seja integrante ativo do movimento, ou seja, ativista/militante.

A confusão em relação aos abolicionistas animalistas com os bem-estaristas demonstrou-se grande, como na fala de Susy:

[...] dentro da produção animal existe uma grande preocupação, um respeito e estudo e um gasto de esforços aí tentando visar o que também o movimento animalista prega, que é promover um bem estar logico. A gente quer bem estar animal, acho que o movimento

também quer, só que o nosso propósito pra ter esse bem estar animal não é o mesmo. E é aí que a relação ainda não está bem estabelecida, acho que as partes não estão conversando sobre isso. Mas acho que a relação fica nessa questão que os dois querem promover o bem estar de uma certa maneira. A gente pra fazer experimento pra fazer uma produção melhorar a gente sabe que a gente tem que obedecer um limite de animal né. Que o animal consegue nos dar. Por isso na zootecnia por exemplo melhora a genética. O animal ele é geneticamente melhorado ou com uma ração, nutrição, ele vai nos produzir mais. Aí é uma maneira da gente evitar sobrecarregar o animal em si [...].

Tema 4. Profissionais da produção animal que se tornaram vegetarianos ou veganos

A parte da pesquisa que pode ser considerada uma surpresa consiste na descoberta de estudantes e profissionais da produção animal que são vegetarianos ou veganos e militante da causa animal. Vários entrevistados comentaram sobre conhecidos ou colegas que estudaram e/ou trabalham na área de produção animal e em algum momento de sua trajetória tornaram-se vegetarianos ou veganos.

[...] eu conheço duas que elas são professoras [da área da produção animal] [...] elas mudaram completamente, se tornaram vegetarianas/vegas e hoje lutam pela conscientização pra gente não produzir mais animais” (MIA). “Hoje eu observo... têm muitos alunos da zootecnia e da veterinária que são vegetarianos e isso eu acho até que ajuda [...]” (XAVIER).

Buscou em plataformas de pesquisas científicas sobre o assunto e não encontrou-se algo relevante. Encontrou-se reportagens similares em jornais e revistas não científicas. Este tópico destacou-se como interessante visto a trajetória incomum e de considerável mudança. Convida-se pesquisadores e pesquisadoras interessadas em pesquisar os motivos destas pessoas a mudarem seus hábitos e também a descobrir e conhecer as pedras e alegrias nos caminhos desta trajetórias inovadoras e surpreendentes.

Xavier foi uma destas pessoas que mudaram seu comportamento perante aos animais, em meio a uma trajetória profissional conceituada e reconhecida na área de produção animal, sendo assim, Xavier parou de consumir animais e continuou com sua atuação profissional e afirma que é bom para os animais que estas pessoas [que não consomem animais] continuem atuando na produção animal, pois, desde que não sejam radicais, podem ajudar a orientar e conscientizar os produtores a efetuarem praticas que

diminuem um pouco o sofrimento que os animais passam. A maior motivação de Xavier foi a busca e aprofundamento na espiritualidade e afirma que não é a favor da matança de animais e apenas concorda com o consumo de secreções animais quando não há sofrimento e morte, como, por exemplo, coleta de ovos de galinhas que vivem livres, de modo orgânico e em ambiente familiar. Sobre sua atuação da área de educação/ensino explica que trabalhou em cima da ética:

Quantos alunos já passaram por mim? Eu sempre trabalhei em cima disso. Ética, não é. O que está certo na produção animal, o que está errado. Então, por exemplo, na disciplina que eu dava de comportamento eu falei: “agora eu vou mostrar para vocês um campo de concentração nazista”. Um jovem me perguntou: Ué professor, o senhor vai dar aula de história agora? Eu falei: Não, você vai ver [Fulano]⁸⁵. Aí eu projetei um aviário de galinhas de postura em gaiola, onde elas têm esse espaço aqui olha, de uma folha A4 para viver 2 anos e meio gente. Isso aqui é um campo de concentração. Isso precisa acabar.

Tema 5. Veganofobia

O termo Veganofobia (COLE & MORGAN, 2011) expressa a condição humana de sentir pânico, asco ou medo de veganos. Levanta-se a hipótese de que Olivia, em alguns momentos, expressa fobia aos veganos-animalistas, pois se sente atormentada pelas ideias e ideais do movimento (há diversas falas onde é demonstrado intenso nervosismo em relação aos veganos-animalistas), porém em outras falas apresenta-se um dilema interno, no sentido de concordar com algumas concepções animalistas, como expressado na seguinte frase: “um desespero, faz essa agonia... faz esse desespero em salvar os animais... acredito que tem que salvar os animais... Mas, precisa dessa violência toda? Pra salvar os animais...”. A violência na qual se refere a entrevistada é a imposição de ideias que a entrevistada afirma sofrer.

Olivia afirma que os veganos estão “[...] muito intransigentes e intolerantes e isso irrita [...]”. E parece ter receio de que os veganos deixem de ser minoria para ser maioria na sociedade: “Então, uma repulsa que eu tenho muito grande de algumas situações é: essa minoria, que eu acredito que ainda

⁸⁵ O nome original foi trocado para preservar a identidade da pessoa.

seja minoria. Pode ser que amanhã não... Mas que essa minoria ela está tentando impor um ponto de vista ou...[...]”.

Cole & Morgan (2011) estudaram os discursos que expressam veganofobia no jornal nacional da Inglaterra e afirmam que os veganofóbicos costumam vincular veganos à violência. Olivia afirma que conhece alguns alunos “que estão em algum tipo de movimento dessa natureza”. Sobre a única pessoa conheceu e que diz ter certeza de ser integrante do movimento animalista-abolicionista-vegano comenta:

Engraçado porque ele é um vegano que tem todas as respostas para todas as perguntas que você faz... então de verdade ele é de um movimento.. de verdade ele parou de comer quando criança porque quis e daí depois de um tempo ele parou de comer leite e derivado do leite e ovos, também porque quis.

Tema 6. Economia e sistema capitalista

Em algumas entrevistas falou-se sobre o âmbito econômico em relação ao uso dos animais. Demonstrou-se um tema complexo, pois está entrelaçado com diversos outros temas como geração de riquezas, rendas, desigualdades econômicas e sociais, mercado internacional, política, tecnologia.

[...] nós nos tecnicamos, nós criamos o que? A agricultura industrial, bovinocultura de forma industrial, através de confinamentos, então a tecnologia veio pra dentro do campo e propiciou o que? O melhoramento genético, o manejo sanitário, o manejo alimentar, tudo isso junto propiciou condições da gente produzir, da gente ser competitivo pro mundo [...]

Não se pretende analisar esta questão enquanto categoria devido a sua complexidade. De qualquer forma, a questão socioeconômica é intrinsecamente relacionada à produção animal, principalmente à produção deste recorte (convencional e industrial), sendo este, um assunto que perpassa quase todos os outros tópicos de temas. “É um negócio bem complexo, ainda mais o Brasil que vive o mundo na dependência de produção de *commodities* e etc e tal e essa parte de produção animal ela é significativa pra isso” (STEVE).

Tema 7. Trajetórias e vivências pessoais e profissionais

Quatro dos seis entrevistados afirmam que ir pra área de produção animal não foi algo planejado ou a realização de um sonho. Para ambos foi uma descoberta recente na época da escolha profissional. A maioria comenta que escolheu essa área por “paixão e amor aos animais”. “Eu sempre tive muita afeição com animais, sempre gostei muito de animais” (MIA).

Olivia afirma que a busca pela relação afetiva teve influência na decisão: “A planta ela cresce, mas não interage. Ela não abana rabinho, ela não tem olhar, ela é diferente, não existe afetividade, uma troca afetiva entre planta e gente”.

Dois entrevistados afirmaram que o interesse inicial era fazer veterinária, com o intuito de ajudar animais, porém tiveram receio de trabalhar com cirurgias, um deles disse que desistiu da ideia, principalmente, por não saber se aguentaria emocionalmente atender cachorros, devido ao afeto.

Um dos entrevistados afirma ter seguido as oportunidades que foram surgindo e que por isso também não foi um planejamento. Apenas um entrevistado afirmou ter uma ligação forte com a área de produção animal e também agronomia por influência familiar.

Tema 8. Mudanças ou não na percepção em relação aos animais

Esse tema se mostrou como plural e devido a sua pluralidade, se apresenta como um tema interessante. Os entrevistados afirmaram que sua percepção em relação aos animais mudou conforme a trajetória de vida e também a trajetória profissional.

Conforme já foi apresentado, um dos entrevistados teve uma mudança tão significativa que se tornou vegano (autointitulado vegano-não-radical), e enfatiza que os humanos também são animais. Xavier explica que além das reflexões espirituais e conflitos íntimos, ter estudado e ministrado aulas sobre comportamento animal influenciou na mudança de percepção sobre os animais. Já Nicole relata como sua percepção mudou:

Então animais que primeiro eu achava assim "ah, não me importo... Uma ave.. Que que uma ave pensa?" ave é muito inteligente, associa muito, o peixe é inteligente, então a gente começa a ver diferenças ne. Apesar deles serem tidos como irracionais, eles tem uma

percepção do todo envolve deles. E a gente precisa fazer o melhor, então eu penso dessa forma, mas eu continuo ruim quanto ter que abater o bicho. Eu peço ajuda.

Steve conta que ter feito parte de outro departamento (de Biologia) e ministrado aulas nesse curso ampliou sua percepção foi ampliada: “[...] animal ambiente, animal homem e animal vivo, animal planeta, então... Eu tô te falando... Essa trajetória fez eu ter uma visão um pouco diferente [...]”.

Mia relata que a atuação na área enfatizou o propósito dos animais em servir os humanos na alimentação. Este item dialoga com a trajetória de vida dos entrevistados e não pretende-se analisar de forma mais complexa, apesar dos dados coletados serem importantes e interessantes. Salienta-se que esta pesquisa pode ter continuidade.

Tema 9. Diversos conceitos para amor, respeito e violência

Demasiados dados coletados nas entrevistas referem-se ao amor. Sabe-se que o tema amor, em geral, é complexo e alvo de estudo de diversas áreas do conhecimento. Encontram-se explicações científicas, tradicionais, lendas e tantas outras sobre o amor. É um tema frequentemente discutido na arte, na literatura, na música, na psicologia, na neurociência e tantas outras... Pode-se dizer que o tema é controverso, pois há diferentes conceitos de amor, a depender da sociedade, da cultura, da religião e está distante de ser um assunto cientificamente encerrado. Além disso, permeia temas polêmicos como “assassinatos passionais”, ou seja, quando o assassino alega a paixão e o amor como motivo de crime, ataques de pessoas-bombas em nome do amor relacionado à religiões, assim como imposições de casamentos e outros casos controversos que envolvem diferentes conceitos de amor.

Os entrevistados, com frequência, justificaram o amor e a paixão pelos animais como o grande incentivo para trabalhar com produção de animais. Trabalho que envolve obrigatoriamente o assassinato de animais, independente de como seus corpos ou secreções serão usados e aproveitados. Dessa forma, percebe-se o quão complexo é o tema amor, já que a transformação de animais em produtos para animais-humanos tem como uma das justificativas o amor e a paixão pelos animais-não-humanos. Vê-se no

relato de Susy “eu desenvolvi isso, esse gosto, essa paixão pelos animais também por perto, adoro meus pets também [...]”.

Um dos entrevistados acredita que não é possível amar e matar animais ao mesmo tempo e explica sucintamente seu conceito de amor: “[...] a partir do momento que eu defenda a não derrubar as florestas, respeitar todas as questões inerentes a isso, ao meio ambiente, pros animais, eu estou aprendendo a amar, exercitando a fraternidade [...]” (XAVIER).

Outros conceitos também se mostraram complexos como evidenciou-se na fala de Susy que explica que as fazendas de entretenimento de caça “É uma cultura de respeito a vida animal muito grande, apesar de parecer contraditório...” Segundo Susy caçar e assassinar animais dentro de uma fazenda envolve “uma filosofia de respeito absurda à vida animal” (SUSY). Em outras palavras, Susy acredita que perseguir e matar por esporte, que envolve violência, medo, pânico e morte, tem haver com respeito. Sugere-se ao leitor interessado conferir Francione (2000) e sua teoria sobre a esquizofrenia moral para aprofundamento do tema dos estudos animais.

Tema 10. Universidade e indústrias: dois mundos distantes e diferentes

Percebeu-se nas falas que há ideia de que o que é desenvolvido dentro das universidades é de qualidade, segue normas e padrões estabelecidos, assim como se ensina de acordo com as normas. Porém para fora das portas da zootecnia acadêmica, nos bastidores da produção de animais não acadêmica, as relações, as tecnologias, as normas, os trabalhadores, o animais, todos os atores deste espaço se tornam sujeitos a mercê da realidade não acadêmica, ou seja, da política, da corrupção, das condutas antiéticas, das irregularidades e principalmente, da qualidade da fiscalização (ou a falta dela). Algumas falas apontam esse tema:

[...] Então tem várias coisas que faltam. E por que não faz? Porque burla. Porque não tem fiscalização certa. Pra encher de problema lá...a carne é fraca⁸⁶, não sei o que, tal, de novo. [...] é, que estavam burlando, vendendo carne estragada, com papelão... ai já vem outra parte que vem do depois da criação. (NICOLE).

⁸⁶ Ref. A operação da polícia federal chamada carne fraca, em 2017.

[...] aqueles que cometem os equívocos de quaisquer natureza e que ferem o processo legal, eles têm que ser processados, isso é caso de polícia. A gente não pode misturar uma coisa com a outra. Porque não é isso que nós ensinamos nas escolas, não é isso que os profissionais sabem. [...] As indústrias têm que primar pela qualidade também pela qualidade, porque elas estão sujeitas à fiscalização. Agora, tem erros? Claro que tem! É lógico que tem, mas é má fé. Pessoas desonestas estão em todos os redutos. (XAVIER)

Destaca-se que surgiram temas importantes e confrontantes com a literatura utilizada, como por exemplo, os entrevistados afirmarem que trabalham com matança animal em prol do amor que eles sentem aos próprios animais utilizados na agropecuária e que, alguns seguiram a trajetória profissional na zootecnia por gostar e sentir amor aos animais. Este resultado é um exemplo de tema que surgiu como novidade na literatura e que confronta o referencial teórico utilizado, pois na literatura é destacado que estes profissionais encaram os animais como máquinas, coisas e não como seres amados. Porém, apesar da importância deste intrigante tema, não há possibilidades de discuti-lo com profundidade filosófica e científica sem o referencial teórico aderente a este tema. Desta forma, percebe-se que se o campo empírico da pesquisa fosse elaborado no início da pesquisa, a seleção do referencial teórico poderia utilizar outros critérios.

4.2. Categorização para análise

Apresenta-se neste presente tópico as questões que surgiram a partir das entrevistas e que foram selecionadas como categorias de análise, com base no referencial teórico-metodológico. Entretanto admite-se, na discussão dos dados, autores e autoras que, todavia não tinham sido abordados, para questões que se descortinaram a partir do campo da pesquisa. Algumas questões trazidas pelos entrevistados mostraram-se como inesperadas e portando necessitou-se mais esforços no sentido de debruçar-se em busca de teorias que contribuem para aproximar a compreensão de tais questões. Valendo-se deste referencial, posteriormente se discute os dados qualitativos provenientes das entrevistas realizadas na parte empírica da pesquisa. A ordem apresentada é considerada aleatória e não tem relação com grau de importância ou frequência com que apareceu nas entrevistas.

A partir do conteúdo que os entrevistados trouxeram, discorreu-se sobre as questões e organizou-se os dados por temas frequentemente expressados, por diferentes entrevistados. Em outras palavras, não se olhou para as entrevistas item a item e nem se comparou respostas ou falas. Lançou-se olhares analíticos de forma categórica, com a intenção de colocar as falas em “pastas organizadoras”. Escolheu-se este processo, sobretudo porque houve demasiada divergência entre respostas de uma mesma questão e principalmente pelo surgimento de questões inesperadas e que mudavam o rumo das questões propostas. A partir deste fenômeno não se pode comparar falas que tratam de assuntos diferentes, por exemplo, mas pode-se coletar e apresentar falas similares e observá-las a partir de uma mesma óptica.

Para a criação de categorias Carlomagno & Rocha (2016) explicam que deve ser informado os limites de cada categoria. Também é necessário a definição de regras de inclusão de conteúdos, em cada categorias, deve-se esclarecer os significados de cada categoria, sendo assim, cada categoria deve ser excludente e única, não devem ser amplas, porém os conteúdos de diferentes categorias podem ser próximos.

Elaborou-se as categorias com base na revisão bibliográfica e também com temas que surgiram na parte empírica da pesquisa. Seguiu-se as regras explicadas por Carlomagno & Rocha (2016) para as definições. As categorias de análise são as seguintes: Banalidade do mal; Ações impositivas; Especismo; Especismo eletivo; Comunicação; Relação; Socioambiental e Cultura de violência e constituem a Parte II dos resultados, conforme explicado no início do capítulo.

Parte II

4.3. Banalidade do mal

Esta Categoria aborda o tema da violência autorizada e naturalizada. Escolheu-se o conceito “banalidade do mal” desenvolvido pela filósofa alemã Hannah Arendt no livro “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” como título deste subitem, pois faz alusão à complexa teoria de Arendt sobre as pessoas terem condutas violentas desde que estejam sob autorização

da lei e da moral vigente em sua época e espaço geográfico, o que categorizou-se como violência autorizada.

Arendt, em sua teoria da Banalidade do Mal, apresenta a ideia de que os humanos, muitas vezes, têm condutas de acordo com a moral regente ou mesmo com ordens determinadas por pessoas num nível hierárquico superior. Sendo assim, Arendt (1999) afirma que algumas pessoas podem agir como bons cidadãos, inclusive atuar como bons entes familiares, e em determinadas situações cometer violentas atrocidades contra inocentes, ações cometidas por seguir ordens, assim como, por exemplo, soldados nazistas. Segundo Rifiotis (2006) os estudos da Arendt são fundamentais para se compreender o contemporâneo, pois contribuem com uma visão de mundo estratégica.

Não se pretende, nesta dissertação, fazer alusão ou comparação dos animais utilizados pelos humanos em formas históricas de explorações de seres vivos no geral. A teoria de Arendt ilumina a questão da obediência à ordem (seja ela qual for), a naturalização e a banalização da violência. A teoria dialoga com os ECA⁸⁷, pois considera-se que os carnistas consomem animais, permitem e patrocina torturas e assassinatos dolorosos contra os animais porque há leis que permitem e é moralmente comum e aceito pela maioria das sociedades, porém apesar de cometerem atrocidades aos animais podem ter boas condutas como cidadãos, companheiros de humanos, entre outras qualidades.

Os relatos dos entrevistados evidenciaram que se o que eles fazem aos animais está de acordo com as leis, a cultura e a moral vigente, eles não se preocupam. Mesmo que o ato esteja relacionado a causar sofrimento e morte, eles afirmam estar tranquilos por estarem assegurados pelas leis, como mostra a fala de Nicole:

⁸⁷Cf. estudos sobre a condição dos animais relacionados aos estudos de Arendt em Silva (2014) e em Denis (2010): Direitos animais: um novo paradigma na educação. Seminário sobre direitos animais promovido pelo LEI-USP. 2010. Disponível em: <http://www.falabicho.org.br/PDF/25.pdf>.

[...] eu fico tranquila em relação a minha pesquisa porque o que a gente tem feito aqui dentro tá em cima da lei e o CONCEA [Conselho Nacional de Experimentação Animal] também vai em cima de bem-estar animal, de diminuir o número de animais na pesquisa. Então nós estamos fazendo em harmonia. Nesse ponto os questionamentos que vem eu respondo dessa forma. Em cima das leis.

Elegeu-se este tema como categoria a ser analisada, ao termo de banalidade do mal, que se refere à violência autorizada, pois se entende que as criações de normas, leis e condutas moralmente aceitas estão dentro de disputas da ciência, política e sociedade. O desenvolvimento de políticas públicas, de leis, de ocupação de cargos em comissões nacionais e cargos públicos de poder é um assunto frequentemente discutido na ciência (VICENTE, 2012), pois são espaços de conflitos e de disputas de poder. Justamente pelos conflitos, as leis estão em movimento, pois vão sendo construídas e desconstruídas a partir de lutas de movimentos sociais, de influências de pessoas com poder, mídia, manipulações, ou mesmo com autoritarismo (ocultação de conflitos e a imposição de uma regra nacional, como uma ditadura, por exemplo) e outros casos como, por exemplo, o fascismo.

Vicente (2012) explica que em relação à decisão de questões polêmicas como, por exemplo, a vivissecção animal, a discussão antecedente às decisões não acontecem em espaços democráticos e sim em espaços de chamados *core set*, que é um grupo fechado de pessoas selecionadas, e que podem determinar a situação moral dos animais, sem participação da sociedade, de organizações interessadas e de especialistas não selecionados. As leis, regras, moral, entre outras são controversas, pois não há participação democrática na construção, sendo assim, as leis, por exemplo, podem refletir determinada ideologia e por este motivo não se pode justificar condutas com base em leis e na moral vigente na época. Arendt questionou este assunto em sua obra, ao problematizar os assassinatos e violências cometidas pelas pessoas que seguiam ordens e leis de Hitler durante o regime fascista-nazistas na Alemanha. Thoreau (2012) comenta algo muito próximo de Arendt, dizendo que homens manipulados pelo governo são transformados completamente, perdendo seu valor e sendo comparáveis com máquinas a serviço do estado e que apesar disso são vistos como bons cidadãos.

Alguns entrevistados afirmaram deixar a cargo da ciência (para além das normas e leis) questões complexas sobre bom ou ruim, certo ou errado. Deste modo percebeu-se também que os fundamentos éticos são baseados na ciência, de modo similar às religiões, como se a ciência não fosse construção humana e sim um ditador de regras corretas e não questionáveis, como neste relato: “[...] a gente busca né, através da ciência, encontrar o que realmente é certo e o que é errado, não só do jeito que as pessoas pensam [...]” (MIA). Entende-se, pelas falas, que o que faz parte da esfera da ciência não se deve mais ser questionado.

Mesmo não sendo a favor da matança de animais-não-humanos, Xavier afirma que a produção animal é uma ciência e esse é um dos motivos que a torna seria, assim como, deve ser tratada com seriedade:

Tudo é calculado, tudo é usado cientificamente. Não é brincadeira. Vocês estão achando o que? Que criação de animal é brincadeira... E outra coisa... da forma que os mais radicais colocam.. veterinários, agrônomos, zootecnistas e criadores são criminosos... criminosos. A gente se sente mal com isso, porque eles não estão retratando a realidade do campo. Acho que muita gente nunca pisou numa fazenda e fica falando do que não conhece. Isso é muito sério. Isso é uma coisa gravíssima. Gra-vís-si-ma.

Steve demonstra que aceita aquilo que não o agrada em sua profissão como algo normal, ou seja, normatiza ou naturaliza aquilo que não o agrada e passa a aceitar, pois acredita ser normal, assim como outras condutas e situações. “Eu vou e eu vejo abater o animal, eu costumo ir e ver abater. Aquilo não me agrada. Eu não passo por aquilo ileso. Certo. Mas é assim e muitas coisas não nos agradam”.

A questão sobre o sofrimento apareceu de modo considerável nas entrevistas. Xavier analisa a questão da geração do sofrimento nos animais a partir da óptica espiritual. Steve analisa pelo prisma da naturalização do sofrimento, em outras palavras, Steve afirma que o sofrimento é natural e faz parte da vida, logo, causar sofrimento aos animais faz parte de um processo que, na perspectiva do entrevistado, pode ser encarado como natural. Sendo assim, para Steve, provocar sofrimento à animais por interesses humanos é encarado como natural. Nicole também naturaliza o assassinato industrial

comparando-o a morte dos animais no ambiente natural, como em florestas, por exemplo.

Esta categoria também aborda o bem-estarismo, teoria que busca perpetuar o uso dos animais pelos humanos, com planos de diminuir em algum grau (não estabelecido) o sofrimento causado aos animais, em comparação com a produção não bem-estarista. Percebeu-se que as questões que envolvem o sistema capitalista e a economia estão vinculadas a possíveis tentativas de diminuição de sofrimento, conhecida no âmbito da produção animal como bem-estar. As falas dos entrevistados, em sua maioria, demonstram a necessidade de vincular a maximização de produção animal e geração de lucro, no que tange à produção animal no geral. “[...] viram o que, que o animal com bem-estar também produz mais e melhor (NICOLE). “[...] e a gente cria eles da melhor forma possível, mas ao mesmo tempo a gente sabe que no momento do abate eles choram, quando vai embora o animal chora” (MIA).

Sobre a exportação de animais vivos para abate em países cujo método de abate é ilegal no Brasil, Mia comenta que os animais sofrem e passam estresse na longa travessia, porém afirma que essa prática não deve ser abolida por impactar, principalmente, na economia e na parte comercial.

Quase todos entrevistados se colocaram como favoráveis à técnicas de tentativa de diminuição de sofrimento (bem-estar) e apesar da maioria dizer que é algo recente na produção (segundo os entrevistados começou nos últimos dez anos, mas apenas vem se popularizando nos últimos anos). Alguns dos entrevistados já têm trabalhos ou pesquisas que envolvem técnicas de bem-estar. Apesar de todos entrevistados serem favoráveis e trabalharem com técnicas de bem-estar, apenas um afirmou ser engajado na fomentação do bem-estarismo. Esse tema se mostrou controverso mesmo entre os especialistas da produção animal. Para Nicole, há às vezes, mais sofrimento em práticas bem-estaristas do que em práticas convencionais. Lembra-se sobre a complexidade de desenvolvimento de critérios de bem-estar para diferentes espécies e indivíduos animais, na perspectiva humana, conforme apresentado no primeiro capítulo desta dissertação.

4.4. Ações impositivas

Esta categoria aborda a inflexibilidade por parte dos abolicionistas/animalistas e também dos carnistas/especistas. Os entrevistados afirmam que há imposição ideológica dos “dois lados”. E que esta imposição acontece de diversos modos. Olivia compara o movimento à religião e afirma veementemente e repetidamente que os animalistas tentam impor o que pensam.

Xavier se diz vegano não radical e afirma que não faz imposição de seu pensamento, como mostra seu relato: “Já comi muita carne, mas a partir do momento que eu me conscientizei houve uma transformação real. Não como. Agora... eu não posso querer que o mundo pare de comer carne, porque não vai parar... não vai parar tão cedo.. um dia vai, mas daqui a séculos”.

Já Nicole afirma que as pessoas não debatem e nem explicam seus motivos para ser: “O movimento tem sua parte positiva, mas infelizmente... Aqui dentro da universidade mesmo, é visto como pejorativo, porque as pessoas... Assim... “eu sou contra e ponto final”. “Mas por que você é contra? “Não... Eu sou contra... eu não gosto” [...].”

Sobre o aspecto da comunicação do movimento, houve pluralidade nas respostas. Cada entrevistado percebe de um jeito. Nicole explica que tanto aqueles que lutam pelos direitos animais, quanto aqueles, que lutam para que animais não tenham direito, estão tão intolerantes quando religiões: “eu não aceito uma outra religião que não é igual a minha, então o outro está errado. E o outro vai falar que eu que tô errada, então vamos guerrear. Eu como carne e o outro não come carne então quem não come carne tá errado”. Xavier também percebe o radicalismo nos “dois lados” como se evidencia na fala: “É o radicalismo. Da mesma forma que eu convivo com um monte de gente que é o radicalismo do outro lado. “Ah, animal... ele foi feito para isso mesmo... e não sei o que” [...].”

Nicole critica tanto o animalismo, quanto a produção de animais orgânica, quanto a produção convencional e comenta que devemos chegar em um consenso:

Falta coerência dos dois lados. Porque a gente ainda tem produtor que ainda não produz da forma ideal e a gente tem o outro lado extremista também que é contra qualquer tipo de produção porque animal é pra viver livre. Ai vem mais uma. O pessoal vê a galinha caipira "não.. a galinha caipira sim que vive bem, a galinha de granja não". Quanto que a galinha caipira passa de fome por dia?

Mia explica que é contra as ações diretas:

[...] eu entendo que cada um tenha a sua posição, o seu ponto de vista, o que eu acho errado é a pessoa ser radical então ela chegar numa fazenda produtora e ir lá e soltar todos os animais, fala que aquilo não é certo ou invadir um centro de pesquisa e destruir pesquisa de muitos anos porque o animal não podia estar ali.

4.5. Especismo

Esta categoria trata sobre o preconceito de espécies. Nas entrevistas evidenciou-se o especismo nas falas e expressões. Susy acredita que o especismo significa razão e realidade, ou seja, acredita que a vertente de pensamento antropocêntrica (humano como superior às outras formas de vida) é a forma de pensamento racional e real em contraposição ao pensamento antiespecista (animalista, abolicionista e vegano), que foi apresentado por Susy como pensamento não racional e que não pertence à realidade. O relato abaixo evidencia isso:

[...] me incomoda é quando, por exemplo, a pessoa vê um animal como algo tão importante quanto um ser humano. E isso pra mim não vai ser igual nunca, entendeu? Eu acho que nós ainda somos seres um pouquinho mais importante, somos racionais [...] acho que muitas [pessoas animalistas] ainda têm uma visão meio de santificar, de...uma apologia aos animais. Mas perai gente. Não se esqueçam de nós somos humanos e a gente tá aqui junto com eles precisando sobreviver também. Então acho que às vezes falta chegar essa realidade um pouco sabe. Então acho que às vezes tem que ser um pouco mais racional nesse sentido.

Olivia também expressa ser especista, porém apresenta ter dilemas éticos sobre o assunto, pois afirma que não sabe o que é justo e correto, como apresenta em sua fala:

Eu prefiro matar um animal do que o humano. É, é desleal, não é? Mas, numa cadeia hierárquica, quando você pensa que o animal foi domesticado pelo homem (e quem é o racional...) então, eu vou utilizar do irracionais em benefício para os racionais? É isso que a gente faz todos os dias. Não sei se é justo isso. Eu não consigo pensar que é o melhor. Porque eu acho que não é o melhor. Mas também não é o pior [...].

Mia critica a visão antiespecista porque acha que os animais não devem ter direitos de suas próprias vidas: “eu vejo que essa vertente de pensamento não enxerga que o animal tem um proposito maior, que a gente cria ele pra um outro fim. Eles [abolicionistas] só conseguem pensar que o animal esta ali para beneficio próprio dele”. O preconceito entre espécies é um dos temas mais marginalizados nos debates científicos e em geral na sociedade, ou seja, deixamos à margem, longe dos temas centrais de interesse e discussão.

4.6. Especismo eletivo

Esta categoria aborda a hierarquização moral entre diferentes espécies animais. Vale lembrar que, além do conceito de especismo, há dois conceitos que designam tipos diferentes de preconceitos para espécies de animais diferentes, Francione chama de esquizofrenia moral e Felipe chama de especismo eletivo. Em outras palavras, estes termos designam comportamentos humanos em que as pessoas elegem diferentes considerações morais para cada espécie animal, de acordo com a cultura local de seu país, região, religião, ou mesmo por critérios estabelecidos por ela mesma. Desta forma, uma pessoa nascida no Brasil, costuma, por exemplo, se considerar moralmente superior a um cão, porém considerar o cão superior a uma vaca. Sendo assim, estas pessoas colocam-se a favor da matança de todos os animais que não sejam cão, ou estabelecem outros critérios de consideração moral e incluem apenas os animais que passem em seus critérios. Estes critérios podem ser definidos conscientemente ou a pessoa pode seguir padrões sociais pré-estabelecidos, como cultura, tradições e hábitos. Nas entrevistas Olivia utilizou o termo visão separatista para designar o que Francione chama de esquizofrenia moral.

Nas entrevistas este tema demonstrou-se frequente. Três entrevistados demonstraram escolher, a partir de critérios culturais, quais espécies devem receber estimo, cuidados e vinculo afetivo e quais espécies devem servir como produtos, mercadorias, máquinas de alimento e serem assassinadas em prol do uso humano. Os três afirmam estar cientes de suas posturas e afirmam não ter problemas com isso, como representado nesta fala:

[...] na minha cabeça existem os animais de produção e os *pets*⁸⁸ [...] jamais comeria os meus cães. Passaria fome junto com eles, mas não os comeria. Eu sei que é cultural, que em alguns países se usam de cães para se alimentar. Não tenho problema nenhum. Não os critico porque é cultural. Até porque se pensarmos dessa forma, nós nos alimentamos de bovinos e existem culturas que idolatram os bovinos e não se utilizam dos bovinos como alimento também. Então eu não vejo nenhum problema em relação a essa situação cultural. [...] Não comeria um cavalo. Talvez já tenha comido enganada, sem saber. Mas, sabendo não comeria porque pra mim cavalo é animal de lazer, esporte, animal de terapia – para equoterapia e assim por diante, mas não sei se já comi (OLIVIA).

Sobre este assunto Nicole comenta “Pra mim assim, existem duas linhas bem distintas né. Aqueles que olham o animal como um *pet* e aqueles que olham o animal como um todo. Infelizmente aqui no Brasil a gente tá tendo mais a visão do animal como um *pet* do que como um todo”.

Nicole explica que os veganos animalistas:

[...] enxergam a galinha, o suíno... como *pet*, como um cachorro. O cachorro, por exemplo, na China⁸⁹ ele é alimento, pra gente isso "ai... não né" eu entendo também o lado do chinês, ele criou o cachorro igual eu criaria um suíno. Eu não consigo ver um dos meus cachorros lá "ah tá gordinho, tá no ponto, vamos lá, vou abater". Eu não consigo porque eu passei sentimento pro cachorro, da mesma forma que a gente faz isso com animal de produção. E ai você não tem mais coragem... [de matar].

Steve afirmou estar em um dilema moral e cultural pessoal em relação a esse assunto e afirma não estar esclarecido em relação às diferenciações morais de espécies. Mia disse que não faz distinção moral em diferentes espécies animais, mas afirmou que os animais devem existir se tiver um propósito para os humanos e que esses propósitos são diferentes:

[...] no dia a dia a gente tem nosso rebanho experimental aqui e a gente trata eles toda semana, você vai mexendo com eles, eles passam a ficar muito próximo de você, eles pedem carinho, se você coçar a cabeça dele... então eu não desvinculo totalmente eles como se eles fossem... gato e cachorro é animal e ovelha é outro [...] a gente cria um vínculo, dá nome pra eles e tal, mas a gente sabe que chega um momento que ele [animal de reprodução] perde aquele propósito [e é descartado] [...]” (MIA).

⁸⁸ A palavra *pet* se refere a animal domesticado e tido como de estimação (como cães e gatos).

⁸⁹ Cf. sobre alimentos a base de cachorros: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/festival-incentiva-chineses-comer-carne-de-cachorro-imagens-fortes.html>

Já Xavier afirma que os animais não devem existir para servir aos humanos, ou pelo menos que se servir aos humanos não deve envolver sofrimento, confinamento e assassinato durante o uso dos animais (como por exemplo, a coleta de ovos, de galinhas que vivem de modo livre de gaiolas e galpões e têm alimentação adequada) e afirma “eu analiso sobre a... com a visão holística, que entra a questão espiritual, e são todos iguais. É aquela história: se eu cuido muito bem do meu cachorrinho, eu amo meu cachorrinho, porque que não eu amo a vaca?”.

Xavier critica a “visão separatista”:

Se você ama uns, porque come outros? Então é por aí... Então você veja o que é o ponto de equilíbrio né.. Então você tem aqui ó... o que é real? Você vai pegar um animal que você fala que você gosta.. eu até brinco com alguns amigos né.. que eu tenho liberdade de brincadeira... eu falo assim “porque que que você é zootecnista, um agrônomo trabalhando com zootecnia ou veterinário trabalhando com produção animal? “Ah, é porque eu gosto de animais”, “Mas se você gostasse você não deixaria matar...” Então eu falo assim “você gosta de comer o animal, isso sim... não dos animais, né?” Mas aí é que entra isso, né? “Mas eu tenho cachorro, gato, periquito ou papagaio, eu os amo” né, qual a diferença?

O vínculo afetivo é demonstrado como critério importante para determinar a consideração moral dos animais como evidencia o relato: “a gente acaba utilizando o animal porque o animal em primeiro momento não vai ter uma ligação efetiva” (MIA). Nicole conta que em uma vez, em seu local de trabalho, as pessoas mexiam no “cabelinho” de um bezerro, além de utilizá-lo como modelo nas aulas, conta que ele chorava quando iam embora e que por fim todos ficaram com dó de assassiná-lo. As falas de Nicole demonstram certo receio ou confusão sobre a diferenciação na consideração moral entre cachorros e “animais de produção” (expressão utilizada por Nicole), como nota-se: “fizemos fisioterapia no cachorro... No cachorro... No bezerro... Deram o colosso na mamadeira. Ai ele já levantou, ai foi batizado, virou Rodolfo... Era... Edmundo. Virou Edmundo. Rodolfo era um cachorro... Um cabrito...”. Nicole afirma ter dificuldade em matar animais com suas próprias mãos (dificuldade em matar qualquer espécie de animal), mas afirma que os come sem problema, desde que outra pessoa mate-os. Sobre este assunto Nicole explica que “[...] uma das coisas assim que incomoda é que realmente na hora que você vai abater o animal, o animal tem um comportamento... Ele sabe, ele tem

percepção disso, a gente tem que fazer da melhor forma possível, se é que existe uma melhor forma”.

4.7. Comunicação

Esta categoria aborda a falta de diálogo entre os ativistas e os profissionais da produção animal. A maioria dos entrevistados afirma que não conhecem suficientemente o movimento, não pesquisam sobre, nem leem ou ouvem sobre o assunto, mas que gostariam de conhecer mais sobre o movimento, o que os ativistas pensam, pelo o que exatamente eles lutam, o que fazem, entre outros. Alguns participantes afirmam que esta pesquisa é interessante neste sentido e que pode ser o início de uma aproximação. Olivia afirma que a pesquisa é corajosa e que muitos colegas de profissão teriam receio em ser entrevistados e que poderiam até ser agressivos, como se vê:

[...] jamais eu teria coragem de fazer um negócio desses que você está fazendo... chegar para um zootecnista e perguntar tudo isso daí.. que os zootecnistas vão olhar pra tua cara e vão dizer: eu quero que esse movimento vá pra algum lugar... [...] porque isso pra um zootecnista meio fechadão assim, ele vai dar porrada... você se prepara.. porque zootecnista é meio agrônomo.. é meio xucro, não é?

Susy afirma que o diálogo seria bom, como se evidencia neste relato: “E de repente assim, quanto mais diálogo tiver entre as questões, como isso que você trouxe, maior será esse entendimento e quem vai lucrar com isso são os animais né”. Xavier afirma que seria maravilhoso estabelecer diálogo, porém explica o seguinte:

[...] os dois lados teriam que ceder, porque tanto um como o outro são radicais, eu estou falando de maneira geral, lógico, existem dos dois lados pessoas que não são radicais, certo? Eu estou falando conhecendo esse lado, mas como eu convivo com os dois lados, eu te afirmo isso, é uma pena que fizeram um buraco entre os dois lados e acho que nós devemos trabalhar em construir uma ponte [...].

Steve apresenta um pensamento interessante em relação a esse diálogo e afirma que não existe possibilidade de conversa, pois (o animalismo e o especismo) partem de “concepções diferentes”, já que o movimento quer abolir o uso de animais para fins humanos e quem produz animal formula que isso deve ser impossível. Em outras palavras, como os “dois lados” almejam futuros completamente distintos e contrários para os animais, para a sociedade

e para o meio ambiente, não há possibilidade de conversa. Já Olivia acredita que “só vão chegar num bom senso na hora que um parar de atacar o outro, sentar, conversar e fazer... porque ainda existem ataque, não é? Então assim, eu acho que não tem espaço pra ataque [...]”.

4.8. Relação

Esta categoria aborda as relações entre animalistas abolicionistas e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária convencional. Sobre as possíveis relações entre o movimento animalista abolicionista e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária convencional alguns entrevistados disseram que não percebem essa relação e outros dizem perceber. A partir dos relatos dos entrevistados que dizem perceber, evidenciou-se que a relação existente acontece em três principais âmbitos:

1. Informações sobre o sofrimento animal

Relatou-se que os ativistas animalistas se preocupam com a condição de sofrimento dos animais e informam os consumidores sobre a existência deste sofrimento, deste modo, os consumidores passam a conhecer e também a se preocupar (em algum grau), sendo assim, a relação dos ativistas com a produção animal se destaca neste sentido, como informantes sobre o sofrimento animal dentro das universidades, empresas e indústrias. Como pode-se visualizar na fala de Steve:

[...] algumas demandas que possivelmente vieram justamente desse contraponto desse pessoal que advoga a ideia de não utilizar [os animais]. Esse contraponto muito pesado vai trazendo algumas informações [...] e aí essas são as preocupações do ponto de vista de produção animal pra que se atenda determinados padrões que não ofendam ou venham a ofender pessoas que ainda consomem, mas que começam a ficar alerta pra essas questões...sofrimento... A pessoa quer consumir, mas começa a ouvir esses discursos de sofrimento e coisa e tal e começa a se preocupar.

2. Informações sobre problemas

A relação que aparece é no sentido dos ativistas criticarem e apontarem problemas éticos, técnicos, científicos e socioambientais na

produção animal, em geral (contestação social no caso do movimento social e controvérsias científicas no caso dos militantes acadêmicos). Como nota-se nas falas, os entrevistados absorvem alguns apontamentos dos animalistas e a partir do acolhimento de algumas críticas buscam tentar minimizar os problemas: “A identificação desses pontos críticos fazem com que o setor entre nessa... Precisa ajustar ou ter cuidado pra justamente minimizar as críticas e permitir com que a coisa vá se desenvolvendo” (STEVE). “Concordo em partes com aquele movimento de quando foram transportar os bois vivos no navio lá em Santos. Porque as fotos que vazaram estavam horríveis, em condições muito aquém do ideal e ainda tem mais um, porém, quando eu transporto animal vivo, o dejetos vai tudo pra o mar” (NICOLE). “A vertente animalista... ela mostrou pra gente né? Que “olha a gente não tá pensando nesse lado”...” (MIA).

3. Mudanças na legislação

Esta questão também foi apontada como uma relação, pois o movimento abolicionista ao contestar problemas éticos, técnicos e científicos, pressiona a sociedade em busca de legislações mais condizentes com a visão de respeito aos animais. Isso reverbera diretamente nos sistemas de exploração dos animais, alterando práticas e paradigmas. E além desta reverberação, constatou-se que os especialistas em produção animal são, em alguns momentos, convocados por políticos ou gestores públicos para contestar os ativistas, utilizando-se de sua perspectiva especista em contraposição à abolicionista e também utilizando-se de conhecimentos da ciência convencional para tentar justificar o uso de animais

No que tange a relação existente entre o abolicionismo animalista e os profissionais que atuam na produção animal acadêmica, científica e tecnológica percebeu-se que a reverberação notada pelos entrevistados se detém nestes três âmbitos: Informações sobre o sofrimento animal; Informações sobre problemas e Mudanças na legislação. Leva-se em consideração o conhecimento que os entrevistados têm sobre o movimento, que se demonstrou escasso e confuso, conforme apresentado anteriormente neste presente capítulo.

4.9. Socioambiental

Esta categoria aborda as controvérsias científicas e as contestações sociais em relação ao uso de animais na ciência e na sociedade, principalmente em relação às problemáticas socioambientais. Conforme apresentado e explicado no tópico anterior, uma das categorias que apareceu sobre a relação entre “os dois lados” foi o apontamento de problemas e contestações. Perguntou-se aos entrevistados, como eles lidam ou acomodam as contestações, no geral.

Não elucidou-se aos entrevistados todas as problemáticas apontadas pelo movimento, pois como são muitas, e conforme percebeu e esclareceu Steve, os dois lados são de concepções de pensamento contrárias, a entrevista teria que ser específica sobre isso para haver tempo. Portanto perguntou-se como os entrevistados lidam ou acomodam os principais questionamentos do abolicionismo animalista relacionados ao uso de animais (utilitarismo ou especismo) e assuntos como dor e sofrimento nos animais utilizados para fins humanos como produção de alimentos; entretenimento como rodeio, vaquejada, zoológico; testes em animais e também questões relacionadas a assuntos polêmicos no âmbito da saúde pública como uso excessivo de antibióticos, hormônios, animais transgênicos, agrotóxicos e assuntos graves relacionados à questão socioambiental e agropecuária como desmatamento, monoculturas de soja para fabricação de ração, poluição de água e solo, mudanças climáticas e uso excessivo de água na produção.

Steve afirma que para lidar com estas contestações é necessário deixar de lado os preconceitos e as paixões e abrir a mente para analisar do ponto de vista científico, o que tem fundamento e o que não tem. E ainda afirma que o cientista buscará resolver os problemas apontados, como mostra o relato: “E às vezes tem e aí vocês vão ter que fazer o que... Trabalhar porque você criou um problema e a nossa função é resolver problemas, certo”.

Em relação às contestações no que diz respeito às questões socioambientais e a produção animal, a maioria dos entrevistados ao ser questionado mudou de assunto, saindo da “produção convencional e industrial” em direção ao tema “produção animal orgânica”. A maioria justificou as

externalidades negativas da produção convencional alegando que a produção orgânica existe e gera menos externalidade negativa, ou então, produções que têm como alicerce projetos de sustentabilidade integrada.

Nicole explica que nem sempre uma produção orgânica significa que os animais são livres de gaiolas. Segundo Nicole, os animais podem até estarem soltos em um galpão, porém continuam confinados da mesma forma que na produção não orgânica e do mesmo modo não podem exercer atividades comuns à sua espécie, além disso, Nicole explica outros detalhes da produção orgânica:

Na lei, o animal orgânico pode comer no máximo 20% de alimento que não é orgânico. Às vezes ele tem que comer um mineral, que não é orgânico. E pela legislação se acontecer um caso de alguma doença eu posso usar antibiótico, mas eu tenho que usar com moderação, não posso deixar ficar doente o ano inteiro e toda vez usar, aí vou perder minha certificação, mas em casos pontuais a gente pode usar o antibiótico quando o fitoterápico ou a homeopatia não dar certo. Mas eu tenho que esperar o período de carência desse antibiótico pra poder abater o animal. Eu não posso abater o animal antes de passar do período de carência. O que acontecia há algum tempo é que o pessoal usava antibiótico como promotor de crescimento em ave, então usava uma subdose do antibiótico pra o animal não ficar doente pra promover o maior ganho de peso, isso não é permitido na criação orgânica de forma alguma. Hoje a gente não precisa disso, a gente tem prebiótico, probiótico, são bactérias e alimentos que nós consumimos... é probiótico sempre.

Para Nicole, em alguns casos, a produção convencional elaborada com bom senso e levando em consideração a sustentabilidade pode ser melhor que a produção orgânica. Ela explica que na produção extensiva, por exemplo, (pastos e não confinamento) os animais, muitas vezes, não tem uma sombra e que durante os quatro anos de vida, que geralmente tem no Brasil, antes do abate, o gado fica em um processo de ganhar peso, na época de chuvas, e de perder (mais peso do que costuma ganhar) na época de seca, e que por causa disso passa muita fome. Steve afirmou que as contestações dos animalistas devem ser levadas a sério e que, o aspecto socioambiental, é uma das críticas que estão sendo aceitas para que a ciência animal busque soluções e melhorias.

Em algumas respostas não se compreendeu se a pessoa entrevistada se confundiu ou mudou de assunto, como é o caso de Nicole, que

trocou a polêmica problemática das mudanças climáticas (aquecimento global) e efeito estufa pela problemática dos CFC (clorofluorcarbono) usado principalmente em aerossóis, ar condicionado e geladeiras (principais causas relacionadas ao buraco na camada de ozônio):

[...] pega bovino de exemplo. Se a gente tivesse uma boa produção de bovino a pasto no Brasil, tudo de metano... Então vamos pegar carbono vai. Tudo de carbono que os bovinos emitem, a pastagem onde eles são criados ia absorver e ela ainda ia dar um salto positivo de carbono do proprietário. Então quando a gente fala que o gado é responsável pelo buraco da camada de ozônio. Não.

Em outros momentos, os entrevistados afirmam que há diversas problemáticas ambientais relacionadas ao agronegócio como “descarte indevido de dejetos, de animal morto, desmatamento [...] a pecuária vem invadindo o habitat natural dos animais [...] ai vai tendo desequilíbrio no ambiente [...]” como afirma Nicole.

Ainda em relação às questões socioambientais, Steve afirma que lida com as contestações sobre meio ambiente da seguinte forma: acolhendo-as e buscando solucioná-las, como é possível ver em seu relato: “Então o que acontece, você começa a ter que ter ajustes. Pra você poder falar assim: “Não... Isso já resolvemos. Não venha nos acusar disso”.”

Sobre a polêmica dos hormônios a maioria dos entrevistados afirma que na produção não é utilizado e, além disso, que é proibido no Brasil. Mia explica que este assunto envolve também a mídia e corrupções na produção:

[...] em relação à parte de produção de animal com hormônios... a gente sabe que assim, o maior foco sempre foi no frango e a gente sabe que o frango não é produzido com hormônios né, então foi por notícia errada que foi colocado na mídia e todo mundo acha que acontece mesmo porque o frango antes pesava um quilo e hoje pesava três quilos. E como o animal chegou nisso... E a gente sabe que não é, que é melhoramento genético, que foi feito pro animal chegar nesse ponto. O leite também, existe uma ... um controle rígido pra você... você só usa hormônios, se você utilizar o hormônio que é o hormônio de crescimento você normalmente utiliza na fase final de lactação do animal pra tentar manter esse animal mais produtivo pelo menos por mais um dois meses, mas ele tem uma carência, então se você aplica no animal você não pode utilizar, já existe, tem testes no leite que você consegue detectar isso. Mas ao mesmo tempo a gente sabe que o Brasil é aquele jeitinho brasileiro né. Sempre vai ter as pessoas que vão querer passar a perna nos outros, então acho que a gente não pode levar a ferro e fogo como se todo mundo usa isso pra produzir mais e destratar os animais. Então tem como a gente fazer pra melhorar a produção sem ter a necessidade de alterar o que seria o metabolismo normal do animal. Pelo menos alguma coisa né. [...]

Mia afirma que a produção de alimentos apenas de origem vegetal para humanos causaria o mesmo desmatamento que a produção de animais gera. Este relato de Mia evidencia o quanto a discussão é controversa, já que há extensa literatura científica que afirma a ligação entre a pecuária e o desmatamento, além disso, a ligação em relação à questão socioambiental e de saúde pública, no geral.

4.10. Cultura de violência

Esta categoria aborda os tipos de violências aos animais que são aceitáveis e tipos não aceitáveis, para os entrevistados. Segundo o arcabouço teórico dos ECA percebeu-se contestações científicas e éticas, assim como contestações sociais em diversos âmbitos. Os animalistas são contra qualquer tipo de uso dos animais pelos humanos, ou seja, a luta animalista consiste na ideia dos animais enquanto seres sujeitos de si mesmos, livres para viver suas próprias vidas de acordo com seus próprios e naturais interesses. As contestações animalistas referem-se a todos os tipos de uso animais, desse modo inclui-se criação, produção e manejo de animais para alimentos, vestuários, entretenimento, experimentações em animais vivos, produção de produtos em geral de origem animal, modalidades consideradas esportivas, entre outros.

No que tange tais contestações, quatro entrevistados relataram estar de acordo com as contestações apenas em relação ao uso dos animais em entretenimentos, eventos culturais, tradicionais e modalidades esportivas. Steve relatou estar em um dilema moral em relação a esse uso específico de animais e apenas Mia concorda com os usos para esta finalidade. Susy explica que deveria ter um critério para a exploração de animais e que eles só deveriam ser usados para questões que melhorem as questões humanas e não para questões culturais que girem em torno de diversão, exemplifica. Olivia e Xavier também não são favoráveis ao sofrimento animal por diversão ou entretenimento humano.

Steve apresenta um relato interessante sobre a empatia dos animalistas em relação aos animais e relembra que os humanos também são animais:

Eu entendo o posicionamento [dos animalistas] de se colocar na condição de... [um animal]. Eu só acho complicado um humano se colocar na condição de [um animal]. [...] Somos diferentes. Nós os dominamos. [...] não posso condená-los entendeu. Acho que... Tá certo. Se a pessoa se coloca nessa posição é que é muito complicado mesmo. E às vezes a gente tá nessa condição né [de sofrimento]. Nós também somos animais.

Sobre os demais tipos de usos de animais pelos animais-humanos, a maioria dos entrevistados discordaram dos animalistas. A maioria deles deixou claro não ter conhecimento sobre as contestações no geral, então não estavam cientes das contestações específicas, sequer de dados, estatísticas, pesquisas, dados, entre outros.

Apenas Xavier não se demonstrou totalmente favorável à produção animal convencional, no geral, e o restante se demonstrou favorável a todos os tipos de exploração de animais para interesses humanos, desde que com manejos e técnicas que tentem gerar um pouco menos de sofrimentos em relação aos manejos e técnicas convencionais. A maioria afirmou que tais técnicas, conhecidas como bem-estar são recentes e datam os últimos dez ou sete anos.

Esclarece-se que na visão de Xavier, sobre um possível futuro melhor para a zootecnia, consiste em produção orgânica e manejo de vacas e galinhas (focado em leites e ovos), desde que não houvesse nenhuma morte envolvida em nenhum processo desta indústria inovadora. Neste caso, mesmo os seres que não oferecem estas secreções (como machos e fêmeas de idade avançada ou doentes) seriam mantidos vivos, em boas condições de vida, sem função econômica, com a função de viverem suas vidas livres de gaiolas e galpões.

Em relação à vivisseccção (experimentação em animais vivos) a maioria dos entrevistados se mostraram a favor e alguns disseram ser vivisseccionistas. Os entrevistados esclareceram que não tem informações sobre as contestações e controvérsias em relação a este tema por parte dos

militantes e pesquisadores abolicionistas, apenas dois que afirmaram que souberam da invasão no Instituto Royal em 2013 e declararam que não aprovam ações diretas contra vivisseção.

Apresenta-se o que cada entrevistado expressou sobre os testes em animais vivos. Para Mia o uso de animais para testes diversos é aceitável, pois não se constrói vínculo afetivo com os animais utilizados. Mia afirma que apenas oferece ao seu filho remédios que tenham sido testados em animais-não-humanos e exemplifica que as espécies de animais vivisseccionados podem ser camundongos, coelhos ou suíno, em uma tentativa de se selecionar um animal mais próximo, do que ela chama de, escala humana. Mia coloca como se apenas duas opções existissem: testar em animais-não-humanos ou testar em animais-humanos e acreditando que apenas essas soluções existem opta por aprovar que a vivisseção seja feita em não-humanos. Mia afirma fazer parte do Comitê de Ética Animal (comitê responsável por receber pedidos de animais para testes, analisar e aprovar ou não aprovar as pesquisas acadêmicas).

Para Xavier, a ciência, assim como a agronomia e a zootecnia estão evoluindo muito. Atualmente, nestes cursos, existem disciplinas sobre comportamento animal, sobre bem-estar animal, disciplinas que não existiam antes. A tendência é que a ciência continue evoluindo até que não existam mais testes em animais, até porque é uma evidência científica que animais sofrem. Xavier acredita que essa evolução acontece lentamente, sem imposição e sim através da própria ciência e da educação.

Steve, assim como Mia, acredita que só há duas opções: testar em animais-humanos ou em animais-não-humanos. Steve afirma que muitas vezes os testes dão errado, pois os modelos (espécies de animais escolhidas para os testes) não correspondem aos animais-humanos, então é necessário realizar inúmeros testes até descobrir em qual espécie algum determinado órgão ou reação bioquímica é mais parecida com a espécie humana, sendo assim, para descobrir a similaridade, em cada tipo de teste, testa-se em elevados números de indivíduos animais. Esse processo acontece para cada tipo de teste, pois cada espécie tem reações biológicas diferentes. Steve desaprova o uso de

métodos substitutivos aos animais vivos, pois afirma que ao testar em animais vivos pode-se observar todos o organismo em funcionamento, assim como suas reações. Sobre as contestações por parte dos cientistas animalistas e os milhares de casos de produtos testados em animais e que prejudicaram a saúde de consumidores humanos, Steve justifica que é responsabilidade da ciência e que não há o que fazer, como se na ciência tudo fosse permitido e que se alguma pesquisa ou desenvolvimento de produto ou substância não der certo e causar prejuízos (mesmo a um grande número de humanos) não há culpados, pois a vulnerabilidade faz parte da própria ciência.

Susy acredita que os animais-não-humanos devem ser utilizados para tudo o que for trazer melhoria aos animais-humanos, sendo assim, esse seria o critério para Susy concordar com a vivisseção dos animais-não-humanos. Entretanto Suzy afirma estar de acordo com os métodos substitutivos aos animais e acredita que esse é o caminho e que está evoluindo. Sobre a vivisseção, Nicole afirma que apenas segue as normas, sendo assim, justifica seu assentimento aos testes em animais, enquanto cientista, dessa forma.

Olivia acredita que testar produtos e remédios em animais-não-humanos gera segurança aos animais-humanos. Olivia lembra que tanto japoneses, norte-americanos e alemães já fizeram testes com animais-humanos e conclui de que ninguém é “santo”. Olivia questiona a legitimidade de reconhecidas instituições, como a Food and Drug Administration (FDA), dos Estados Unidos, sobre pesquisas que apontam baixa eficácia ao uso de animais-não-humanos em testes. Olivia afirma que países do terceiro mundo têm métodos substitutivos aos animais vivos de melhor qualidade.

Sobre os critérios utilizados para determinar em qual situação e para qual espécie ou indivíduo animal deve ou não deve ser exercida a violência humana, percebeu-se que entre os entrevistados não há uma base comum de fundamentos ou de ética. Cada entrevistado usa critérios diferentes para esta determinação. A partir dos dados coletados descortinaram-se alguns critérios utilizados: normas; leis; cultura; moral; ciência; interesses humanos; espiritualidade; crenças; afetividade; vínculo; semelhanças psicológicas ou biológicas com a espécie humana; evolução; necessidade; respeito;

conformismo com a realidade histórica das situações; entre outros. Destaca-se que sobre algumas questões alguns entrevistados se apresentaram em um dilema moral.

4.11. Discussão dos resultados a partir dos ECA e da literatura acadêmica animalista

Banalidade do mal

Percebe-se que a violência⁹⁰ contra os animais-não-humanos é justificada, nas entrevistas, pelas leis, cultura e moral da sociedade, porém o desenvolvimento das leis e a participação na construção da moral, como espaços de discussões, fomentação de ideias e projetos (câmaras legislativas, organizações mundiais, instrumentos de informação em massa, como televisão e rádios, e outros espaços de influência de comportamentos morais ou de discussão e decisão, como o *core set*) não contam com participação pública e sim tem participação restrita de pessoas criteriosamente selecionadas, como explica Vicente (2012).

Em relação à naturalização da violência e do sofrimento forçado, assim como, em relação à justificativa da opressão com base nas leis, na moral e na ciência (de base ideológica especista), conforme relatam os entrevistados, é para Twine (2012) um tema controverso, que envolve complexos temas de biopolítica. Nibert (2013) *apud* Dionne (2013) esclarece que a violência reverbera violência em todos os aspectos e contra todas as espécies. A partir dos princípios dos ECA, as leis vigentes e a moral não devem ser utilizadas como balizadores de condutas, afinal, conforme explicou Vicente (2012) a formulação das leis é de acesso restrito, além de representar a hegemonia do pensamento Ocidental. A ciência também é um campo de disputas políticas e também representa o pensamento hegemônico, hierárquico e impõe ideias, sendo assim, a ciência, a partir dos princípios dos ECA, também não deve ser entendida como um condutor de ações éticas. Hobson-West (2007) afirma que

⁹⁰ Sobre violência civilizada conferir Donna Harawar; Langdon e Jaque Lui.

a ciência deve ser vista como uma atividade social, não neutra e não como uma esfera desmembrada da sociedade e da política. A autora utiliza desta perspectiva também para analisar as questões relacionadas à sociedade e aos animais.

Sobre a normatização, a banalização da violência contra os animais, e principalmente sobre os dilemas morais apresentados (por Steve), Souza (2017) afirma que o processo de quebra de paradigma é muito lento e que é compreensível que as pessoas que entram para um sistema ou indústria especista e constroem profissão, carreira e reconhecimento tenham dificuldade em se desapegar de tudo isso, mesmo quando quebram com tal paradigma.

Tarde (1903) segundo Vargas (2015) afirma que na sociedade há uma imposição de ideias e que os fatos sociais são normatizados através da imitação e repetição de ações e condutas. Tarde (1903) se coloca contra a normatização, pois acredita que a mesma aprisiona o pensamento. Para Tréz (2017) há imposição moral na sociedade, pois, por exemplo, quando se faz testes em animais se ensina uma postura, se impõe uma moral. O conceito de normose de Crema, et al (2011) se refere a comportamentos normatizados e designa condutas humanas que prejudicam, de modo significativo, diversos âmbitos como meio ambiente, saúde pública, saúde individual, entre outros, porém se a maioria das pessoas têm tais comportamentos então é como se os indivíduos praticassem o que é considerado normal para se adequarem aos padrões de comportamento, mesmo se tal conduta for prejudicial ou até mesmo autoprejudicial.

Em relação à questão do bem-estarismo, Felipe (2009), Francione (2000) e Regan (2006), Cole (2011), Porcher (2004), Sordi (2014), Twine (2012) afirmam que as práticas bem-estaristas nada têm haver com bem-estar dos animais e consideram que o bem-estarismo seja uma tentativa de causar ilusão aos consumidores carnistas e aumentar o lucro do agronegócio com o marketing enganoso sobre as condições dos animais. Para Buzby (2015) e Nibert (2013) *apud* Dionne (2013) a indústria animal e todos seus processos estão enredados com o sistema capitalista e interesses econômicos. Buzby (2015) considerada que há na sociedade uma cegueira à injustiça estrutural, por vezes reforçada pela publicidade. Oliveira (2015) afirma que o mercado tem

influenciado questões sociais e morais. Como consequência do capitalismo ocorre uma transformação do status dos animais de seres para coisas, ou seja, coisificação, o que reflete uma sociedade sem empatia com qualquer animal, mesmo humanos.

Relacionado à justificativa da exploração animal, as entrevistas evidenciaram o pensamento de hierarquização dos conhecimentos científicos em relação aos conhecimentos populares, empíricos e tradicionais, de modo que alguns entrevistados enfatizaram que o movimento abolicionista animalista detém conhecimentos não científicos e que por isso não são válidos. Os ECA mostram que há cientistas animalistas abolicionistas, assim como debate científico, acadêmico e filosófico, porém os entrevistados, na maioria das vezes, relacionaram os conhecimentos animalistas como não científicos e esse é um dos motivos que os leva a julgar os animalistas como inferiores.

Ações impositivas

Esta categoria dialoga com a categoria anterior sobre a autorização da violência pelas leis, porém definiu-se esta categoria como importante, pois encontrou-se aqui o tema da imposição de ideologias, de forma mais abrangente que a imposição de ideologia pela lei e moral. Os relatos aqui evidenciam a influência, imposição e manipulação. Vicente (2012) explica que quando há ato de desobediência civil (como Mia apresentou) seguido de atenção midiática, há chances do assunto chegar na agenda de políticas públicas e conquistar visibilidade popular e participação pública nas discussões⁹¹. Em relação às ações diretas, Thoreau (2012, p.6) é a favor e afirma que devemos agir sempre do modo que for mais próximo do que achamos correto, e assim, não seremos apenas súditos: “A lei nunca fez os

⁹¹Quando um problema é entendido como de interesse social, ganha visibilidade e pode entrar na discussão do “espaço problemático”, o tema inserido envolve valores e interesses relacionados a ideologias e projetos políticos. Esse espaço é definido como agenda e os posicionamentos podem gerar políticas públicas (SERAFIM & DIAS, 2012). Algumas mudanças atuais em diversas leis relacionadas a animais tem essa característica, pois geralmente há um movimento social e a partir de ações de grupos o tema em questão ganha visibilidade e entra na agenda de discussão.

homens sequer um pouco mais justos; e o respeito reverente pela lei tem levado até mesmo os bem-intencionados a agir quotidianamente como mensageiros da injustiça”.

Os entrevistados não apresentaram associações entre as imposições ideológicas com propagandas especistas em mídia nacional e internacional, nos maiores meios de comunicação contemporâneos (internet, televisão, *outdoors*, jornais, etc). A indústria animal impõe seu modo de pensar em relação aos animais-não-humanos de modo abrangente no *marketing*, mas também em eventos, livros, documentários, organizações pró-consumo de animais, eventos e empresas de venda, procriação, e no modo de criação, assim como, no assassinato, desmembramentos e empacotamentos de animais. Apesar destas formas comuns e cotidianas de imposição ideológica do agronegócio (SORDI, 2014, REGAN, 2006) os entrevistados não relataram nada específico.

A maioria dos entrevistados relataram que existe imposição ideológica por parte dos que defendem os animais. Os relatos apontam que além dos entrevistados não terem contato com os ativistas, relatam que tal imposição é no campo psicológico. Levanta-se a hipótese de que há presença de veganofobia, pois os relatos evidenciam medo psicológico dos veganos. Além disso, percebe-se a partir dos relatos que há tentativa de neutralização da ciência, como se os conhecimentos científicos não tivessem como apoio os conhecimentos tradicionais, culturais e a moral.

Souza (2017, p.74) explica que alguns autores ancoram seus percursos teóricos-metodológicos em autores e pesquisadores que por sua vez ancoram conhecimento ditos científicos, em conhecimentos com base na tradição, crença, religião ou outro:

Neste contexto, as ciências são o principal recurso empregado em defesa de valores tradicionais e de crenças religiosas nestas disputas. O que, aliás, não chega a ser novidade. Caça às bruxas na idade média, colonialismo, racismo, domínio patriarcal, abuso de mulheres e crianças e nazismo, todos esses e muitos outros, recorrem às ciências para justificar a inferioridade e a negação de direitos para grandes contingentes da população [...].

A questão sobre as imposições de valores, ideologias e pensamentos, seja em prol da vida animal-não-humana ou em prol do domínio humano sob os não-humanos se mostra como um questão complexa e ampla nas ciências humanas e sociais e pode ser relacionada com diversas áreas de conhecimento amplamente controversas, como religião, cultura, tradição, paradigmas, entre outros.

Os ECA têm como princípio o fomento e apoio à ação direta, pois dentro deste campo de estudo, as ações diretas são compreendidas como ferramenta de transformação social e de ativismo em prol da libertação total da opressão humana e não-humana e do avanço para a paz. Cordeiro-Rodrigues (2015) explica que os estudiosos dos ECA comentam que as ações diretas fazem parte da estrutura de movimentos radicais, que advogam pela ética da justiça, para todos os seres, assim como para a Terra.

Especismo

Selecionou-se a questão do especismo para análise de conteúdo, pois o especismo é um assunto controverso na ciência e na sociedade. Assim como outros assuntos semelhantes, ou seja, que discutam as disputas de poder, moral, hierarquização de direitos e privilégios. A desigualdade de direitos é assunto controverso nas ciências humanas, sociais e também nas ciências naturais, visto que a neurologia, a biologia, a psicologia, a medicina e outras áreas de conhecimento discutem sobre a questão de preconceitos de espécie, gênero, raça, sexo, cor, etnia, entre outros. Em outras palavras, há pesquisas de diversas áreas tentando provar que deve haver igualdade ou desigualdade de direitos. No que tange aos animais, a questão envolve o direito à sua própria vida e liberdade.

Em relação à origem dos preconceitos Felipe (2014c) afirma que ninguém nasce mau caráter e que as crianças tendem a aprender com o exemplo que têm se espelhando. No que tange ao especismo, por influência cultural Felipe (2014c) chama este fenômeno de moralidade somatofóbica contra os animais. Aqui percebeu-se que o preconceito tem haver com cultura e moral. Nas categorias anteriores, sobre a banalidade da violência e as imposições ideológicas, percebeu-se que há proximidades com esta, pois

também apresenta-se a relação entre a cultura e a moral. Para Carlomagno (2016) pode-se criar categorias que tenham similitudes, entretanto mantêm-se esta categoria, pois ela aborda o conceito exclusivo de preconceito de espécie.

Não se pretende esgotar este assunto, pois é complexo e envolve questões culturais e dilemas éticos controversos (SMITS, 2006) como bom e ruim, certo ou errado, igualdades e desigualdades de direitos, sendo assim, abrange a discussão ética. A partir da óptica dos princípios dos ECA, segundo Best, *et al* (2007) o especismo tem como raiz comum as diversas formas de opressão social como sexismo, classismo, militarismo, racismo, entre outras, e que é necessária reflexão crítica para o avanço da compreensão destes temas, assim como a busca da libertação total, que visa a abolição da opressão e dominação de qualquer espécie animal, assim como a libertação dos ecossistemas da Terra. Na perspectiva dos ECA, enquanto houver opressão contra os não-humanos, haverá violência, em geral.

Especismo eletivo

Evidenciou-se que algumas falas demonstram haver dilemas internos sobre diferenciações morais entre diferentes espécies animais. Este assunto, sobre quais seres sencientes, merecem ou não o privilégio do direito, da dignidade, da liberdade e do cuidado é um tema demasiadamente controverso. Este assunto é criticado e apresentado pelos abolicionistas-acadêmicos como esquizofrenia moral (FRANCIONE, 2000), especismo eletivo (FELIPE, 2009) ou ainda, como especismo afetivo (SILVA, 2009), ou seja, contradição de pensamento e condutas em relação aos animais sencientes. Este comportamento costuma ser justificado pelos especistas como reproduções de padrões culturais e é considerado um paradigma. Sob a luz dos ECA deve haver libertação para todos animais, de todas espécies. Libertação total é um dos princípios dos ECA, sendo assim, prevê-se que qualquer forma de exploração, opressão, tortura, assassinato e ações de violência similares sejam abolidas da sociedade.

Comunicação

A participação social nos âmbitos científicos, políticos e de poder, no geral, são escassas, pois a ciência constitui um campo de disputas. A falta de diálogo entre um movimento social que luta pelos direitos dos animais e os especialistas em produzir, matar e mercantilizar os animais não é simplesmente “por acaso”. A ausência de diálogo e, além disso, a ameaça de possíveis existências de agressividade, diante de uma proposta de diálogo demonstra que há intenções e propósitos definidos para que não haja diálogo. Estes propósitos, segundo Nibert (2013) *apud* Dionne (2013), são principalmente relacionados a interesses econômicos e segundo Buzby (2015) ao capitalismo.

Vicente (2012) explica que os espaços de debates sobre assuntos polêmicos, principalmente em relação ao uso de animais, acontecem em locais restritos a pessoas selecionadas politicamente. Sendo assim, sob a luz desta vertente, nota-se que os “dois lados” (termo apresentado por alguns entrevistados para designar os ativistas de um lado e os envolvidos com a produção animal de outro lado) não se conhecem, não se encontram e não dialogam, por forças políticas, interesses político-econômicos e, principalmente, pela falta de acesso livre de cidadãos aos debates e decisões públicas e científicas. Sob a luz dos ECA levanta-se mesma evidência. Ativistas abolicionistas animalistas não têm acesso aos espaços de disputa. Os ativistas acadêmicos encontram espaço de discussão no âmbito da academia, porém há segregação em diferentes disciplinas e fervorosa disputa entre as ciências naturais e não naturais, com relevância no tema de domínio da natureza. Feenberg (2010 [1995]) afirma que os donos das indústrias detêm poder e que não é possível haver democracia no âmbito envolvido com as grandes indústrias. Deste modo, os animais produzidos em massa, no sistema capitalista e os cientistas que servem ao desenvolvimento tecnológico relacionado à produção animal convencional estão sob o poder das corporações e suas influências políticas.

Evidencia-se também a necessidade de democracia para que haja conhecimento dos “dois lados”, pois os ativistas, além de não terem acesso nas tomadas de decisões, só conseguem se expressar livremente em espaços públicos, ou por mídias sociais, quando há um sistema democrático no país

onde vivem. Desta forma, leva-se em consideração que o pouco de diálogo que foi demonstrado nas entrevistas apenas existiu por causa do recente e curto período em que o Brasil, local de pesquisa empírica, esteve em estado democrático e permitindo o direito de expressão. O que para os ECA é fundamental, pois fomentam a práxis (teoria e prática em conjunto), ou seja, teoria acadêmica e prática ativista. Os ECA deixam em aberto todas as ferramentas que podem ser utilizadas para o alcance da libertação total, que visem justiça social e paz. Sendo assim, a proposta de diálogo pode ser refletida nesta perspectiva.

Relação

Em relação à questão: 'Informações sobre o sofrimento animal' compreende-se que, na percepção dos envolvidos na produção animal, os ativistas expõem os sofrimentos físico e emocional que os animais passam enquanto não são colocados mortos nas prateleiras dos supermercados e desse modo, alertam os carnistas sobre o sofrimento. Considerando a teoria crítica dos estudos animais, os autores Ryder (1975), Singer (2004), Adams (1996), Francione (2000), Oliveira (2015), Regan (2001) afirmam que na perspectiva do especismo o sofrimento animal não é levado em consideração. A fala do entrevistado evidencia a não consideração do sofrimento animal, e aponta a preocupação em relação ao consumidor de animais (carnistas) continuar consumindo mesmo depois de saber da existência do sofrimento animal.

Porcher (2004) problematiza a questão do sofrimento e afirma que o especismo está dentro da ciência e ignora o sofrimento dos animais e busca fazer uma invisibilização sobre o sofrimento animal. A professora de ciência política da *Rutgers University* Amy Buzby (2015) afirma que no sistema capitalista de produção de animais, os mesmos são considerados como finalidade da indústria e não de si mesmos, tendo sua integridade física completamente abalada, pois são modificados, vivem em condições muito ruins, onde apenas é levado em consideração a maior quantidade de produção e, por fim são abatidos.

Em relação as “Mudanças na legislação” percebe-se que é uma contradição as leis permitirem e regulamentarem o assassinato de animais já que por outro lado há leis que fomentam a proteção da vida e a não crueldade aos animais (TINOCO E CORREIA, 2014). Os ECA têm como raiz de pensamento o anarquismo, sendo assim, não acredita no funcionamento de um país e sim de comunidades, acredita na autogestão, é contra qualquer tipo de hierarquia, inclusive a política, social, cultural, econômica. Os ECA pretendem avançar na construção coletiva de uma sociedade libertária, cooperativa e justa, sendo assim, não buscam fortalecer legislações e sim promover uma transformação libertária e educativa.

Em relação à origem do bem-estarismo e o movimento animalista, alguns entrevistados acreditam que o movimento influenciou a origem do bem-estarismo, entretanto a literatura animalista aponta que essa origem tem relação com estratégias de marketing e geração de lucro da indústria animal e não tem influência com o movimento, uma vez que o movimento fomenta a extinção da exploração animal e não diminuição do mal estar dos animais explorados, como expressa Regan, em sua conhecida frase, escrita no livro Em defesa dos direitos animais: “Não queremos jaulas maiores, queremos jaulas vazias!”.

Socioambiental

Global Footprint Network (GFN, 2018) afirma que uma das maiores problemáticas socioambientais relacionadas à agropecuária é o uso da água e afirma que para fabricação de 1 kg de frango são necessários até 4.500 litros de água, para fabricação de 1 kg de carne de boi são necessários até 20.700 litros de água, para a fabricação de manteiga animal são necessários até 18.000 litros de água. Enquanto para a produção de alimentos de base vegetal o número de água cai drasticamente, sendo que para a produção de 1 kg de arroz são necessários até 3.600 litros, para 1 kg de batata são necessários apenas 132 litros de água e para 1 kg de banana são necessários 500 litros de água. Ademais, a produção dos vegetais tem maior índice de origem da agricultura camponesa e familiar enquanto a produção industrial de animais é mais proveniente de grandes corporações do agronegócio. A desigualdade

entre a agricultura familiar e o agronegócio é intensa e se apresenta no âmbito do acesso aos créditos financeiros, do acesso às terras para produção, acesso à água, diferenciação nos impostos, insumos e outras questões sociais, econômicas e políticas complexas. O que envolve controversas sobre desenvolvimento econômico, conceitos de progresso, culturas, entre outros.

Utiliza-se a teoria sobre a ambientalização dos conflitos e dilemas da participação pública de Lopes (2006) para refletir sobre este distanciamento do olhar das ciências humanas e sociais à questão animal e os âmbitos que há reverberações, conforme apontado nesta dissertação. Lopes estuda o movimento ambiental e diz que o agronegócio, que é o movimento contrário, tem se apropriado das próprias críticas dos ambientalistas, desta forma a agroindústria torna as contestações e argumentações banais e logo invisíveis, tirando a legitimidade dos movimentos sociais e a argumentação nos conflitos. Refletindo essa banalização, que o autor chama de ambientalização, no abolicionismo animalista, levanta-se a hipótese de que o movimento era marginalizado e não alcançava visibilidade suficiente para entrar nas disputas sociais e científicas. Atualmente, como o movimento é crescente e o tema sobre veganismo alcançou visibilidade e há participação pública na discussão dos direitos animais, a indústria animal se apropria das críticas e do discurso com o objetivo de banalizar a seriedade do assunto.

Felipe (2014c) explica que não há, nem pode haver nenhum modo de produção animal que respeite a senciência animal. Em relação às problemáticas socioambientais Stengers (2015) afirma que não é mais possível ignorar, principalmente, devido à amplitude que os problemas tomaram e aos diversos riscos que ameaçam a Terra. A ONG World Wide Fund for Nature (WWF) (2017) em seu relatório “Apetite por destruição” afirma que a agropecuária é responsável por 60% da perda de biodiversidade, assim como contaminação de água, solo e aumento de emissão de gases de efeito estufa, e que dessa forma está devastando o planeta. A FAO (2006) afirma que a agropecuária está entre os três setores mais impactantes ao meio ambiente, causando degradação da terra, mudanças climáticas e poluição. Ilea (2008, p. 155) afirma que:

[...] há uma grande variedade de problemas causados pela pecuária intensiva, incluindo emissão de gases de efeito estufa, aumento de riscos para a saúde dos trabalhadores e das pessoas que vivem perto de explorações pecuárias intensivas, escassez e degradação do solo e da água, problemas ambientais relacionados com o manejo do esterco e problemas de saúde causados pelo uso de hormônios e antibióticos.

Mia aponta o grau de controvérsia sobre o assunto quando afirma que se não existisse produção de animais haveria o mesmo índice de desmatamento, pois com essa afirmação lembra-nos dos conflitos e disputas científicas entre a agropecuária convencional e a agroecologia. Conflitos abrangentes, complexos e epistemológicos. Mia evidencia o quanto a discussão é controversa, já que o Intergovernmental Panel On Climate Change (IPCC) (2014) afirma que muito das emissões de gases do efeito estufa são provenientes da pecuária e que apesar de ser difícil mitigar isso, recomenda-se alterar o modo de produção da agropecuária e da aquicultura. Esta forma de produzir também está relacionada com outros temas bastante polêmicos, como: falta de biossegurança e soberania alimentar do povo, patentes de seres vivos, patentes de sementes, grandes latifúndios e desigualdades sociais, invasões de grandes pecuaristas em terra indígena e de preservação ambiental, entre outros.

Em relação à agropecuária convencional, Nibert (2013) apud Dionne (2013) afirma que pela óptica sistêmica não tem como a pecuária disponibilizar uma boa nutrição aos animais da indústria, por exemplo, uma vez que a obtenção desses alimentos é inadequada e causa desequilíbrio ambiental, sendo uma questão de privilégios. Além disso, Twine (2012) explica que o complexo-industrial-animal desenvolve inovações na área de biotecnologia e principalmente na área de tecnologia ambiental com o intuito de capitalizar os resíduos da empresa e de causar uma ilusão de sustentabilidade nas corporações.

O objetivo deste tópico é apresentar alguns temas controversos que surgiram a partir das entrevistas com o intuito de informar o leitor sobre a situação. Não se tem o objetivo, nesta dissertação, de avaliar as controversas e encerrá-la. Os ECA tem como intuito a libertação da terra, sendo assim, a partir

desta perspectiva apenas o veganismo libertário-interseccionista pode não exercer dominação da terra.

Cultura de violência

Neste item foi apresentado como cada entrevistado pensa em relação a diferentes explorações animais. Para os ECA não há nada que justifique a exploração de animais, humanos ou não-humanos e qualquer tipo de exploração e opressão deve ser transformada pela educação transformadora. A ciência é envolvida por questões morais, políticas, econômicas, financeiras, ética, religiosas, etc. Para Twine (2012) o complexo-industrial-farmacêutico capitalista cria suas próprias doenças para lucrar com os tratamentos e manutenção dos pacientes, por isso deve haver uma reflexão crítica sobre a hegemonia contemporânea referente à economia e à cultura, pois os animais estão sendo testados para gerar lucro às corporações. Vicente (2012) aponta que a definição de critérios que justifiquem a violência aos animais perpassa as questões culturais, morais, os hábitos e que por isso se mostra como um entrave na ciência e na sociedade. Noel (2010) problematiza o conceito de violência a apresenta a complexidade relacionada à violência, conforme apresenta-se no item de termos desta dissertação.

Refletindo sobre o tema da vivisseção o médico e pesquisador John Pipp do Comitê Médicos Pela Medicina Responsável (PCRM) afirma que o uso de animais é completamente ineficiente, pois os testes aplicados em animais raramente funcionam para humanos. Pipp (2013) afirma que a própria Food and Drugs Administration (FDA, 2005) anuncia que 92% dos produtos testados em animais-não-humanos falham quando usado em humanos. Para Pipp (2013) o único motivo pelo qual ainda se testa em animais é por dinheiro, pois para vender seus produtos as indústrias precisam da aprovação do FDA, o qual exige que o teste seja feito, pois também recebe dinheiro pra isso. Outro motivo é porque os cientistas e a FDA estão acostumados a fazer isso, presos a praticas arcaicas (GGN, 2013) relacionadas a hábitos, costumes e tradição. Segundo a pesquisa da National Center for Advanced Translational Science (2017) *apud* PETA (2018) 95% dos testes são ineficazes.

Segundo Greif & Tréz (2000) *apud* Ramiro (2011) apenas 1/3 dos animais testados é pra desenvolvimento científico. Greek (2000) *apud* Ramiro (2011) estima que entre 100 bilhões a 1 trilhão de dólares é movimentado todos os anos, no mundo, com vivisseção e que os 2/3 dos animais são utilizados nas indústrias das mais diversas, como: bélica (armamentista em geral), cosméticos, alimentação, produtos de limpeza, higiene, tabaco, equipamentos de proteção (EPI's) , automobilística, química, petroquímica, indústria energética, física, robótica, agrícola, experiências comportamentais, psicológicas, ensino didático em escolas de ensino fundamental e médio, entre outros.

Não é o objetivo abordar especificamente sobre a controvérsia da vivisseção nesta dissertação, apenas apresentar a problematização que há em relação a este assunto. Para mais informações convida-se o leitor a conferir os autores: Alfred Wallace, Charles Darwin, Hakan Senturk, Robert Mathhews, Sergui Greif, Thales Tréz, Róber Bachinski, Roy Kupsinel, Frances Cobbe, Elias Zerhouni, Claude Reiss, Pietro Croce, Robert S. Mendelsohn, entre outros⁹².

⁹² Cf. O livro organizado por Hans Reusch 1000 doctors (and many more) against vivisection.1989.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembra-se que o objetivo geral da pesquisa foi compreender quais relações existem entre o movimento que luta pelos direitos animais (abolicionismo animalista) no Brasil e os pesquisadores diretamente envolvidos com o desenvolvimento científico e tecnológico da agropecuária convencional no Estado de São Paulo, assim como conhecer a percepção destes sujeitos sobre o abolicionismo animalista. Relacionado ao objetivo central, buscou-se, além de conhecer quais relações existem por parte dos pesquisadores da produção animal, aproximar o conteúdo às discussões dos ECA e do referencial teórico dos acadêmicos abolicionistas-animalistas. Buscou-se compreender de que forma e em que grau os abolicionistas-animalistas “bagunçam” as “verdades” acomodadas pelos profissionais da produção animal, ou seja, como os pesquisadores e a ciência justificam o especismo e lidam com as controvérsias científicas e as contestações sociais?

As categorias analíticas foram criadas a partir dos dados revelados nas entrevistas e contribuíram para sistematizar os dados, enfatizando questões que surgiram com mais frequência ou com mais relação ao percurso teórico-metodológico da pesquisa. As categorias contribuíram também para conhecer sobre os posicionamentos e as perspectivas dos pesquisadores da produção animal e principalmente as informações sobre a relação entre o movimento abolicionista-animalista e o desenvolvimento tecnológico da agropecuária convencional.

Conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação, há pluralidade de vertentes de pensamentos em relação aos animais e esta pluralidade se apresentou nas pessoas que trabalham diretamente com a produção de animais. A maioria dos entrevistados demonstrou não conhecer sobre a vertente de pensamento abolicionista ou sencientista, tampouco sobre o movimento social que promove esta teoria em ações. Surpreendentemente uma das pessoas entrevistadas, não é carnista e apresentou seus pensamentos em relação à espiritualidade e ao respeito aos animais. Este tema não tinha sido abordado nos primeiros capítulos da dissertação.

As discussões do segundo capítulo se apresentaram como úteis para a compreensão dos dados provenientes das entrevistas, porém os entrevistados não dialogaram profundamente com as informações apresentadas, principalmente em relação às contestações dos ativistas e dos militantes acadêmicos. A maioria dos entrevistados não tinha conhecimento prévio sobre o assunto.

Os resultados mostram que são terrenos férteis para a continuidade desta pesquisa diversos temas que não se pretendeu aprofundar aqui, como a inesperada descoberta de profissionais da zootecnia ou áreas correlatas que se tornaram vegetarianos e veganos. Este assunto apresenta escassez nas plataformas de pesquisa e é, sobretudo, interessante. Há sites com depoimentos e entrevistas de diversos ex-pecuaristas que se tornaram veganos, o que poderia ser co-relacionado. Outro tema que despertou possibilidades originais de pesquisa é buscar compreender por que profissionais, fomentadores e patrocinadores da produção animal não buscam conhecer o manifesto do movimento dos direitos animais. Os dados demonstraram que estas pessoas percebem que o veganismo tem aumentado, mas não buscaram maiores informações. Outro tema que surgiu e demonstra carência de pesquisa nas plataformas científicas é sobre a veganofobia, ou seja, pânico de veganos. Conforme apresentou-se na pesquisa, alguns entrevistados apresentaram pânico em relação a autoprojeção que fizeram sobre o possível futuro crescimento exponencial do veganismo e aos transtornos emocionais que alguns entrevistados relataram sofrer em relação ao veganismo. Também percebeu-se como lacuna, pesquisas que debruçam sobre a localização e estudo do manifesto de movimentos e organizações locais e regionais e estudos comparativos sobre o movimento em diferentes cidades ou países. Outro terreno que se demonstrou fértil é em relação aos discursos filosóficos e as discussões que abordem moral, ética, cultura, entre outros temas correlacionados, por parte dos envolvidos na agropecuária.

Os resultados também mostram que há possibilidade inéditas de pesquisa em relação aos diversos conceitos sobre o amor, a paixão, o respeito e a violência. Alguns entrevistados afirmam matar animais por paixão e amor, o

que pode ser mais amplamente estudado e compreendido. Outro tema que se destacou é o distanciamento que alguns entrevistados relataram sobre o “mundo acadêmico” e o “mundo real”, como se as pesquisas científicas na área de produção animal não tivesse vínculos com a indústria animal, com as corporações, empresas, etc. Também pode-se destinar pesquisas inéditas que abordem especificamente a relação dos estudantes e profissionais da área de zootecnia, com sua instituição de ensino ou trabalho, no sentido de pesquisar o estado “automático” em relação ao que se aprende e a cultura envolvida, em contraposição ao estado “não automático”. Ademais pode-se debruçar estudos sobre o orgulho da tecnificação da matança animal, que sobretudo há na área da produção animal, e o papel da universidade, principalmente das áreas de zootecnia, como atuante do lado “indigesto” da matança animal.

Ao ampliar o olhar para este assunto notou-se que o tema é complexo e perpassa diversas áreas do conhecimento, assim como, discussões e controvérsias efervescentes, sendo assim, o campo da interdisciplinaridade percebeu-se como inteligentemente elegido para o estudo. Uma das primeiras contribuições que a parte empírica da pesquisa salientou consiste no fato dos pesquisadores terem aceitado participar desta pesquisa, o que aponta que o veganismo está sendo discutido atualmente, não sendo mais possível fugir deste tema. Percebe-se assim que houve mudança de contexto no movimento em prol dos animais.

Essa pesquisa contribuiu para conhecer quais são as relações que os pesquisadores da produção animal percebem em relação ao abolicionismo animalista. Contribuiu também para conhecer as percepções que os profissionais da área de produção animal têm em relação aos animais, aos ativistas, assim como algumas mudanças de percepções durante a trajetória pessoal e profissional. A pesquisa auxilia a descortinar a origem da pluralidade nas formas humanas de olhar e pensar os animais e a compreender a formação das concepções de pensamentos, da moral e das quebras de paradigmas. Colabora no sentido de encontrar lacunas de pesquisa, conforme apresentado e enriquece a discussão com dados e informações inéditos e originais. Conforme apontado por alguns entrevistados, esta pesquisa pode ser considerada como uma proposta de ponte de diálogo e estímulo para que os

envolvidos com a produção animal e os ativistas abolicionistas se conheçam, ou seja, conheçam ambos, as propostas, pensamentos, manifestos, argumentos, justificativas, bases epistemológicas, argumentos em relação ao domínio ou não dos animais. Não apenas conhecer, mas discutir sobre a formação acadêmica e os alicerces do pensamento científico, pois nota-se na pesquisa, que o abolicionismo animalista desorganiza as disciplinas convencionais e expõe ainda mais a instabilidade entre as ciências sociais e as ciências naturais e o conceito de natural e social, assim como do próprio conceito de natureza enquanto construção social. Os animais que se abordou nesta pesquisa foram domesticados pelo animal-humano, assim como no ambiente há interações diversas, além de intensas influências antropogênicas, sendo assim, questões biológicas e sociais se misturam e tensionam a definição de animal-humano e animal-não-humano, ou seja, surgem indagações no sentido de questionar o que é humano e o que é animal, a partir do ponto de vista interdisciplinar, visão que ultrapassa a perspectiva disciplinar da biologia ou das ciências sociais.

A originalidade desta pesquisa contribui para a promoção do conhecimento e do diálogo, pois se esforça para ao invés de julgar, escutar, e conhecer perspectivas. Além disso, nota-se que há diversas pesquisas que se voltam para o estudo do consumo dos animais, porém há um número consideravelmente menor de pesquisas voltadas a compreender o campo da produção animal e de seus pesquisadores, principalmente com esse mesmo enfoque.

Como consideração final, faz-se importante um diagnóstico de espaço-tempo em relação à política. Esclarece a importância da democracia na sociedade para que possam existir movimentos sociais e que, desta forma, os movimentos possam expressar suas contestações e apresentar controvérsias na ciência, na tecnologia e na sociedade em geral. A percepção do movimento tem haver com o curto momento de democracia que o Brasil viveu a partir do fim da última ditadura militar, quando não seria possível a liberdade de expressão, independentemente do tema e da fundamentação dos argumentos. Conforme explicado anteriormente, os dados coletados referem-se à característica do Estado de São Paulo, sendo assim, levante-se a hipótese de

que a mesma pesquisa realizada em outro estado do país teria dados diferentes.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina**. São Paulo: Alaúde Editorial. 2012.

_____. **Caring about Suffering: A Feminist Exploration**. Beyond Animal Rights: A Feminist Caring Ethic for the Treatment of Animals. New York: The Continuum Publishing Company, p. 174-6, 1996.

ALENCAR, Maurício Mello de. 1984. As associações de produtores e o melhoramento genético de bovinos. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, 10 (112) Abril 1984. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/42646/1/PROCIMMA1984.00024.pdf>. Acessado em Abril de 2019.

ALKA, Arora. Justice for Just Us. **Spiritual Progressives and Carnism**. Tikkun 1 January 2016. 30–35. 2016.

AQUINO, Guilherme. 2010. Cientistas querem recriar raça extinta de boi gigante. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/02/100128_auroque_guiaquino_vdm. Acessado em 24 de Abril de 2019.

AQUINO, Simone; SPINA, Glauco Antonio; NOVARETTI, Marcia Cristina Zago. Proibição do uso de animais em testes cosméticos no estado de São Paulo: impactos e desafios para o desenvolvimento da indústria de cosméticos e stakeholders. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 34, p. 155-188, 2016.

ARAÚJO, M. C. d. S. **Direito à vida em Peter Singer e a tradição utilitária**. Fortaleza, Ceará: Universidade Estadual do Ceará. 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, Ed. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Zahar, 2008.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. Clarendon. 1879.

BEST, Steve; NOCELLA, Anthony J.; KAHN, Richard; GIGLIOTTI, Carol; KEMMERER, Lisa (2007). **Introducing Critical Animal Studies**. Disponível em:

<http://www.criticalanimalstudies.org/wp-content/uploads/2009/09/Introducing-Critical-Animal-Studies-2007.pdf>

Acessado em 09 de Fevereiro de 2019.

BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto C. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, p. 134-301, 1994.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Campus. 1992.

_____. **Elogio da serenidade**. s.l.:Unesp. 2002.

_____. **A Era dos Direitos**. 17ª tiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2003.

REUSCH, Hans. **1000 doctors (and many more) against vivisection**. 1989.

BRUM, A. Luís. Guerra declarada. **AgroANALYSIS**, v.20, n.6, p.40-41. 2000.

BUZBY, Amy. From Factory Floor to Killing Floor: Marx, Critical Theory and the Status of the Animal. **Theory in Action**, v. 8, n. 3. 2015

CAPRA, Fritjof; EICHEMBERG, Newton Roberval. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, W. M. & TRINDADE, G. G. D., **A necessidade de revisão dos status moral e jurídico dos animais não-humanos para sua efetiva proteção legal**. XV Simpósio de ensino, pesquisa e extensão. 2011.

CARLOMAGNO, Márcio C.; DA ROCHA, Leonardo Caetano. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016.

CARMO, Íris Nery do. **"Viva o feminismo vegano!": gastropolíticas e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens**. 2013. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, BA.

CASTELLANO, M. & SORRENTINO, M. **Como ampliar o diálogo sobre abolicionismo animal? Contribuições pelos caminhos da educação e das políticas públicas**. Revista Brasileira de Direito Animal, v. 8, n. 14, 2014.

_____. A inserção de Estudos Críticos Animais em Instituições de Educação Superior. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 10, n. 2, p. 654-680, 2015.

CLARK & WHITELOW. 2003. A future for transgenic livestock. 2003. **Nature**. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nrg1183.pdf>

COLE, Matthew. From “animal machines” to “happy meat”? Foucault’s ideas of disciplinary and pastoral power applied to “animal-centred” welfare discourse. **Animals**, 2011.

COLE, M. and K. MORGAN. (2011). Veganphobia: Derogatory Discourses of Veganism and the Reproduction of Speciesism in UK National Newspapers. **The British Journal of Sociology**, 61.1, 134-153. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1468-4446.2010.01348.x>. Acessado em 20 de Dezembro de 2018.

CORDEIRO-RODRIGUES, Luis. Tensions between Multicultural Rights and the Rights of Domesticated and Liminal Animals: An Analysis of Will Kymlicka and Sue Donaldson’s Philosophy. 33-65. **Journal for Critical Animal Studies**. v.13, Issue1, 2015.

CORREIA, Pedro Bettencourt Cardoso. 2012. Posicionamento genético do gado bravo na ilha Terceira em relação à Raça Brava de Lide. Dissertação de Mestrado. Universidade dos Açores. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1543>.

COSTA, Mateus José Rodrigues Paranhos da; SANT’ANNA, Aline Cristina. **Bem-estar animal como valor agregado nas cadeias produtivas de carnes**. Jaboticabal. Funep, 2016

DARWIN, Charles. **A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo**, Cap. II - Comparação dos Poderes Mentais do Homem e Dos Animais Inferiores. (1871)

DE AZEVEDO, João Lúcio. **A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz: sua inclusão na USP e sua contribuição para a pesquisa em ciências agrárias**. Revista USP, n. 60, p. 14-39, 2004.

DE OLIVEIRA, Wesley Felipe; PINZANI, Alessandro. O que o mercado não mata: uma análise da moralidade especista e a economia. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 12, n. 1, p. 01-15. 2015.

DECCA, E. S. d., **Resenha de Black Mass de John Gray**. vol. 28, nº 56 ed. s.l.:Revista Brasileira de História. 2008.

DIAS, Juliana Vergueiro Gomes et al. **O rigor da morte: a construção simbólica do animal de açougue na produção industrial brasileira**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279102>. Acessado em 5 de Dezembro de 2018.

DIONNE, Jake. Animal Oppression & Human Violence: Domesecration, Capitalism, and Global Conflict (2013) by David Nibbert. **Journal for Critical Animal Studies**. Disponível em: http://journalforcriticalanimalstudies.org/wp-content/uploads/2015/12/JCAS_13_1_FINAL.pdf. Acessado em 12 de Fevereiro de 2019.

ERMINIO, F., et al. **Curso de Graduação em Zootecnia - Integração dos Cursos de Graduação da Unesp**. Universidade Estadual Paulista, 2012.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **Livestock's Long Shadow**. Rome, 2006. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/010/a0701e/a0701e00.HTM>. Acessado em 20 de Outubro de 2018.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **Tackling climate change through livestock**. 2014. Disponível em: http://www.fao.org/ag/againfo/resources/en/publications/tackling_climate_change/index.htm. Acessado em 28 de Outubro de 2018.

FOOD AND DRUG ADMINISTRATION - (FDA) – **Stagnation: Challenge and opportunity on the critical path to new medical products**. USA. CLINICAL EVALUATION, v. 32, n. 2/3, p. 517, 2005.

FAVRE, David. **O ganho de força dos direitos dos animais**. Revista Brasileira de Direito Animal, v. 1, n. 1, 2014.

FEENBERG, Andrew (1995). O Que é Filosofia da Tecnologia? In: NEDER, Ricardo T. (org.) **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**/ Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010, pp. 49-66.

FELIPE, Sônia T. **Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt**. Revista Brasileira de Direito Animal v.1, n.1, 2014a.

_____. **A perspectiva ecoanimalista feminista antiespecista**. Estudos feministas e de gênero: Articulações e perspectivas. [livro eletrônico] / organizadoras Cristina Stevens, Susane Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. Florianópolis: Mulheres p. 52, 2014b.

_____. Antropocentrismo, senciencismo e biocentrismo: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Páginas de Filosofia**. v.1,n.1, 2009.

_____. **Galactolatria: mau leite: implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino**. São José, SC. Ed. Da Aurora, 2012.

_____. **Acertos abolicionistas. A vez dos animais**. São José (SC): Ecoânima, 2014c.

_____. Abolicionismo: Igualdade sem discriminação. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 3, n. 4, 2014d.

FERREIRA, Walter Motta et al. Zootecnia brasileira: quarenta anos de história e reflexões. **Revista Acadêmica: Ciência Animal**, v. 4, n. 3, p. 77-93, 2006.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Tese de doutorado, UNICAMP. (2012).

FOHRMANN, Ana Paula Barbosa; KIEFER, Sandra Filomena Wagner. Para além do antropocentrismo: uma proposta de reflexão. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 11, n. 22, 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Martins Fontes, 2007.

FRAGA, Lais Silveira; GÓES, Carolina Braz. **Bem-estar de máquinas: estratégia de legitimação da crueldade na indústria-animal?** ANAIS do 2º Seminário de Meio Ambiente: Buen Vivir, Direitos da Natureza e dos Animais- Não Humanos na Era Tecnológica Antropocena. Universidade Federal Fluminense (UFF), Volta Redonda, RJ, 2018.

FRANCIONE, Gary L. **Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog?** Philadelphia: Temple University Press, 2000.

FRANCO, Ana Paula Perrota. **Abate bovino e rede industrial: um estudo sobre a introdução e gestão racional e econômica das emoções dos animais.** Política & Sociedade, v. 15, n. 33, p. 68-96, 2016.

FURQUIM, Nelson Roberto; CYRILLO, Denise Cavallini. Vantagens e desvantagens da pecuária no Brasil segundo atores da cadeia produtiva de carne bovina. **Mundo saúde** (1995), v. 37, n. 3, p. 321-328, 2013.

GARNER, R., **A theory of justice for animals: animal rights in a nonideal world.** Reino Unido: Oxford University Press. 2013.

GASQUES, José Garcia et al. **Desempenho e crescimento do agronegócio no Brasil.** 2004.

GIBERT, Martin; DESAULNIERS, Élise. Carnism. In: Encyclopedia of Food and Agricultural Ethics. **Springer Netherlands**, 2014. p. 292-298.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALES, Elisabeth; DE CARVALHO MELLO, Heloisa Helena; CAFÉ, Marcos Barcellos. Uso de antibióticos promotores de crescimento na alimentação e produção animal. **Revista UFG**, v. 13, n. 13, 2012.

GORDILHO, H. J. D. S. & SILVA, T. T. d. A., **Abolicionismo animal.** Salvador, Bahia: Evolução. 2008.

GRAY, J. N. **Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais.** Record, 2006.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de**

Economia e Sociologia Rural, v. 46, n. 2, p. 481-515, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032008000200008&script=sci_arttext)

20032008000200008&script=sci_arttext. Acessado em 09 de Junho de 2018.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental crítica. Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.

HARAWAY, Donna. **Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80**. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, v. 288, p. 243-288, 1994.

HEINRICH BÖLL FOUNDATION. **Atlas da carne: fatos e números sobre os animais que comemos**. – Rio de Janeiro, 68 p.; ISBN: 978-85-62669-16-3, 2015.

HESPANHA, António Manuel. Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar. **Análise social**, p. 823-840, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/41011827.pdf?refreqid=excelsior%3Afd1cd7088ce9783c1cd1956b2247302>. Acessado em 19 de Dezembro de 2018

HOBSON-WEST, Pru. Beasts and boundaries: An introduction to animals in sociology, science and society. **Qualitative Sociology Review**, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.qualitativesociologyreview.org/ENG/Volume6/QSR_3_1_Hobson-West.pdf. Acessado em 03 de Janeiro de 2019.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE – (IPCC). 2014. Synthesis Report Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva, Switzerland, 151 pp. Disponível em: <http://epic.awi.de/37530/>. Acessado em 02 de Novembro de 2018.

JACKSON, Luiz Carlos. A tradição esquecida estudo sobre a sociologia de Antônio Candido. **Red Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2001

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Edusc, 2004.

LEVAI, Laerte Fernando. **Direito dos animais**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2004.

_____. Crueldade consentida-Crítica à razão antropocêntrica. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 1(1). 2014. Disponível em: <https://www.animallaw.info/sites/default/files/Brazilvol1.pdf>. Acessado em 13 de Fevereiro de 2019.

LOPES, José Sérgio Leite. Sobre processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas da participação. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 31-64, 2006.

LUNA, Stelio Pacca Loureiro. Dor, sensibilidade e bem-estar em animais - sensibilidade e dor. **Ciência Veterinária nos Trópicos**, v. 11, p. 17-21, ISSN 1415-6326, 2008.

MACEDO, Manuel Claudio Motta. Integração lavoura e pecuária: o estado da arte e inovações tecnológicas. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 38, n. 1, p. 133-146, 2009.

MANFREDO, Maria Teresa. Seres humanos e demais animais: hora de discutir a relação. **ComCiência, Scielo**, nº. 134, 2011.

MARIA, Gláucia Santos. 2016. A antropologia ecológica ingoldiana e as relações entre humanos e outros animais. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 3, volume Especial.

MARQUES, Waldemar; SILVA, Marta Leandro da. A trajetória política e histórico-normativa do ensino técnico da área de agropecuária no Estado de São Paulo: a história política de transição por decretos de 1882 a 2001. **Política e Gestão Educacional**, p. 81-104, 2014.

MARX, Karl. (1983). **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo. Martins Fontes.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, (2000).

MINAYO, MC de S., and ODÉCIO. Sanches. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de Saúde Pública** 9.3, (1993)

_____, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec. (2004)

MONBIOT, George. 2010. **The Guardian**. [COLE, Mattheuw. 2015 Critical Animal and Media Studies: Communication for Nonhuman Animal Advocacy. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acessado em 19 de Janeiro de 2019.

MOREIRA, N. M., Sola, M. C., Feistel, J. C., de Oliveira, J. J., & de Freitas, F. **A. Os mecanismos de resistência bacteriana da salmonella sp. Frente à utilização de antibióticos**. Centro Científico Conhecer. Goias, Goiana, Brasil, 2013.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab; DE FREITAS, L. **Carta da transdisciplinaridade**. In: Convento de Arrábida. I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Portugal, 1994.

MOSCATELI, R., A liberdade como conceito metafísico e jurídico em Rousseau. v. 15, n. 24 ed. s.l. **Princípios: Revista de Filosofia** (UFRN). 2010.

MUNRO, Lyle. **Contesting moral capital in campaigns against animal liberation**. **Society & Animals**, v. 7, n. 1, p. 35-53, 1999.

NACONECY, C. M., As (des)analogias entre racismo e especismo. s.l.: **Revista Brasileira de Direito Animal**. 2014a.

_____. **Sobre uma ética da vida: o biocentrismo moral e a noção de bio-respeito em ética ambiental**. Dissertação de Doutorado em Filosofia, 2007.

_____. **Bem-estar animal ou libertação animal? Uma análise crítica da argumentação antibem-estarista de Gary Francione**. Revista brasileira de direito animal, v. 4, n. 5, 2014b.

NOEL, Gabriel; GARRIGA ZUCAL, José. Notas para una definición antropológica de la violencia: un debate en curso. **Antropología y Ciencias Sociales**, n. 9, 2010.

PACHECO, Cristiano de Souza Lima. A Constituição do Equador e o direito dos animais em um mundo em transformação. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 10, n. 7, 2013.

PORCHER, Jocelyne. **“Você liga demais para os sentimentos” “Bem-estar animal”, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas.** Forclusão do feminino na organização do trabalho: um assédio de gênero, v. 14, n. 3, p. 35, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

POSSAMAI, F. V. & SOUZA, R. T., **O homem e o paradigma ambiental.** s.l.:Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUC RS. 2009.

POSSAMAI, F. V., A posição do ser humano no mundo e a crise ambiental contemporânea. v. 1 ed. s.l.:**Revista RedBioética/UNESCO.** 2010.

PRADA, Irvênia Luiza et al. Bases metodológicas e neurofuncionais da avaliação de ocorrência de dor/sofrimento em animais. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 5, n. 1, p. 01-13, 2002.

PROMCHAN, K., SUNDRUM, A., THORNBUR, P., WHITTINGTON, P., & SONG, W. (2009). **Capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal.** Roma (Itália): FAO. Fiat Panis.

RAMIRO, Daniel Pereira. **Vivisseção: uma disputa em sua regulamentação: das ruas ao parlamento.** Dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas. (2011)

RAYMUNDO, Marcia Mocellin; GOLDIM, José Roberto. **Ética da pesquisa em modelos animais.** Revista Bioética, v. 10, n. 1, 2009.

REGAN, T., **Defending animal rights.** Chicago: University of Illinois Press. 2001.

_____. **Jaulas Vazias.** s.l.:Lugano. 2006.

_____. **The Animal Rights Debate.** Lanham: Rowman & Littlefield, (2001).

RIFIOTIS, Theophilos. Alice do outro lado do espelho: revisitando as matrizes das violências e dos conflitos sociais. **Revista de Ciências Sociais**, v. 37, n. 2, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**, (1754).

ROZZI, Ricardo. Hacia una superación de la dicotomía biocentrismo-antropocentrismo. **Ambiente y desarrollo**, p. 2-11, 1997.

RYDER, Richard, D. **Os animais e os direitos humanos**. **Revista Brasileira de Direito Animal** v.3, n.4, (2014).

_____. **Victims of Science: The Use of Animals in Research**. London: Davis-Poynter, (1975).

SAGAN, Carl. Why We Need To Understand Science. **The Skeptical Inquirer**. 1990.

SALDANHA MACHADO, Carlos José et al. **A regulação do uso de animais no Brasil do século XX e o processo de formação do atual regime aplicado à pesquisa biomédica**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. 1, 2010.

SALTER, Colin. Animals and War: Anthropocentrism and Technoscience. **NanoEthics**, v. 9, n. 1, p. 11–21, 2015.

SAMPAIO, Alexandre Amstalden Moraes et al. Comparação de sistemas de avaliação de dietas para bovinos no modelo de produção intensiva de carne. Suplementação do pasto para vacas na estação seca. **Revista Brasileira de Zootecnia**, p. 1287-1292, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/4720>. Acessado em 09 de Junho de 2018

SANTANA, Heron José. **Abolicionismo animal**. 2006. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: < [http://repositorio. UFPE. br](http://repositorio.ufpe.br), v. 8080, 2006.

SANTANA, Luciano Rocha; OLIVEIRA, Thiago Pires. Guarda responsável e dignidade dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 1, n. 1, p. 67-105, 2006.

SANTOS, Anabela. Nocella II, AJ; Sorenson, J.; Socha, K. e Matsuoka, A.(Eds.)(2014). Defining critical animal studies: An intersectional social justice approach for liberation. Nova Iorque: Peter Lang. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 3, n. 1, p. 415-418, 2016.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. **Estudos avançados**, v. 6, n. 14, p. 95-106, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v6n14/v6n14a07.pdf>

SILVA, Tagore Trajano de Almeida. **Direito Animal e ensino jurídico: formação e autonomia de um saber pós-humanista**. Salvador, Bahia: Universidade Federal da Bahia. 2014.

SILVA, Tagore Trajano de Almeida. Direito animal e hermenêutica jurídica da mudança: a inserção da linguagem dos movimentos sociais em um novo significado jurídico. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 3, n. 4, 2014b.

SILVA, Tagore Trajano de Almeida. (2009). Capacidade de ser parte dos animais não-humanos: repensando os institutos da substituição e representação processual. In: **Derecho Animal. Forum of Animal Law Studies**. 2010. p. 1-25. Disponível em <https://revistes.uab.cat/ojs-da/da/article/view/v1-n3-trajano>. Acessado em 04 de Janeiro de 2019.

SISMONDO, Sergio. **An introduction to science and technology studies**. Blackwell Publishing, 2005.

SINGER, P. & XAVIER, A., **Vida ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade**. s.l.:Ediouro. 2002.

SINGER, Peter. **Practical Ethics**, 1979, trad. it. Ética prática, (1979).

_____. **Libertação Animal**. Porto Alegre: Lugano, (2004).

SMITS, Martijntje. Taming monsters: The cultural domestication of new technology. **Technology in Society**, v. 28, n. 4, p. 489-504, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160791X0600039X>. Acessado em 17 de Junho de 2018.

SORDI, Caetano. **Heidegger, Ingold e as (zoo) técnicas: uma discussão a partir da bovinocultura de corte brasileira**. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 22, n. 22, p. 118-133, 2014.

STEFAN, Amanda Cristina. **Em defesa dos animais não-humanos: uma análise crítica da teoria utilitarista de Peter Singer**. 2018. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SUSTEIN, C. R., **O direito dos animais**. v. 9, n.16 ed. s.l.:Revista Brasileira de Direito Animal. 2014.

THÉRY, Herve et al. **Atlas do trabalho escravo no Brasil**, (2012).

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Editora Companhia das Letras, 2012

TINOCO, Isis Alexandra Pincella; CORREIA, Mary Lúcia Andrade. Análise crítica sobre a declaração universal dos direitos dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 5, n. 7, 2014.

TOLEDO, Maria. GORDILHO, Heron José de Santana et al. **O tratamento jurídico-penal da experimentação animal no Brasil e o caso “Instituto Royal”**. Dissertação de Mestrado. UFBA. 2015.

TONELLA, Livia Helena; DA CONCEIÇÃO, Eliezer de Oliveira; TONELLA, Celene. Filosofia do direito ambiental: os animais enquanto sujeitos de direito. **Revista de Estudos Jurídicos**, v. 2, n. 26, 2016.

TWINE, Richard. Revealing the ‘animal-industrial complex—A concept and method for critical animal studies. **Journal for Critical Animal Studies**, v. 10, n. 1, p. 12-39, 2012. Disponível em: <http://www.criticalanimalstudies.org/wp-content/uploads/2012/10/JCAS+Volume+10+Issue+1+2012+FINAL.pdf#page=13>. Acessado em 03 de Janeiro de 2019.

VARGAS, Eduardo Viana et al. **O Debate entre Tarde e Durkheim**. Teoria & Sociedade (UFMG), v. Espec, p. 28-61, 2015.

VICENTE, Alexandre Meloni et al. **Quem decide?: core set e participação pública no caso da experimentação animal no Estado de São Paulo**. 2012. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

VIEIRA, E. S.de S. **Defesa Agropecuária e Inspeção de Produtos de Origem Animal: uma breve reflexão sobre a Operação Carne Fraca e possíveis contribuições ao aprimoramento dos instrumentos normativos aplicáveis ao setor**. Brasília, (2017). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acessado em 16 de Abril de 2017.

VILLELA, Tatiane da Cunha. **Características da cooperação da Universidade Federal de São Carlos com a Sociedade no período de 2008 a 2012**. Dissertação de Mestrado. 2014.

VOLTAIRE, Françoise. **Tratado sobre la tolerancia**. Larousse-Editorial Tecnos, 2015.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. **Normose: a patologia da normalidade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

WÜST, Caroline; TAGLIANI, Naiara; CONCATO, Ani Carla. **A pecuária e sua influência impactante ao meio ambiente**. VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental - IBEAS - Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, (2015).

WORLD WILD FUND (WWF). **Appetite for destruction**. 2017. Disponível em: https://www.wwf.org.uk/sites/default/files/2017-10/WWF_AppetiteForDestruction_Summary_Report_SignOff.pdf. Acessado em 15 de Outubro de 2018.

ZIMMER, D. Renault, D. **Virtual Water in Food production and Global Trade**. **World Water Council**, FAO_AGLW, 2003.

Referências informais

Agência Nacional de Direito Animal (ANDA). Glossário – **Valor Inerente** - Conceito utilizado por Tom Regan para contrastar com o conceito de valor intrínseco. 05/01/2016. Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2016/01/inerente/>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

Agência Nacional de Direito Animal (ANDA). **Número de pessoas veganas aumenta 600% em três anos nos EUA**. 25 de Janeiro de 2018b. Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2018/01/numero-de-pessoas-vegan-as-aumenta-600-em-tres-anos-nos-eua/>. Acessado em 02 de Novembro de 2018.

ANUALPEC – Anuário da Pecuária Brasileira. Instituto FNP. **Anuário leite. 2018. Indicadores, tendências e oportunidades para quem vive no setor leiteiro**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/36560390/anuario-do-leite-2018-e-lancado-na-agroleite>. Acessado em 25 de Abril de 2019.

AVICULTURA INDUSTRIAL. **Período de botar.** 11 de Abril de 2005. Disponível em: <https://www.aviculturaindustrial.com.br/imprensa/periodo-de-botar/20050411-075705-1523>. Acessado em 05 de Janeiro de 2019.

BALZA, Guilherme. **Campeã em doações, Friboi virou gigante da carne com R\$ 10 bi do BNDS.** Eleições UOL, São Paulo. 10 de Agosto de 2014. Disponível em: <https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/10/campea-em-doacoes-friboi-virou-gigante-da-carne-com-r-10-bi-do-bndes.htm>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

BBC. **Exportação de animais vivos para abate dispara e vira alvo de batalhas na Justiça no Brasil.** 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43116666>. Acessado em 06 de Janeiro de 2019.

BBC. 2014. **A ética do especismo.** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/ethics/animals/rights/speciesism.shtml>. Acessado em 19 de Janeiro de 2019.

BEEFPOINT, 2017. **A carne é fraca gerou impacto na indústria de alimentos em Abril.** BeefPoint. Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/ibge-carne-fraca-gerou-impacto-na-industria-de-alimentos-em-abril/>. Acessado em 12 de Fevereiro de 2018

BEEFPOINT. 2014b. **Confira entrevista exclusiva com Temple Grandin, principal referência em bem-estar animal no mundo, direto do Colorado, EUA.** 29 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/confira-entrevista-exclusiva-com-temple-grandin-principal-referencia-em-bem-estar-animal-no-mundo-direto-do-colorado-eua/>. Acessado em 02 de Maio de 2018.

BEEFPOINT. 2018c. **Bem-estar animal encabeça lista de causas que preocupam os americanos.** 23 de Abril de 2018. Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/bem-estar-animal-encabeca-lista-de-causas-que-preocupam-os-americanos/>. Acessado em 03 de Maio de 2018.

CANAL RURAL. **Com 77 litros de leite em um dia, vaca holandesa de Farroupilha (RS) vence o concurso leiteiro da Expointer.** 28 de Agosto de

2012. Disponível em: <https://canalrural.uol.com.br/sites-e-especiais/com-litros-leite-dia-vaca-holandesa-farroupilha-vence-concurso-leiteiro-expointer-36662/>. Acessado em 05 de Janeiro de 2019.

CARREIRO, Juliana. **Mercado vegano cresce 40% ao ano no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/comida-de-verdade/mercado-vegano-cresce-40-ao-ano-no-brasil/>. Acessado em 02 de Outubro de 2018.

CARTA CAPITAL. **A ofensiva do agronegócio sobre as terras indígenas**. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-agronegocio-nao-aceita-perder-espaco-para-os-indios/> Acessado em 02 de Outubro de 2018.

CASTRO, Ilda. 2018. **Conversa com Rod Benisson* a propósito da Minding Animals International Incorporated, da Conferência Minding Animals e dos Estudos Animais**. Disponível em: <https://animaliavegetaliaineralia.org/investigacao-research-2/>. Acessado em 10 de Fevereiro de 2019.

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2016a. Categoria caso Instituto Royal. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/categoria/caso-instituto-royal>. Acessado em 21 de Janeiro de 2019.

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2016b Ao lado de Tony Ramos, Roberto Carlos fará campanha para a empresa que mais mata animais no mundo. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/ao-lado-de-tony-ramos-roberto-carlos-fara-campanha-para-a-empresa-que-mais-mata-animais-no-mundo/>. Acessado dia 10 de Fevereiro de 2018

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2016c. Rodrigo Faro, Fátima Bernardes e Alex Atala se unem para incentivar o abate de animais. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/rodrigo-faro-fatima-bernardes-e-alex-atala-se-unem-para-incentivar-o-abate-de-animais/>. Acessado em 11 de Fevereiro de 2018

CHAVES, F. **VISTA-SE**, (2017a) JBS-Friboi perde mais de 5 bilhões em valor de mercado por conta da operação carne fraca. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/jbs-friboi-perde-mais-de-r-5-bilhoes-em-valor-de>

mercado-por-conta-da-operacao-carne-fracas/. Acessado em 05 de Fevereiro de 2018.

CHAVES, F. **VISTA-SE**, 2017b. Dois frigoríficos alvos da operação carne fraca decidem fechar as portas definitivamente. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/dois-frigorificos-alvos-da-operacao-carne-fracas-decidem-fechar-as-portas-definitivamente/>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

CHAVES, F. **VISTA-SE**, 2017c. Lucro da JBS-FRIBOI cai 80% no primeiro trimestre considerado depois da operação carne fraca. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/lucro-da-jbs-friboi-cai-80-no-primeiro-trimestre-considerado-depois-da-operacao-carne-fracas/>. Acesso dia 05 de Fevereiro de 2018.

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2017d. Jornal nacional dedica mais de 20 minutos para a cobertura da operação carne fraca da PF. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/jornal-nacional-dedica-mais-de-20-minutos-para-a-cobertura-da-operacao-carne-fracas-da-pf/> Acessado em 09 de Fevereiro de 2018

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2017e. Silvio Santos recusa 100 milhões da JBS-Friboi e mostra mais uma vez que sabe negociar. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/silvio-santos-recusa-r-100-milhoes-da-jbs-friboi-e-mostra-mais-uma-vez-que-sabe-negociar/> Acessado dia 10 de Fevereiro de 2018

CHAVES, F. **VISTA-SE**. 2018. Vegetariano, Cid Moreira recusa proposta de R\$ 2 milhões da JBS-Friboi para comercial de carne. Disponível em: https://www.vista-se.com.br/wp-content/cache/page_enhanced/www.vista-se.com.br/vegetariano-cid-moreira-recusa-proposta-de-r-2-milhoes-da-jbs-friboi-para-comercial-de-carne/_index.html_gzip. Acessado em 10 de Fevereiro de 2018.

Ciências Sem Fronteiras, 2014. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/noticias/-/asset_publisher/Dh91/content/bolsista-do-ciencia-sem-fronteiras-conclui-pesquisa-sobre-testes-alternativos-ao-uso-de-animais Acessado em 09 de Dezembro de 2017

COMPRES RURAL. 2016. Auroque: conheça os ancestrais dos bovinos, último indivíduo morreu em 1627. Disponível em: <https://www.comprerural.com/auroque-conheca-os-acentrais-dos-bovinos-ultimo-individuo-morreu-em-1627/>. Acessado em 24 de Abril de 2019.

Congresso em Foco. Os debutados e senadores financiados pela JBS, de acordo com delação. 22 de Maio de 2017. **Congresso em Foco**. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/os-deputados-e-senadores-financiados-pela-jbs-segundo-a-delacao/>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

Declaração da Cambridge sobre Consciência Animal. (2012) Disponível em: <http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf> .

Acessado em 24 de Agosto de 2016.

CULTIVANDO. Quantos ovos uma galinha bota por dia? 23 de Setembro de 2017. Disponível em: <https://www.cultivando.com.br/quantos-ovos-uma-galinha-bota-por-dia/>. Acessado em 05 de Janeiro de 2019.

DICAS ANIMAIS. Caudectomia canina. Disponível em: <http://www.dicasanimais.com.br/caudectomia-canina/>. Acessado em 11 de Junho de 2018.

DN – Diário de Notícias de Portugal. Apreendido leite cru com água oxigenada para disfarçar “má qualidade”. 29 de Junho de 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/apreendidoleite-cru-com-agua-oxigenada-para-disfarcar-ma-qualidade-8600207.html>. Acessado em 11 de Junho de 2018.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Alternativas para redução das queimadas em Rondônia**. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/100782/1/Folder-tracao-animal.pdf>. Acessado em 23 de Junho de 2018.

ESTADÃO (2017) Policia federal indicia alvos da carne fraca entre eles homens da BRF e JBS. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/policia-federal-indicia-alvos-da-carne-fraca-entre-eles-homens-da-brf-e-jbs/>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

FARAGE, Nádia. **Ambientalismo e os Animais: Encontros e Desencontros**. (2014) Palestra proferida na Mesa de Encerramento (Mesa-Redonda) na data 10/2014, na IX Semana Vegetariana da Unicamp, (06/10/2014 a 09/10/2014), Campinas, SP, BRASIL

FILHO, João. **Você já comeu a Amazônia hoje?** 2006. Disponível em: <http://www.proanima.org.br/ProAnima/www.proanima.org.br/pise-leve-no-planeta/vegetarianismo/voce-ja-comeu-a-amazonia-hoje.pdf>. Acessado em 10 de Janeiro de 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2017a. Operação Carne Fraca. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2017/operacao-carne-fraca/>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

FOLHA DE SÃO PAULO. VOL. 2 - No.44. 4 de novembro de 1999. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=14423&keyword=COMER&anchor=694034&origem=busca&pd=a0a08267ff8cba71d9ff8db040ebc041>. Acessado em 01 de Maio de 2019.

FORMIGONI, Ivan. Farm News. **Consumo mundial de carnes, qual a expectativa para a próxima década**. 20 de fevereiro de 2018. Disponível em: www.farmnews.com.br/historias/consumo-mundial-de-carnes-2/. Acessado em 02 de Novembro de 2018.

G1 (2017a). Juiz aceita denúncias contra 59 pessoas no âmbito da operação carne fraca. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/juiz-aceita-denuncias-contra-59-pessoas-no-ambito-da-operacao-carne-fraca.ghtml>
Acessado em 09 de Fevereiro de 2018

G1. 2017b. Empresas do setor de carne perdem quase 8 bi em valor de mercado após operação da PF. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/empresas-do-setor-de-carne-perdem-quase-r-8-bi-em-valor-de-mercado-apos-operacao-da-pf.ghtml>
Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

G1, 2017c. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/carne-fraudada-sugere-um-mosaico-de-reflexoes-sobre-agropecuaria-no-pais.html>. Acessado em 11 de Fevereiro de 2018

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK (GFN). **Pegada ecológica e pegada hídrica**. Disponível em: [//www.footprintnetwork.org/](http://www.footprintnetwork.org/). Acessado em 05 de Janeiro de 2019.

Humane Society International (2011). **Impacto da Criação de Animais para Consumo no Meio Ambiente e nas Mudanças Climáticas no Brasil**

Um relatório da HSI. Disponível em: http://www.hsi.org/portuguese/issues/pecuaria_industrial/facts/mudancas_climaticas_pdf_intro.html. Acessado em 10 de Maio de 2018

HERRMANN, Hildebrando. Notas de aula. Direito dos recursos naturais. Pós-graduação. NEPAM. UNICAMP. 2014

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação. 2018** Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?&t=destaques>. Acessado em 06 de Janeiro de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rebanho de bovinos tem maior expansão da série histórica**. 2017. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16994-rebanho-de-bovinos-tem-maior-expansao-da-serie-historica>. Acessado em 06 de Janeiro de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Abate de animais, produção de leite, couro e ovos**. 2015. Disponível em https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagrropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201502_1.shtm. Acessado em 06 de Janeiro de 2019.

JOY, Melanie. **De carnívoros a carnistas: libertando a linguagem da carne**. Setembro de 2001. Disponível em: <http://www.satyamag.com/sept01/joy.html>. Acessado em 18 de Janeiro de 2019.

KO, Aph. **Black Vegans Rock: 100 black vegans to check out.** Disponível em: <https://strivingwithsystems.com/2015/06/11/blackvegansrock-100-black-vegans-to-check-out/>. Acessado em 02 de Novembro de 2018.

LORIA, Joe. 2016. **Angela Davis: Feminist, Civil Rights Activist, and Vegan.** Disponível em: <https://mercyforanimals.org/angela-davis-feminist-civil-rights-activist>. Acessado em 18 de Janeiro de 2019.

MARQUES, Luiz. Palestra. Sustentabilidade ambiental e o modelo alimentar baseado em produtos de origem animal. Palestra proferida no **Fórum Sustentabilidade, saúde e ética no século XXI.** Unicamp. Campinas, SP. 27 de setembro de 2017

MARTINI, Luís. (2016) Palestra proferida no **XVII Evento de Direito Animal UNESP**, Rio Claro, dia 27 de Junho de 2016

MCPMAHAN, Jeff. **Vegetarian Oxford lecturer asks if it's wrong to eat meat.** Oxford Mail. 30 de Outubro de 2017. Disponível em: http://www.oxfordmail.co.uk/news/15622507.Vegetarian_professor_asks___is_killing_animals_actually_good_for_them___/. Acessado em 19 de Fevereiro de 2018

MENICONI, Tadeu. 2012. Vaca Transgênica produz leite que causa menos reações alérgicas. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/10/vaca-transgenica-produz-leite-que-causa-menos-reacoes-alergicas.html>. Acessado em 25 de Abril de 2019.

METELLO, Nuno. 2009. **Notáveis vegetarianos e defensores do vegetarianismo.** Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2010/02/notaveis-vegetarianos-e-defensores-do-vegetarianismo/>. Acessado em 21 de Janeiro de 2019.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Linhas de crédito.** 24/07/2017. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animal/linhas-de-credito>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Legislação.** 04/06/2018. Disponível em:

<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animal/legislacao>. Acessado em 10 de Junho de 2018.

MONTEIRO (2014). **Merleau-Ponty e a luta pela libertação animal na esquerda política**. Disponível em: https://colunastortas.com.br/a-luta-pela-libertacao-animal-na-esquerda/?fbclid=IwAR2AdtVtwJCaVdMLWIRS4NJaQeN2eCQDvUOj9Y_aJNurDpOFOu0mTXYrrY. Acessado em 18 de Janeiro de 2019.

NATIONAL GEOGRAPHIC. 2019. O Antepassado dos bois actuais: o impressionante auroque. Disponível em: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/actualidade/945-o-antepassado-dos-bois-actuais-o-impressionante-auroque>. Acessado em 24 de Abril de 2019.

NOVAES, Dulcinéia. **G1. Operação revela venda de carne vencida e moída com papelão**. 17 de Março de 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/03/operacao-revela-venda-de-carne-vencida-e-moida-com-papelao.html>. Acessado em 20 de Fevereiro de 2018

O Globo. **De carne estragada a uso de produtos cancerígenos: veja as irregularidades dos frigoríficos**. 17 de Março de 2017. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/de-carne-estragada-uso-de-produtos-cancerigenos-veja-as-irregularidades-dos-frigorificos-21076007>. Acessado em 20 de Fevereiro de 2018

ONG Moendo Gente. Disponível em: <http://moendogente.org.br>. Acessado em 11 de Fevereiro de 2018

ONU. Pecuária e indústria química trazem riscos de contaminação dos solos, alerta FAO. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pecuaria-e-industria-quimica-trazem-riscos-de-contaminacao-dos-solos-alerta-fao/>. Acessado em 20 de Fevereiro de 2018

PEOPLE FOR THE ETHICAL TREATMENT OF ANIMALS (PETA). **Os animais não são nossos**. Disponível em: <https://www.peta.org/issues/animals-used-for-experimentation/us-government-animal-testing-programs/food-drug-administration/>. Acessado em 03 de Novembro de 2018.

PEOPLE FOR THE ETHICAL TREATMENT OF ANIMALS (PETA). **Did you know? Civil rights and animal rights are linked.** Disponível em: https://www.peta.org/wp-content/uploads/2018/02/p2_Black_Activist_Bios_FINAL.pdf. Acessado em 03 de Novembro de 2018.

PIPP, John. GGN Jornal. **Especialista diz que é possível parar com os testes em animais.** 06 de Novembro de 2013. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/especialista-diz-que-e-possivel-parar-com-os-testes-em-animais>. Acessado em 20 de Agosto de 2018.

PRAZERES, Leandro. **Doações da Friboi a políticos chegam a 18,5% de empréstimos com BNDS.** Folha Política. São Paulo, 22 de Maio de 2014. Disponível em <https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/162635574/doacoes-da-friboi-a-politicos-chegam-a-18-5-de-emprestimos-com-bndes>. Acessado em 17 de Fevereiro de 2018

REVISTA CONSULTOR JURÍDICO. 2017. **Revista Consultor Jurídico.** Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-jun-07/emenda-constituicao-libera-vaquejada-rodeio-pais>. Acessado em 08 de Dezembro de 2017

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA (SVB). **Pesquisa IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil.** Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>. Acessado em 01 de Novembro de 2018.

SOUZA, Robson. **Carnismo e carnista: é uma boa ideia continuar utilizando essas palavras no meio vegano?** Setembro de 2016. Disponível em: <http://veganagente.com.br/carnismo-carnista/>. Acessado em 18 de Janeiro de 2019.

SOUZA, Daniel Martins. Avanços em ciência de ponta sem o uso de modelos animais. Palestra proferida **no Fórum Sustentabilidade, saúde e ética no século XXI. Unicamp. Campinas, SP.** 27 de Setembro de 2017

STAFFORINI, Pablo. **Animals rights library**. Disponível em: <http://www.animal-rights-library.com/>. Acessado em 21 de Janeiro de 2019.

THE TELEGRAPH. **Michael Leahy**. 08 de Julho de 2007. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/1553905/Michael-Leahy.html>. Acessado em 09 de Maio de 2018.

TRÉZ, Thales. Paradigmas da pesquisa científica e a necessidade (?) dos usos de animais não humanos. Palestra proferida no **Fórum Sustentabilidade, saúde e ética no século XXI. Unicamp**. Campinas, SP. 27 de setembro de 2017

UOL. **Já ouvir falar em fazenda de bile? Ursos são criados para gerar medicamento**. 07 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2016/10/07/paises-asiaticos-criam-ursos-em-cativeiro-para-retirada-da-bilis.htm>. Acessado em 02 de Maio de 2018.

VEJA. Leite com formol, soda cáustica e água oxigenada foi vendido em SP. 14 de Março de 2014. **VEJA**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/leite-com-formol-soda-caustica-e-agua-oxigenada-foi-vendido-em-sp/>. Acessado em 19 de Fevereiro de 2018.

VEJA. 2016. Criado leite de vaca transgênico, mais similar ao humano. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/criado-leite-de-vaca-transgenico-mais-similar-ao-humano/>. Acessado em 25 de Abril de 2019.

FOOD & WATER WATCH. **FactoryFarmMap**. Disponível em: www.factoryfarmmap.org. Acessado em 09 de Junho de 2018

WORLD WILD FUND (WWF). **Por que soja?** 2018. https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/agricultura/agr_soja/

WRENN, Corey. **Vegan Feminist History**. Disponível em: www.veganfeministnetwork.com/history/vegan-feminist-history/. Acessado em 10 de Fevereiro de 2019.

Literatura e cinema

A Carne é Fraca. Instituto Nina Rosa. Kosmuzik Produções 2004. 54 Minutos. Disponível em: <http://www.institutoninarosa.org.br/material-educativo-2/a-carne-e-frac/>. Acessado em 21 de Fevereiro de 2018

Curta-metragem **The Herd** (O rebanho). dirigido por Melanie Light e escrito por Ed Pope. 2014. Disponível em: <http://www.culturaveg.com.br/o-rebanho-um-filme-de-terror-para-os-humanos-realidade-para-os-animais/>. Acessado em 08 de Janeiro de 2019.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Editora Companhia das Letras, [1954], 2007.

PETA, People for the Ethical Treatment of Animals. **Glass Walls: paredes de vidro**. Vídeo produzido por PETA e Paul McCartney. EUA, 2007. 13 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-9XJNAWqw>. Acessado em 13 de Fevereiro de 2018

WHITMAN, Walt. **Leaves of Grass**. 1855. Western Illinois University Edition. Disponível em: <http://faculty.wiu.edu/M-Cole/WaltWhitmanLeavesofGrass1855.pdf>. Acessado em 07 de Janeiro de 2019.

APÊNDICE I. Roteiro norteador para entrevista não estruturada

1. Nome.
2. **TRAJETÓRIA:** Trajetória pessoal até a escolha da área de estudo e escolha da especialização;
3. **PERCEPÇÃO:** A percepção dos animais mudou nesse trajeto? Se sim, por quê? O que mudou? Como é hoje?
4. **ABOLICIONISMO/ANIMALISMO – O QUE É?:** O que você conhece por movimento animalista, abolicionista, ou pelos outros termos como movimento de luta por libertação animal, veganismo ou direitos animais?
5. **PERCEPÇÃO DOS ANIMALISTAS:** Como você acha que eles veem os animais?
6. **RELAÇÃO:** As ações do movimento ou as reflexões/percepções dos animalistas têm alguma relação com o seu trabalho? Muda ou influência em alguma coisa, seja no âmbito abstrato ou no prático? E especificadamente da parte de desenvolvimento tecnológico neste setor?
7. **CONTATO:** Você já teve algum tipo de contato com algum participante do movimento? Como foi?
8. **CONTESTAÇÕES:** Os animalistas fazem contestações à ciência e aos cientistas como nos casos de: testes em animais, exportação de animais vivos, uso de animais para produção de alimentos, couro e demais usos como entretenimento rodeio, vaquejada, zoológicos, circos. Como você enquanto cientista lida ou acomoda tais contestações sociais?
9. E em relação às contestações acerca da questão socioambiental (desmatamento, poluição, uso de água, solo, mudanças climáticas, soja pra ração) e saúde pública (transgênicos, antibióticos, hormônios, etc) envolvida?

APÊNDICE II. Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Título da pesquisa (quando enviada ao Comitê de Ética em Novembro de 2017): Caminhos no desenvolvimento tecnológico da pecuária: jaulas menores, maiores ou vazias?

Título atualizado (Setembro de 2018): Relações entre o movimento animalista e o desenvolvimento tecnológico da indústria animal.

Responsável pela pesquisa: Mestranda Carolina Braz Góes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lais Silveira Fraga.

Instituição de origem: Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA – UNICAMP.

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre a pesquisa que você está sendo **convidado (a)** a participar. Antes de decidir se deseja participar (de **livre e espontânea vontade**) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a **assiná-lo e receberá uma via do mesmo**.

Antes de assinar, **faça perguntas** sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo ficará sempre aberta às suas perguntas (antes, durante e após o estudo). Sua participação é voluntária, o que significa que **você poderá desistir a qualquer momento**, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.

De maneira resumida, essa pesquisa procura compreender se o crescente movimento dos direitos animais influenciou o modo como os (as) pesquisadores (as), de produção animal, atuam no desenvolvimento de tecnologias deste setor. E se há alguma relação entre este movimento, a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico na zootecnia.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) a **entrevista não estruturada**, onde poderá discorrer livremente sobre os tópicos que lhe forem solicitados.

Riscos e desconfortos

Essa entrevista não trará nenhum risco a sua saúde física ou mental. Se você achar que pode causar algum dano à sua dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, você não precisa participar. Não existe a possibilidade de dimensionar se há riscos previsíveis aos participantes dessa pesquisa. Em relação a desconfortos, é previsto o desconforto de gasto de tempo de no mínimo 20 minutos para participar. Não há máximo de tempo, pois a entrevista não é estruturada e depende do tempo que você dispor e tiver interesse, porém acredita-se que durará no máximo 1 hora.

Benefícios

A sua participação nessa pesquisa não gera benefícios diretos a você, a não ser que você enquanto pessoa, cidadão, pesquisador, cientista ou professor, manifeste satisfação e alegria em colaborar com a realização dessa pesquisa. Você também pode se beneficiar aproveitando para refletir sobre o assunto e se beneficiar do prazer de compartilhar suas opiniões e experiências. Indiretamente, sua participação poderá ajudar no esclarecimento e compreensão do assunto, em responder a pergunta da pesquisa e em colaborar com esta pesquisa, com os estudos dela proveniente e com a dissertação que será escrita no futuro.

Outras informações

Todas as informações obtidas serão **sigilosas**. O material com as suas informações (gravações, transcrições, anotações, entre outras) ficará guardado em local seguro sob a responsabilidade do pesquisador principal com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e que será destruído após a pesquisa. **A divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.**

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, **sem revelar seu nome ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.**

Não vai haver nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa você não vai ter nenhum gasto. No entanto haverá garantia de indenização diante eventuais danos decorrentes da pesquisa (art.IV.3, Item h da Resolução 466/212).

Você ficará com uma via deste Termo e toda dúvida que tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Carolina Braz Góes, através do e-mail carolina.braz.goes@gmail.com.

Declaração do participante

Declaro que fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora sobre a presente pesquisa e sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga prejuízo ou penalidade e que meu nome nunca será revelado.

*Nome legível do (a) participante

* Assinatura do (a) **participante**

*E-mail do **participante**: _____

Cidade: _____ Data: _____

Declaração da pesquisadora

"Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante."

Carolina Braz Góes

Pesquisadora

CAAE de aprovação do protocolo de pesquisa do Comitê de Ética: nº
84373317.1.0000.5404

De acordo com Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS; resolução
466/2012 CNS/MS, artigo IV.5 letra d

Endereço da responsável pela pesquisa:

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas.
Endereço: R. Pedro Zaccaria, 1300. Bairro: Jd Santa Luiza – Limeira - SP - Cep: 13.484-350
Telefones p/contato: 019-37016730 e-mail: carolina.braz.goes@gmail.com

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas. Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126. Caixa postal: 6111. CEP: 13083-887. Campinas-SP. Fone: 19- 3521-8936. FAX: 019-35217187. E-mail: cep@fcm.unicamp.br